

MARIA LUIZA SOARES FERREIRA BORGES

**FUNÇÃO MATERNA E FUNÇÃO PATERNA,
SUAS VIVÊNCIAS NA ATUALIDADE**

Uberlândia

2005

MARIA LUIZA SOARES FERREIRA BORGES

**FUNÇÃO MATERNA E FUNÇÃO PATERNA,
SUAS VIVÊNCIAS NA ATUALIDADE**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Aplicada.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Inês Baccarin.

Uberlândia

2005

MARIA LUIZA SOARES FERREIRA BORGES

**FUNÇÃO MATERNA E FUNÇÃO PATERNA,
SUAS VIVÊNCIAS NA ATUALIDADE**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Aplicada.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Inês Baccarin.

Banca Examinadora:

Uberlândia, 15 de abril de 2005.

Profa. Dra. Maria Inês Baccarin - UFU

Profa. Dra. Maria Cecília Pereira da Silva - PUC/SP

Prof. Dr. Luiz Carlos Avelino da Silva - UFU

À Deus pai e mãe, criador, pelo dom da vida e a capacidade de desenvolver.

À meu querido pai, sempre presente nas lembranças de encorajamentos e incentivos a meu crescimento como pessoa.

MUITO A AGRADECER

Aos pais, que possibilitaram-me significativas reflexões ao generosamente partilharem suas vivências com a parentalidade.

A Profa. Dra. Maria Inês Baccarin, orientadora e amiga que muito me auxiliou em todo o processo de elaboração e feitura da dissertação, com carinho, continência, respeitando meu ritmo e interesse, num contínuo exercício de pensar, elaborar, escrever e aprender.

A meu Tio Paulo, que como um pai carinhoso, ajudou-me na correção do português.

Às colegas psicólogas do CEEPU: Salete de Sousa Jesus, Maria Aparecida Silva Junqueira, Nara Cristina Rezendo Gomes, Marcela Maria Borges Leite, Nilza Lacerda Inácio e Ana Paula Soares Ferreira, que colaboraram comigo nas transcrições das entrevistas.

À Maria Salete de Freitas Pinheiro pelo cuidado atencioso com a revisão bibliográfica.

À Ms. Édio José Alves pela dedicação no trabalho de formatação.

À minha querida irmã Glória por sua colaboração no abstract.

À Edson por sua parceria amorosa e acolhedora que me animou no meu cansaço e foi presença e afeto junto a nossos filhos em momentos que necessitei estar ausente.

Aos meus amados filhos que muito compreenderam os momentos de ausência, e que muito me gratificam e amadurecem como mãe.

Aos amigos que me apoiaram direta ou indiretamente.

O mais humilhante - ou o mais comovente, depende do ângulo de visão - reside no fato de que, mesmo se fosse possível conservar a vida por algum processo miraculoso, ainda assim seria preciso receber de outros a faculdade de ser humano, de pensar, de inserir se em uma cultura (SILVA, 1988, p. 7).

RESUMO

O tema “função materna e função paterna na atualidade” refere-se a uma investigação teórica e prática acerca do exercício das funções materna e paterna. A investigação teórica foi desenvolvida sob a ótica da psicanálise pelo recorte de autores de correntes distintas de pensamento tendo como eixo comum a importância das funções materna (Klein, Bion, Winnicott e Dolto) e paterna (Freud, Winnicott, Dor e Hurstel) na estruturação e desenvolvimento do psiquismo da criança, numa tentativa de ir fazendo o percurso destas duas funções, no período inicial onde elas são germinadas e como vão caminhando, paralelamente ao desenvolvimento da criança. A investigação prática, diz respeito a utilização do método psicanalítico em entrevistas abertas com quatro casais, pais de crianças entre zero e cinco anos, com o objetivo de observar, mapear e considerar suas vivências no exercício das funções materna e paterna, a partir de suas concepções, e de como estão se estruturando, frente as grandes mudanças ocorridas no universo de homens e mulheres na atualidade. No trabalho de elaboração e feitura da dissertação foi utilizado o método da auto-organização de inspiração psicanalítica (Baccarin). Ao mapear e tomar em consideração as experiências dos pais no exercício de suas funções pude perceber que o tornar-se mãe e pai dá-se em um processo gradual desde a gestação e bem antes dela, no desejo a progenitura, no contato entre os parceiros, sua criança e a sociedade, através de um interjogo de conflitos e angústias, hoje acrescido pelas inúmeras demandas do mundo atual, que levam a um estado de profunda turbulência emocional, e muitas vezes a um sentimento de desautorização das vivências da parentalidade. Devido às inúmeras demandas do mundo atual, os pais parecem contar hoje com uma certa parceria entre pai e mãe, a “co-parentalidade” (Bal) na qual as funções parecem estar sendo exercidas de acordo com a capacidade psicoafetivo dos mesmos diferentemente de uma época onde os papéis eram rigidamente definidos, discriminados. Fato que parece tornar os homens mais próximos dos filhos nos contatos iniciais da vida dos mesmos, em funções antes consideradas unicamente da mulher. As mulheres, por sua vez, estão vivendo cada dia mais cedo a interrupção em seu contato íntimo mãe-bebê, hoje, devido a gama de demandas e facetas de realização da mulher, dentre elas, o trabalho. Com isso a função de “holding” tem sido solicitada a ser distribuída com o pai, as famílias parentais e a escola. O interesse em investigar o tema está na possibilidade de reflexões que possam ser úteis ao trabalho de educadores e de psicólogos clínicos, particularmente, no que se refere a escuta e orientação de pais.

ABSTRACT

The subject “maternal function and paternal function, nowadays” refers to a theoretical and a practical investigation concerning the exercise of those functions. The theoretical investigation was developed through the psychoanalysis optics, in the pruning of authors from distinct thoughts tendency, having in common the importance of maternal function (Klein, Bion, Winnicott and Dolto) and paternal function (Freud, Winnicott, Dor and Hurstel) in structuring and development of child psychism, in an attempt to perform their functions as parents since the first stage where they have been conceived and how they follow up children development. The practical investigation concerns psychoanalytic interviews with four couples with children among zero to five years old, in order to observe, map and consider their experiences in their roles as parents, from their perception, as well as on how they have been structuring their lives in accordance to the great changes in the lives of men and women nowadays. In the elaboration and writing of this essay, it was used the method of self organization of psychoanalytic inspiration (Baccarin). When mapping and considering the parent’s experiences in their roles I could notice that to become a parent starts gradually since conception and even before, when there is the desire of pregnancy, and the contact between partners, their child and society, throughout an intergame of conflicts and anxieties enlarged by today’s enormous world demands that takes them to a state of deep emotional turbulence, and many times a sense of unauthorization of parenting experiences. Due to world’s demands, parents count on a partnership between them (co-parenting), which their roles are performed according to their psychoaffectiveability, differently from the strictly defined roles in the past. This fact seems to make men closer to their children since they are born, a fact that was considered to be exclusivity of women’s. On the other hand, women seem to be living an earlier interruption of their intimate contact with their babies due to the demand of several facet of a woman’s role, among them their work. Thus the function has been distributed among father, relatives and school. The interest on investigating this theme is the possibility of a reflection that can be useful to the work of educators and clinic psychologists, specially on what it concerns parents’ listening and orientation.

SUMÁRIO

| | | |
|-----|--|-----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 | A FUNÇÃO MATERNA E A FUNÇÃO PATERNA SOB A ÓTICA DA PSICANÁLISE | 24 |
| 3 | A IMPORTÂNCIA DAS FUNÇÕES MATERNA E PATERNA NOS PRIMÓRDIOS DA CONSTITUIÇÃO DO SER HUMANO | 28 |
| 3.1 | A função materna e a função materna como ancoradouro para o desenvolvimento físico, afetivo e cognitivo da criança | 44 |
| 4 | FUNÇÃO MATERNA E PATERNA E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO E AS VIVÊNCIAS DO COMPLEXO DE ÉDIPO | 59 |
| 5 | TORNAR-SE MÃE E TORNAR-SE PAI COMO PROCESSO | 70 |
| 6 | O CAMINHO PERCORRIDO NO CONTATO COM O MATERIAL | 77 |
| 6.1 | Um Pouco do Desdobramento dos Contatos da Entrevista | 81 |
| 7 | MAPEAMENTO E CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS VIVÊNCIAS DE FUNÇÃO MATERNA E FUNÇÃO PATERNA NA ATUALIDADE | 86 |
| 7.1 | O Que os Pais Compreendem sobre Função Materna e Função Paterna | 87 |
| 7.2 | A Criança e Suas Influências na Função Materna e na Função Paterna | 105 |
| 7.3 | A Família Parental e Suas Influências no Ser Pai e no Ser Mãe | 118 |
| 7.4 | Função Materna e Função Paterna e a Relação Com o Trabalho | 121 |
| 7.5 | Função Materna e Função Paterna Como Processo | 127 |
| 8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 132 |
| 8.1 | As apreensões sobre o ser mãe e ser pai na atualidade | 132 |
| 8.2 | O Processo de Elaboração da Dissertação | 133 |
| 8.3 | Meu amadurecimento pessoal à partir da feitura da dissertação | 137 |
| | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 140 |
| | Anexo 1 - Carta Informativa à Direção da Escola | 146 |
| | Anexo 2 - Carta Informativa aos Pais | 147 |
| | Anexo 3 - Termo de Consentimento | 148 |

1 INTRODUÇÃO

O tema “Função materna e função paterna, suas vivências na atualidade” surgiu inicialmente de minhas experiências clínicas enquanto psicóloga, a partir de questões que me foram convidando a buscar caminhos para pensá-las através de leituras e reflexões. Tais experiências clínicas referiam-se a três contextos: ao trabalho de orientação com pais de pacientes em atendimento e outros pais, a grupo de mães e a palestras proferidas a pais em escolas. Nestes encontros com os pais sempre são trazidas dúvidas relativas a como proceder com os filhos, de quem é a função de corrigir/orientar, de ensinar, de cuidar do desenvolvimento emocional. Suas queixas pareciam sempre relacionadas a como proceder com os filhos, permitindo-me entrever suas dificuldades quanto ao exercício de suas funções de pais e de mães. As dúvidas de como proceder nas mais variadas tarefas, no que se refere a cuidados físicos, disciplina, educação e contato emocional, estavam sempre permeadas a um questionamento subjacente presente nos pais; o de quem entre os dois deve exercer uma ou outra função. Em outras palavras, quais destas atividades pertencem à função materna e/ou à função paterna. Aqui começa a se delinear como questão para os pais hoje: Em que consiste “ser pai” e “ser mãe”? As funções atribuídas a cada um podem ser trocadas entre eles? Em que reside as diferenças entre eles? Há interfaces? Pude, principalmente, perceber certo despreparo e angústia nos pais quanto ao desempenho de suas funções, relacionados, a meu ver, a mudanças na sociedade, na cultura no que tange aos padrões de “ser homem” e de “ser mulher” e também na configuração familiar (quem deve assumir tais e tais papéis quando os pais se separam). As **dúvidas** em relação a como procederem com os filhos eram relativas, principalmente, às áreas da afetividade, da discriminação das emoções, da identidade de papéis, interdição, entre outros. Ao lado destas questões apresentadas pelos pais de meus

pequenos pacientes, surgiram outras na mesma linha destas, apresentadas por pais que me procuravam para orientações. Estas experiências suscitaram em mim o desejo de iniciar um trabalho com um grupo de mães¹ no sentido de conversar com elas sobre o desenvolvimento emocional de crianças de zero a seis anos. O intuito deste projeto seria a possibilidade de um trabalho “profilático” no sentido de que pais mais preparados emocionalmente, isto é que estariam refletindo sobre sua prática, pudessem estabelecer um contato mais próximo e de maior qualidade emocional com seus filhos. Eu me fundamentava inicialmente na idéia de Klein (1981d) de que a compreensão psicanalítica poderia ajudar o desenvolvimento emocional e intelectual de crianças num carácter preventivo. E, ainda, como menciona Bianchedi (2004), pela idéia da obra de Klein que na educação das crianças poderiam estar as bases para a saúde, para o equilíbrio mental e para o desenvolvimento favorável do carácter². Aqui como o leitor pode perceber já se configurava a importância do tema ao qual escolhi pesquisar. Meu interesse em pesquisar aspectos relativos à importância da função materna e da função paterna para o desenvolvimento da criança e para a estruturação de sua personalidade tem duas vertentes: compreender o ângulo dos pais e suas questões (mapeá-las) e colaborar com eles e com suas crianças em termos de saúde mental.

Destas experiências surgiram também novas indagações. Por que somente as mães procuraram um espaço para orientação? Que lugar tem ocupado o pai na formação das crianças na atualidade? Estariam as mulheres centralizando para si próprias as funções relacionadas à educação e formação das crianças? Ou seriam as mães as portadoras de dúvidas comuns aos pais? Sabemos que historicamente, até meados dos anos cinquenta (LIPOVETSKY, 2000), era assim que as coisas aconteciam: as mulheres é que eram

¹ Inicialmente a idéia seria um grupo para casais de pais, mas como a procura, foi maior por mães, o grupo foi montado com mães.

² “Com o conceito de que evitando a repressão e diminuindo a autoridade, se podia favorecer o desenvolvimento intelectual, da fantasia e da capacidade de julgar e de gozar com o jogo e a partir daí, se estaria frente a um crescimento valioso” (BIANCHEDI, 2004, p. 3).

responsáveis pela função de cuidados com o lar e a elas estava determinada a função de cuidar e educar os filhos. Fato determinado, entre outros fatores, pela divisão social do trabalho. Hoje, no entanto, um grande número de mães exerce atividades de trabalho fora do lar, e o conflito entre suas várias jornadas de trabalho e os cuidados com os filhos ainda persiste (MORAES, 2001).

Além destes aspectos acima citados, gostaria de mencionar algumas das mudanças no mundo contemporâneo, que levaram-me a pensar acerca das vivências do ser pai e do ser mãe na atualidade. No universo feminino, mulheres que se apresentam mais firmes, mais “donas” de si, e buscam novos horizontes antes permitidos apenas para os homens (LIPOVETSKY, 2000). As mudanças sócio-culturais e históricas tanto no âmbito do universo da mulher quanto no do homem têm provocado transformações no processo de quem exerce a função de cuidados primordiais como higiene e alimentação, como também na educação “sócio-afetiva” das crianças (ARAÚJO, 2001).

Moraes (2001) afirma que têm surgido novas formas de **parentalidade**³, fruto das modificações ocorridas na família nuclear, baseadas nos ideais de igualdade dos direitos entre homens e mulheres, oriundos do iluminismo; nas exigências do mundo capitalista e pelas influências do feminismo. De acordo com este autor, este fato tem provocado modificações na forma como tem sido percebida e exercida a função de pais e a função de mães. Este é o eixo de minhas indagações.

Atualmente tem sido veiculadas aos pais, um grande número de informações através dos meios de comunicação de massa⁴, da literatura psicopedagógica e psicanalítica⁵. Como estes

³ Termo utilizado inicialmente pelo psiquiatra Paul-Claude Racamier (1961), juntando as palavras maternidade e paternalidade e posteriormente utilizado por Lebovici (2003) para designar as vivências do ser pai e do ser mãe. Pelo que pude perceber Moraes (2001) também utiliza o termo com este sentido, e é assim, que também faço uso do mesmo nesta dissertação.

⁴ Revistas como a *Veja* com artigos que versam sobre o comportamento humano e educação de filhos.

⁵ Livros a respeito de educação de filhos, desenvolvimento emocional da criança entre outros. Como exemplo podemos citar: *Sem padecer no paraíso* (ZAGURY, 1997), *Confidências de um recém nascido* (ACSERAD, 1993).

as têm compreendido? Será que esta compreensão tem-se dado não apenas intelectualmente, mas emocionalmente, de forma a poderem exercer suas funções de forma mais integrada do ponto de vista psíquico? Penso que a forma como os pais compreendem suas funções determina, em certa medida, a maneira como as vivenciam. Perceber como tem-se dado esta compreensão é um elemento valioso para o trabalho com os pais, seja a nível de orientações, seja como trabalho psicoterápico.

Foram profundas as modificações na condição da mulher; sua entrada no mercado de trabalho retirou-a do local centrado no lar e de mantenedora do bem estar do esposo e dos filhos. A sua ascensão no mercado de trabalho é notável em todos os setores no mundo ocidental, abrangendo áreas antes consideradas apenas do universo masculino (LIPOVETSKY, 2000).

Segundo Lipovetsky (2000) a atividade profissional feminina ao mudar de configuração, adquiriu direito de cidadania. É considerada valor, aspiração legítima, algo a ser reivindicado e tornou-se parte da condição de existência, da identidade feminina. *“É a recusa de uma identidade constituída exclusivamente pelas funções de mãe e de esposa que caracteriza a condição feminina pós-moderna.”* (LIPOVETSKY, 2000, cap. 3, p. 220).

É curioso como Moraes (2001) aponta as incongruências destas mudanças: não obstante as grandes transformações as mulheres ainda são as principais responsáveis pelas crianças e as mães sós (famílias monoparentais) constituem 25% das situações familiares em São Paulo no final do milênio. E ainda que creches e outras formas de socialização precoce não preenchem, pela visão deste autor, as demandas afetivas da criança e o dilema trabalho versus maternidade ainda atormenta as mulheres.

Diante destes avanços, cada vez mais mulheres abdicam ou são levadas a abdicarem do lar, do contato mais freqüente com os filhos e até mesmo com a maternidade, em função das exigências relativas à necessidade de trabalhar e às aspirações e desejos pela realização

pessoal através do trabalho. A partir de minhas observações clínicas, evidenciou-se em alguns casos, que nos dias atuais, uma série de atividades pertinentes às funções materna e paterna, são atribuídas a terceiros, como: professores, babás, médicos psicólogos, etc. Ou ainda à parentes mais próximos como os avós paternos e maternos. A cada dia, mais cedo, mães se vêem diante da necessidade de colocar seus filhos em escolas “maternais”, berçários e creches, ou contratar babás, para que possam exercer suas atividades fora do lar. Como consequência, crianças e mães têm vivenciado uma interrupção em seu contato mais íntimo, numa fase importante de desenvolvimento da criança, que demandaria de acordo com estudos psicanalíticos (WINNICOTT, 2000) um período de dedicação mais intenso. A meu ver, há um consenso na Psicanálise, entre os autores Freud, Lacan, Winnicott, Klein, Bion e Dolto quanto **ao fato da função materna e da função paterna terem um papel central no desenvolvimento e estruturação do psiquismo da criança e na formação da personalidade do adulto.**

Diante destas novas configurações, por um lado e da consideração da psicanálise sobre a importância do vínculo inicial mãe bebê, nos vários aspectos da formação do psiquismo pelas relações tempranas⁶, por outro, percebo-me convidada a pensar meu tema de pesquisa.

Klein (1981c) vai mencionar a importância do vínculo mãe-bebê no sentido da mãe ser receptáculo das angústias e do desamparo inicial da criança. A função materna para Klein (1981c) tem o sentido de alguém que propicie alívio às ansiedades excessivas, discriminando-as e auxiliando o bebê no contato com seu mundo interno e com a realidade. A mãe, para compreender o bebê necessita estabelecer um vínculo amoroso e também a capacidade de fantasiar (“rêverie”) e sonhar como atributos necessários para detectar e decodificar as necessidades do bebê.

⁶ Relações ligadas às interações psíquicas estabelecidas entre mãe e bebê no período bem inicial de vida.

Bion (1993) vai nos dizer da importância da mãe com sua capacidade de continência das angústias e das vivências de desamparo da criança, cujo aparelho psíquico em formação não tem capacidade de conter elaborar e pensar. E ainda, Winnicott (1980) nos diz da importância da função de “holding”⁷ no sentido da mãe que segura afetivamente no colo seu bebê, dando-lhe amparo, noção de existência e integração. Estes autores apontam para a importância da relação dual, para o desenvolvimento psíquico da criança. Aspectos importantes a serem observados na realidade atual, em meio as mudanças ocorridas no exercer das funções materna e paterna. Diante de tantas mudanças, como tem sido estas vivências das funções materna e também paterna na atualidade? Como ocorrem as funções de uma mãe “suficientemente boa”⁸ postuladas por Winnicott (1996), em mães que se separam cada dia mais cedo de seus bebês infantes? Tema bastante atual nas discussões psicanalíticas, Ocariz (2002) e Katz e Costa (1996), Ribeiro e Wierman (2004) entre outras, acerca da qualidade dos vínculos e do contato dos pais com a criança.

Winnicott (1980), assim como Klein (1981c) aponta, a meu ver, que para haver qualidade no contato entre mãe e criança e o estabelecimento do vínculo é preciso dedicação e tempo na fase bem inicial da vida do bebê. Para Winnicott (2000) a função do vínculo inicial mãe-bebê está relacionada a uma espécie de apoio vital contínuo nos primeiros meses de vida. Pelas colocações de Winnicott (1990, p. 49) “*as bases da saúde mental do indivíduo, no sentido de ausência da psicose e predisposição à mesma, são definidas pelo cuidado materno.*”. Para este autor, no período inicial de vida do bebê é necessária uma relação de

⁷ Holding é um termo inglês utilizado por Winnicott, que se traduz por sustentar, segurar com o qual ele significa literalmente a função de como a mãe sustentava fisicamente seu bebê, incluindo no decorrer de sua obra o sustentar emocional das necessidades e angústias de seu filho, nos primórdios do desenvolvimento emocional primitivo (ZIMMERMAN, 2001). No decorrer do texto o leitor terá maiores informações sobre a importância da função de “holding” no desenvolvimento psíquico da criança.

⁸ Termo utilizado por Winnicott (1994) que se refere a dedicação comum da mãe que tem outras ocupações e afazeres mas que dedica-se o suficiente para que o bebê seja suprido em suas necessidades de amparo.

grande proximidade, através da qual a mãe possa, até mesmo, prever as necessidades do bebê. A este período, Winnicott (1990) denomina período de fusão. Para este autor é no final deste período que bons pais serão detectores e intérpretes dos sinais transmitidos pela criança.

Winnicott (1996) também aponta-nos que o termo “mãe suficientemente boa” pode levar a um sentimento de culpa nos pais, mas que é preciso discriminar a importância da dedicação “comum” onde pais têm outras atribuições e desejos, dos aspectos de culpa, advindos de pouca dedicação à criança. O que fundamenta a importância do vínculo mãe-bebê, para este autor é a dependência absoluta do bebê em seu período inicial de vida.

Tenho, entretanto, um motivo especial pelo qual sinto que devemos ser capazes de fazer uma divisão equitativa da importância da etiologia (e não da culpa), e este motivo diz respeito ao fato de que não podemos reconhecer o valor positivo do fator ‘mãe dedicada comum’ de nenhuma outra forma - a necessidade vital que tem cada bebê de alguém que facilite os estágios iniciais dos processos de desenvolvimento psicológico, ou desenvolvimento psicossomático, ou do desenvolvimento da personalidade mais imatura e absolutamente dependente, que é a personalidade humana. (WINNICOTT, 1996, p. 7)

Esta citação de Winnicott retrata, a meu ver, aspectos da importância do vínculo mãe-bebê em seu desenvolvimento psicológico, psicossomático e de sua personalidade.

Por outro lado as mudanças na configuração do casamento, que se iniciaram na modernidade, também são fatores importantes a se considerar ao analisar a situação atual de pais e de mães e o exercício da função materna e da função paterna. O modelo de casamento, segundo Araújo (2002), que anteriormente, até cinquenta anos atrás, tinha objetivos de contrato para alianças financeiras e onde a fecundidade era indispensável para a transmissão de herança e manutenção dos bens de família, passa, na modernidade (século XVIII), a ter um foco principal no amor e na sexualidade do casal. Para Araújo (2002), a fecundidade, antes indispensável para o casamento, deixa de ocupar seu ponto central e a ideologia do amor romântico é usada para justificar a ausência de filhos. A maternidade e o casamento que eram

o ponto de chegada das mulheres no início do século XV deixam de ocupar o foco central, para as mulheres desde a modernidade (século XVIII). Fato importante a se considerar visto o modelo de sexualidade feminina apresentada por Freud (1976a) em que a mulher resolve seus conflitos ligados ao complexo de Édipo e à inveja do pênis através do desejo pelo filho e pela maternidade. Dados estes que me levam a um questionamento: Na atualidade, o filho continua ocupando o lugar de desejo fálico das mulheres?

As mudanças na estrutura familiar e no lugar da mulher na família contemporânea também impuseram mudanças na metapsicológica psicanalítica : da mulher que inveja o pênis passou-se a falar de uma mulher que sabe sobre o gozo que os homens desconhecem. Como vemos, a questão da função materna está instalada em um terreno bem complicado (OCARIZ, 2002, p. 279).

Que modificação este dado traria às configurações da função materna na atualidade?

Outra mudança, importante, a se considerar, foi a aquisição de uma maior liberdade sexual por parte das mulheres, bem como a aquisição do poder de decidir sobre a fertilidade a partir do advento da pílula e do aborto. Desta forma, ocorre o que Kerl (2001) denomina de uma resignificação da maternidade. O desejo de ter filhos, na atualidade, não é mais foco central do desejo das mulheres. Kerl (2001) cita que as crises nos papéis de “ser homem” e “ser mulher”, no que se refere àqueles desempenhados pelos mesmos na sociedade, contribuiu para as modificações na família nuclear, até então. Para este autor, os lugares do feminino e do masculino não coincidem necessariamente com os lugares onde estão os homens e as mulheres por serem lugares que podem transitar. Podemos perceber este fato nas escolhas profissionais e nas atribuições domésticas das quais, ambos (homens e mulheres) transitam. Este dado convida-nos a uma reflexão sobre como cada um, sendo homem ou mulher, tem exercido suas funções ligadas à maternidade e paternidade e que reflexos o entendimento e as vivências destas novas configurações têm no exercício das respectivas funções na atualidade. Fato que será abordado a partir do material das entrevistas.

Langer (1986) afirma que as aquisições referentes à liberdade sexual e à ascensão sócio-cultural e econômica da mulher levaram-na conseqüentemente, a ter sérias restrições no exercício da maternidade. No lugar da antiga “histeria”, para Langer (1986), surgiram de forma significativa os sintomas psicossomáticos e as dificuldades relacionadas às funções femininas, menstruação, concepção, fertilidade, lactância e o conciliar contato com filhos, trabalho e vida conjugal. Langer, a meu ver, sugere que as somatizações e as patologias vividas pela mulher, na atualidade, estão relacionadas às restrições no viver da maternidade. Neste sentido abre espaço para a reflexão e questionamento se as demandas do mundo atual permitem à mulher viver a função materna, em lugar de apenas cumpri-las como tarefas. As novas sintomatologias, a meu ver, parecem sugerir que há, subjacente às exigências do mundo contemporâneo, uma desautorização da mulher à maternidade e às vivências da função materna. A grande evolução da mulher quanto ao trabalho e autonomia enquanto sujeito da atuante na construção de sua história, parece desenvolver, na contramão, um sentimento de culpa nas mulheres. Sentimento este gerado pelo fato de não poderem seguir o modelo materno de milênios, advindo provavelmente de modelos míticos⁹ de mãe (DOLTO, 1996) e se manifestam na forma de sintomas psicossomáticos, depressões e outros. No modelo mítico de mãe, para Dolto (1996), ela é a única encarregada das tarefas educacionais e este, não leva em conta o papel das crianças, do pai e a relação de cada mulher-mãe com seu parceiro. Superar este modelo mítico parece ser uma das vivências das mulheres, hoje.

Nas idéias de Sullerot (1970 apud BAL, 2001, p. 50-53) parece estar implícito que a emancipação das mulheres teve como conseqüência a desvalorização da figura paterna. O pai é levado a uma maior participação nas atribuições domésticas e nos cuidados com os filhos. No entanto, segundo esta autora, passam a descaracterizar-se dos papéis de pais do antigo

⁹ Dolto (1996) ilustra modelos maternos transmitidos pela cultura onde se retrata principalmente a beleza, a delicadeza e a dedicação à prole levada ao extremo da renúncia das mulheres, e à consagração de todas as suas energias à preservação, sobrevivência e proteção dos filhos, transmitidas através das histórias e contos.

modelo, tornando se cópias do modelo materno-feminino. No antigo modelo, aos pais cabia a função de manter economicamente a prole e decidir os rumos da família, carreiras profissionais e casamentos. O mandato dos cuidados físicos e da educação ficava sob o domínio feminino.

Hurstel (1999) parece confirmar as observações de Sullerot ao citar que cada vez mais mulheres assumem a dianteira e a iniciativa nas questões familiares, e afirma que este fato acaba causando um abrandamento da função paterna.

Na área da sociologia alguns autores como Bal (2001) têm postulado que o poder da autoridade do pai tem sido desacreditado e desvitalizado na sociedade contemporânea. E que a desvalorização da figura paterna tem sido provocada por mães e mulheres emancipadas que assumiram o poder de criar e educar os filhos. Nesta nova configuração, a figura paterna é fragilizada e ausente e passa a ser desnecessária para as mulheres ditas emancipadas. Mulheres que assumiram os filhos econômica e culturalmente devido à ausência ou à presença frágil do pai.

Quanto ao universo masculino, o homem tem-se mostrado mais afetivo, mais próximo. É notável a mudança no perfil do homem, aumentando sua participação nas atividades domésticas e nos cuidados precoces com os filhos. Esta mudança no perfil masculino, relacionada a seu envolvimento com as atribuições domésticas, também é questionada por Sullerot (1970 apud BAL, 2001, p. 48), que as considera, pseudo modificações. Para esta autora, as mulheres apesar de reivindicarem mais participação masculina nas atividades domésticas e educação e cuidados com os filhos, não o aceitam, plenamente. A autora justifica este fato pelo temor que as mulheres tem de perder sua área de domínio de milênios, a maternagem. Estes autores parecem sugerir que as modificações ocorridas nas configurações da figura paterna e materna têm provocado transformações significativas nas vivências da paternidade e da maternidade. Fator a se considerar no decorrer da pesquisa.

Além de todos estes aspectos, têm surgido novas modalidades de relacionamento conjugal, resultado das rupturas e mudanças nas modalidades de vínculos de casais ocorridas neste século, conseqüências de separações e recasamentos, assim como novos modelos de famílias como as famílias monoparentais nas quais, apenas um dos pais vive com os filhos. Além disso, temos também o aparecimento de novos modelos de relacionamentos afetivo-sexuais como a reivindicação de casais homossexuais no sentido de união conjugal, maternidade e paternidade.

Em meio a todas estas mudanças, como mencionei anteriormente, muitos pais, homens e mulheres, vêem-se diante de um não saber como proceder em relação à educação dos filhos; quem deve assumir tal atitude: o pai ou a mãe?

Intrinsecamente relacionados aos aspectos sócio-culturais estão os aspectos psíquicos como tolerância a frustração, capacidade de continência, capacidade em lidar com impulsos agressivos e amorosos, entre outros, muitos dos quais, estão em nível inconsciente e são transmitidos também, transgeracionalmente, e se referem às funções materna e paterna. Aos aspectos psíquicos é dado no trabalho um enfoque importante, utilizando-se o método psicanalítico como norteador do trabalho de análise do material das entrevistas, bem como referencial teórico.

As funções materna e paterna são funções que implicam em atribuições concretas¹⁰ por parte dos adultos tutelares as quais têm concomitante funções simbólicas¹¹ importantes na estruturação da personalidade dos indivíduos. As funções materna e paterna enquanto simbólicas estão implícitas em atitudes de conduta tanto de mães, pais, ou daqueles que acabam exercendo funções de cuidado e educação de crianças. No desempenho da função

¹⁰ Por atribuições concretas denomino aqui tarefas práticas no contato com a criança, tais como as relaciono à higiene, alimentação, afeto, que incluem aspectos inicialmente no plano da sensorialidade.

¹¹ Refiro-me aqui a funções que se referem a um registro de pensamento mais elaborado, à capacidade de dar sentidos (DOLTO, 1996).

materna e da função paterna entram em jogo características pessoais do pai e da mãe, bem como determinadas condições emocionais de cada um que se referem às suas vivências na infância e suas capacidades de elaboração de vivências de frustração, separação e do complexo edípico. O exercício da função materna e da função paterna, requer uma série de atributos, aptidões e tarefas, que vão se modificando de acordo com o desenvolver da criança.

A partir de leituras, observações, preocupações, e muitas indagações o tema a ser pesquisado foi tomando forma. Os contatos que tive com pais nos três âmbitos já mencionados contribuíram de forma significativa para a elaboração desta pesquisa. Estes contatos permitiram-me observar que, junto às dúvidas dos pais, há o sofrimento psíquico relacionado às angústias e dissabores inerentes às vivências do ser pai e do ser mãe. Esta experiência, a meu ver, é vivida, muitas vezes, sem um espaço para ser pensada.

É relevante salientar, neste momento, que colaborando com todas estas experiências está também o fato de ser mulher, mãe e vivenciar na contemporaneidade as angústias próprias do exercício da função materna e da função paterna do lugar de mãe e do lugar de psicoterapeuta.

Todas estas considerações e observações levaram-me mais detidamente a questão:

Como os pais (pai e mãe) estão se estruturando a partir das novas formas de exercícios das funções parentais, em suas vivências da função materna e da função paterna?

À partir desta investigação, pretendia delinear também, **como estão sendo compreendidas e exercidas as funções materna e paterna na atualidade?**

Pude encontrar, tanto na literatura psicanalítica (OCARIZ, 2002), (GOMES, 2001) como até mesmo na mídia¹² (artigos que versam sobre comportamento humano), em grande escala, o estabelecimento de relações entre problemas sociais/emocionais (como violência, perversões, dentre outros) e o desempenho das funções materna e paterna. Além disto, os

¹² Revista Veja junho 2004, artigo: O que falta é afeto (WEBER, 2004) Fevereiro, 2004, artigo: A tirania adolescente (MARTHE, 2004), entre outros.

temas encontrados na mídia, na literatura pedagógica e psicológica remetem à uma reflexão e um apelo à retomada, por parte dos pais, de suas funções. Neste sentido, a pesquisa e discussão sobre “como têm sido compreendidas e vivenciadas tais funções” é algo atual.

No estudo da função materna, o recorte teórico utilizado é o psicanalítico, situado em alguns textos de Winnicott (1980, 1982, 1990, 1999, 2000); Klein (1981a, 1981b, 1981c, 1981d, 1982), Bion (1973, 1966, 1993) e Dolto (1996). No estudo da função paterna pela psicanálise utilizei o recorte dos autores como Freud (1974, 1975c, 1976a); Winnicott (1990, 1999a, 1999b); Dor (1991) e Hurstel (1999), que por sua vez se fundamentam em Lacan.

Do ponto de vista da fundamentação teórica, busquei investigar através de um recorte da literatura psicanalítica subsídios para pensar o tema em questão. Paralelamente, busquei, conforme já disse, investigar o tema a partir do vértice dos pais advindo do material de entrevistas semi-estruturadas, feitas a casais de pais de crianças entre zero a cinco anos. O objetivo desta investigação foi, inicialmente, observar o desempenho destas funções no período de zero à cinco anos de vida da criança, por nesta fase estar-se estruturando seu psiquismo. A escolha de casais para as entrevistas é feita no sentido da importância dos mesmos para a saúde mental da criança (WINNICOTT, 1980). Pela visão de Dor (1991) e de Lebovici (2004), a função materna prepara e auxilia a instauração da função paterna, a interação dos casais é também fonte de material para responder a minhas indagações. Pois, na ótica da psicanálise, as características da relação entre pai e mãe são relevantes no desempenho da maternagem e da paternagem (ZIMERMAN, 1999). Considero importante informar que a fundamentação teórica embasa a discussão do material. Para fazer a leitura do material, utilizei o método psicanalítico, no sentido de debruçar-me sobre o material e à partir disto buscar novos e outros sentidos para o que foi comunicado pelos casais (comunicação verbal e não verbal). Penso que a análise do material levantado permite refletir acerca dos conflitos e dores dos pais no exercício das funções materna e paterna na atualidade e na

grande dificuldade dos mesmos em lidar com a turbulência causada pela presença dos filhos em suas vidas. Além disso, permitiu-me perceber que as funções maternas e paternas têm sofrido mudanças em seu exercício e parecem, não estar rigidamente definidas entre homens e mulheres, sendo vividas, ora por homens-pais, ora por mães, de acordo, com suas condições psicoafetivas.

Para tal, o presente trabalho está dividido em sete capítulos, além desta introdução. O segundo capítulo versa sobre a função materna e a função paterna sob a ótica da Psicanálise, com o objetivo de proporcionar ao leitor, uma breve noção de como se configuram estas funções a partir de um determinado recorte; o terceiro, sobre a importância da função materna e função paterna nos primórdios da constituição do ser humano, o quarto versa sobre as funções materna e paterna e sua relação com o processo de individuação e as vivências do complexo de Édipo; o quinto capítulo versa sobre o ser mãe e ser pai enquanto processos, o sexto capítulo versa sobre a metodologia utilizada no contato com o material; o sétimo capítulo está dedicado à análise e discussão do material; e, no oitavo capítulo as considerações finais em torno da dissertação.

2 FUNÇÃO MATERNA E FUNÇÃO PATERNA SOB A ÓTICA DA PSICANÁLISE

A psicanálise tem um olhar peculiar para com as funções materna e paterna. São funções consideradas necessárias para a estruturação e desenvolvimento do psiquismo da criança. São funções de ordem prática que possuem uma série de diferentes atributos de acordo com a fase de desenvolvimento da criança e são exercidas por adultos tutelares (mãe e pai, biológico ou adotivo). Ser pai e ser mãe na ótica psicanalítica não implica apenas paternidade biológica; demanda também, sentimentos e atitudes de adoção que decorrem do desejo pelo filho (DOLTO, 1996). A dinâmica por meio da qual atualizam-se as funções materna e paterna organiza-se a partir de um interjogo de fatores conscientes e inconscientes. Portanto as funções materna e paterna vão além dos papéis de pai e mãe. Chamo aqui de papéis o cumprimento daquelas tarefas que culturalmente se estabelece que sejam exercidas pelo pai e/ou pela mãe, tais como com cuidados físicos e educação.

Neste sentido a psicanálise aponta para fatores da função materna e da função paterna que têm relação com aspectos reais, imaginários e simbólicos, pela visão de Lacan, Dor e Hurstel. Lacan (1999 apud BACCARIN, 2000, p. 179-180) refere-se ao real, ao imaginário e ao simbólico como três registros da experiência do pensar. O registro real tem relação com o corpo e com as experiências pelas quais passamos no contato corporal. O registro do imaginário refere-se ao âmbito das fantasias, da capacidade imaginativa, à uma área do psiquismo onde as coisas ganham representação, a partir das experiências. O registro simbólico pressupõe uma capacidade de elaboração maior, isto é, um nível mais evoluído da capacidade de pensar, em relação ao registro do imaginário, e refere-se à capacidade de ir além das representações, dando novos sentidos. Inspirada na idéia destes três registros

nomeados por Lacan (1995), coloco no âmbito das funções materna e paterna fatores relativos ao real, ao imaginário e ao simbólico. Como fatores reais, podemos citar os cuidados físicos, o contato, aspectos relacionados à capacidade dos pais de percepção da criança dentro de suas necessidades fisiológicas, entre outros. Com isso quero dizer da capacidade sensorial dos pais de percepção dos movimentos da criança; das variações de seu choro; da percepção da sensibilidade epidérmica da criança, como tato, temperatura; de sua sensibilidade auditiva, entre outros. Fatores que devem ser considerados nos cuidados com a criança em relação ao ambiente.

Por fatores imaginários, refiro-me aos aspectos ligados à capacidade de sonhar dos pais, a tudo o que se refere às expectativas dos pais em relação à criança, mescladas com expectativas socialmente esperadas. Com isto quero mencionar, também, a capacidade imaginativa dos pais que os ajuda a compreender o que se passa com a criança; por exemplo, se o choro se refere a dor, ou a fome; assim como sua capacidade lúdica, sua capacidade de entrar em contato com o mundo de fantasias das crianças e compreender sua comunicação. Por fatores simbólicos, refiro-me a questões psíquicas, relativas à possibilidade de dar sentido às experiências vividas e à nomeação destas experiências pelos pais. Estas têm profunda relação com a introdução do animal humano na cultura, iniciada pela introdução da linguagem e os vários sentidos aos quais ela está vinculada. Como o leitor pode perceber, há uma interação entre estes fatores na vivência e desenvolvimento da função materna e da função paterna.

Hurstel (1999) informa-nos que as contribuições de Lacan provocaram uma ruptura epistemológica sobre a abordagem da paternidade, pela qual, vai ser dada importância ao sentido que o pai tem na vida da criança. Hurstel (1999) utiliza os fatores reais, imaginários e simbólicos em sua relação com o exercício das funções paternas. Ele nos informa que o termo função implica uma função propriamente humana, tanto simbólica quanto real, que pressupõe

uma posição assumida por uma pessoa que deseja a criança. Hurstel (1999) informa-nos que a questão do desejo está diretamente ligada ao exercício da função paterna e, a meu ver, podemos pensá-la também relacionada à função materna. Cabe informar ao leitor que o termo “função” utilizado por Bion (1973) foi retirado da matemática, implicando uma articulação entre fatores, sem perder as associações com o significado biológico de função de um órgão. Função materna e função paterna implicam, portanto, adultos que desejam a criança e que são continentes de determinados atributos que os tornam capazes de exercer cuidados físicos e psíquicos para com o bebê.

Dor (1991), ao falar sobre função paterna, informa-nos que ela está associada não apenas ao agente de paternidade comum mas ao operador simbólico. Os agentes de paternidade comum, pai e mãe presos à história cronológica são os vetores da função. Neste sentido o pai real tem a tarefa de representação desta função. E acrescenta que pais reais desempenham melhor sua função de embaixadores da função paterna por poderem estar mais próximos da linguagem do desejo dos protagonistas (mãe e filho). Por “mais próximos da linguagem do desejo” entendo que os pais reais têm maiores possibilidades de compreender e distinguir a diferença entre necessidade e desejo da criança pois acompanham-na desde sua gestação, nos primórdios de sua existência. E tem maior acesso às fases de desenvolvimento da criança. Diante desta idéia podemos refletir sobre as funções materna e paterna como funções cujo desempenho depende de adultos que possam ser operadores das mesmas. No entanto este fato, pode, ou não, ocorrer, dependendo das vicissitudes do vivenciar a maternidade e a paternidade.

O exercício das funções, materna e paterna também têm suas variantes de acordo com as condições psico emocionais dos pais, as demandas do bebê e as etapas de desenvolvimento da criança. As atribuições e significações das funções materna e paterna são diferentes em cada etapa de seu constituir-se, começando a partir do desejo de ter um filho, desenvolvendo-

se durante a gravidez, após o nascimento da criança e a cada período do desenvolvimento desta. Faço o recorte, nesta dissertação, do período compreendido entre zero e cinco anos para ilustrar algumas das importantes atribuições da função materna e da função paterna para a constituição e desenvolvimento do ser humano. A escolha deste período é feita por ser nele que se instauram as funções materna (WINNICOTT, 2000; DOLTO, 1996) e paterna (DOR, 1991; HURSTEL, 1999). E, por estas serem, neste período, fundamentais para a sobrevivência física e psíquica da criança (FREUD, 1989; KLEIN, 1982; WINNICOTT, 1982). Para tal intuito utilizo autores que contribuem de forma significativa com o tema, embora vindo de correntes de pensamento distintas. A escrita da dissertação é uma tentativa de ir fazendo o percurso destas duas funções no período inicial onde elas são germinadas e como vão caminhando paralelamente, assim como de sua importância na estruturação da personalidade da criança.

3 A IMPORTÂNCIA DAS FUNÇÕES MATERNA E PATERNA NOS PRIMÓRDIOS DA CONSTITUIÇÃO DO SER HUMANO

Ao falar então de função materna e de função paterna, gostaria de iniciar com o comentário de Soifer (1992) no prólogo de seu livro onde ela diz sobre o direito sagrado à condição maternal.

[...] que define a condição maternal como direito sagrado da mulher. É direito sagrado enquanto houver mulheres dispostas a extrair do mais profundo de si mesmas essa força maravilhosa que lhes permite tolerar as tremendas ansiedades da gestação e do parto e percorrer o longo e afanoso caminho da função maternal. São mulheres que mal se lhes oferece a oportunidade, seja qual sua condição cultural, social ou econômica, acorrem a receber o ensinamento e ao apoio necessários ao melhor desempenho de sua tarefa.

Também é direito sagrado enquanto continuarem existindo homens que se coloquem solidariamente ao lado de suas esposas, ombro a ombro, companheiros, para colaborar com elas no percurso do caminho que empreenderam juntos (SOIFER, 1992, p. 12, grifo meu).

Utilizo a frase de Soifer (1992) porque ao mencionar o direito à função materna e paterna penso refletir o conflito vivido cada vez mais intensamente pelos pais na sociedade atual entre suas várias exigências e o desejo por gerar e criar filhos. A meu ver estes conflitos podem interferir na possibilidade dos pais de entrarem em contato com seus desejos relacionados a procriação. Aspecto importante a ser mencionado diante das exigências do mundo atual relacionadas às demandas do mercado de trabalho, tanto para homens quanto para mulheres, além das cobranças relacionadas a exigências de uma estética feminina que parecem desconsiderar o aspecto da interioridade no momento da gestação. Na sociedade atual há uma cobrança e preocupação em proporção intensa com o corpo numa demanda de que a mulher esteja preocupada com sua sensualidade ligada ao parceiro, refletindo até mesmo no uso às vezes indevido de ginástica e dietas. Estas preocupações com o corpo,

chegam ao ponto de levar mulheres grávidas a fazer dietas e exercícios que colocam em risco o feto e sugerem, a meu ver, um estado de negação das mudanças corporais e psíquicas necessárias ao desenvolvimento do bebê em gestação (KOSTMAN, 2004). Além disto, há, também, demandas de trabalho, pelas quais cada dia mais as mulheres, parece-me, têm abdicado do desejo de ter filhos, ou adiado este direito, para cumprir tais exigências. Angústias ligadas a estas questões são, muitas vezes, mencionadas na clínica, na busca de uma compreensão e auxílio, no sentido de poder ajudar homens e mulheres a fazer escolhas e assumir as conseqüências de tais escolhas.

A idéia de Soifer (1992) sugere-me que a paternidade e a maternidade estão diretamente ligadas ao desejo e à possibilidade de se dar conta dele. Na atualidade este aspecto de poder se dar conta do desejo e fazer escolhas no sentido de ter ou não filhos poderia estar facilitado, devido aos avanços do controle de natalidade e dos métodos anticoncepcionais. No entanto, é curioso como apesar de tantos avanços na área do controle da natalidade muitos são os casos de gravidez inesperada, no “susto”, que, a meu ver, revelam a dificuldade de homens e mulheres de entrarem em contato com seu desejo de gerar. A minha reflexão é: Seriam estes o sintomas de uma sociedade que não permite aos homens e mulheres se darem conta dos desejos ligados à parentalidade e poderem vivenciá-los de forma ampla? O desejo não pensado estará sendo atuado na forma de gravidez inesperada? Na clínica, tenho observado este fato, no relato de casais, que revelam uma gravidez inesperada; embora sendo pessoas esclarecidas e com recursos para planejar a gravidez, se dizem, sendo pegos no susto. Que susto seria este? O que me ocorre é o susto de pessoas que talvez não puderam se dar conta dos próprios desejos ou não desenvolveram a capacidade de tomá-los em consideração. Ou, ainda, seria o susto, efeito do grande impacto causado pelas mudanças aos se tornarem grávidos?¹

¹ Nas considerações sobre o material mencionarei uma experiência relacionada a este fato.

Podemos dizer que um dos primeiros fatores a se considerar no constituir da função materna e da função paterna está o desejo pelo filho. Que lugar o filho tem ocupado no desejo dos pais é um aspecto significativo e importante para a observação, sob o ponto de vista da psicanálise. E, é um dado bastante atual diante das inúmeras exigências do mundo pós-moderno. A meu ver, este lugar do filho no desejo dos pais pode-nos informar como a função materna e a função paterna estabelece-se, a partir do desejo consciente ou não de cada mulher e homem que se tornam pais.

Winnicott (1999) também nos diz sobre as expectativas e desejos dos pais em relação à criança como aspectos importantes para um bom desenvolvimento desta. A função materna e paterna parece ser necessária, bem mesmo antes do nascimento do bebê, através do desejo no qual o casal insere o filho.

Winnicott (1999) ressalta a importância da harmonia do casal no desenvolvimento da criança. A união dos pais e seus cuidados mantêm para a criança um contexto através do qual ela possa encontrar a si mesma (seu eu), o mundo, e uma relação entre ela e o mundo. O contexto do lar onde a criança vai ser gerada, a harmonia e a forma de convivência do casal são fatores que vão influenciar nas possibilidades de desenvolvimento das funções materna e paterna.

Lebovici (2004) nos fala que a gravidez vai estimular o narcisismo primário dos pais e é este fato que lhes permite tornarem-se bons pais. Entendo por este aspecto de “narcisismo primário” o sentido de valorização, um período em que os pais sentem-se abastecidos pela capacidade de gerar, comprovado pela gravidez. E que o **gerar filhos** tem o sentido para os pais de serem **capazes e valorizados psíquica e socialmente**. Um dos aspectos desta valorização refere-se ao homem no sentimento de que é varão e à mulher, que é fértil. Neste sentido, o gerar filho e filhos saudáveis proporciona aos pais sentimentos de capacidade e valorização. Além de **reativarem nos pais as lembranças da criança que foram, olhados e**

admirados narcisicamente pelos pais. Ao poderem gerar, na vida adulta, são os sentimentos de terem sido amados e olhados que são transmitidos aos filhos. Para Lebovici (2004) tudo fica bem com o bebê quando ele é objeto de desejo dos pais.

Outro aspecto importante a se observar, relacionado ao desejo dos pais, diz respeito à relação que a mãe e o pai fazem com o bebê inicialmente no registro do imaginário, o bebê que sonham ter. Com estes aspectos quero salientar a importância do registro imaginário na relação dos pais com a criança. Primeiramente, através do “ser pai e ser mãe”, a partir das vivências com os próprios pais (genitores, ou tutores). Estas lembranças de vivências da criança que foram, são fatores que determinam experiências de contato com as crianças tais como: a capacidade de amorizar a criança através dos cuidados, do olhar que percebe desenvolvimentos, da nomeação de seus gestos. Adultos, que não tiveram estas experiências de cuidados afetivos e efetivos, têm dificuldades ao cuidarem e amorizarem suas crianças. Na clínica, estas situações são reveladas no temor de homens e mulheres de não serem capazes de cuidar ou demonstrar afeto pelo filho, devido ao fato de não terem experienciado esta vivência com seus próprios pais enquanto crianças. Ou, ainda, no temor de transmitirem aos filhos comportamentos semelhantes aos dos próprios pais, ao terem experienciado situações de pouco afeto, ou, ainda, experiências com pais agressivos. A frase de uma paciente que relata o seu temor de no futuro não poder ser uma boa mãe, pelo fato de ter, hoje, uma mãe que pouco se importa com ela e não a trata com afeto é ilustrativa deste aspecto: *“Tenho medo de não saber gostar de crianças. Minha mãe me trata tão mal e sem carinho, que tenho medo de não saber fazer carinho nos meus filhos”*.

Aspecto relevante, relacionado à importância do registro do imaginário na relação dos pais com a criança, refere-se a questões ligadas à transmissão transgeracional. Para Lebovici (2004), ter filhos tornou-se um processo muito fácil, atualmente, devido aos avanços da ciência. No entanto, a parentalidade (termo utilizado pelo autor) vai além do fator biológico e

está relacionada à aceitação do que herdamos de nossos pais no âmbito das experiências transmitidas transgeracionalmente². Este autor vai nos dizer de uma herança psíquica. Este processo de transmissão intergeracional começa durante a gravidez, na criança que a mãe imagina que vai dar ao marido. No âmbito do registro do imaginário, a escolha do nome da criança também está presente com inúmeras representações como, por exemplo, nomes de parentes admirados ou nomes dos avós, carregados de expectativas. Nomes percebidos pela família como nomes “fortes” ou que representam valores admirados pelo grupo familiar como, por exemplo, nomes de músicos, compositores, presidentes. Assim, o nome vem já permeado de significados e expectativas. A escolha do nome, sexo e aspectos imaginados pelos pais estão permeados pela história transgeracional. Como exemplo, recordo-me de um paciente cujo nome continha expectativas ligadas a uma irmã que havia falecido antes dela representando o desejo e a esperança de que fosse uma menina agradável, perfeita, sem defeitos, como os pais expectavam com relação à falecida.

Lebovici (2004) traz-nos um dado da atualidade, no qual o fato de se decidir o número de filhos (cada vez mais reduzido) e quando tê-los torna as exigências relacionadas aos filhos cada vez maiores. O sentido dado pelo autor refere-se ao fato de que ao terem filhos mais tardiamente, ou em menor número, aos filhos recai a sobrecarga dos desejos dos pais. Fato que leva a maiores expectativas relacionadas aos filhos e ao aumento de idealizações por parte dos pais.

Winnicott (2000) vai nos dizer que as interações com o bebê começam antes do seu nascimento. Ele nos informa que a mãe gestante tem para com o bebê a função de um ambiente suficientemente³ bom. Isto é, um ambiente que possibilite ao bebê que este alcance

² “A transmissão transgeracional refere-se a um material psíquico inconsciente, que atravessa diversas gerações sem ter podido ser transformado e simbolizado, promovendo lacunas e vazios na transmissão impedindo uma integração psíquica” (SILVA, 2004, p. 290).

³ Por ambiente suficientemente bom, Winnicott (1980) denomina um ambiente sustentador, que reduza ao mínimo as irritações do lactente.

a cada etapa de desenvolvimento as satisfações, ansiedades e conflitos inatos e pertinentes a seu desenvolvimento. A mãe é para o bebê em gestação o ambiente suficientemente bom, numa espécie de “relacionamento simbiótico”, no qual a mãe está condicionada a perceber as necessidades de seu bebê. Fato, curioso, muitas vezes, mencionado por obstetras é que gestantes têm “desejos” de se alimentar de determinados alimentos que possuem em sua constituição elementos que naquele momento se referem às necessidades do feto como ferro, cálcio, etc. Se podemos observar estes dados referentes a aspectos orgânicos, também podemos fazê-lo em relação a aspectos de conforto, segurança. É possível observar em algumas gestantes o cuidado de evitar lugares com incidência de muito barulho ou movimento, lugares que colocariam em risco o bebê e sua estabilidade.

Winnicott (2000) vai-nos dizer de uma identificação consciente e também inconsciente da mãe com o bebê, necessária para a sobrevivência do mesmo. Para este autor, o bebê inicialmente não tem desejos mas necessidades num período muito primitivo de vida. Dolto (1996) menciona que num período bem inicial de vida o bebê não separa necessidades de desejos e são vividos como um aglomerado. A função materna nos primórdios da vida da criança é estabelecer condições apropriadas para que o bebê possa se desenvolver. Winnicott (2000) considera o ambiente de forma relevante para o desenvolvimento e estruturação da personalidade do indivíduo. O ambiente deve ser favorecedor de condições para que o verdadeiro “self” do indivíduo se desenvolva. O verdadeiro “self” para Winnicott (2000) é o desenvolvimento de um eu genuíno, respeitando as características próprias do sujeito, resultado de uma relação com a mãe que aceita e reconhece os gestos espontâneos da criança. O contrário disso é uma falha na função materna na qual o lactente não tem por parte da mãe sustentação para ter experiências e ir constituindo seu eu. O que ocorre é que o bebê começa a construir seu eu baseado nas irritações do meio.

Com o cuidado que ele recebe de sua mãe cada lactente é capaz de ter uma existência pessoal, e assim começa a construir o que pode ser chamado de continuidade do ser. Na base dessa continuidade do ser o potencial herdado se desenvolve gradualmente no indivíduo lactente. Se o cuidado materno não é suficientemente bom então o lactente não vem a existir, uma vez que não se dá continuidade do ser; ao invés a personalidade começa a se construir baseada em reações a irritações do meio. (WINNICOTT, 1990, p. 53)

No início da vida, quem prepara o ambiente e monitora os contatos com o ambiente são os pais. Eles são os principais responsáveis em proporcionar à criança que vai nascer um ambiente apropriado e acolhedor. O ambiente deve ser o menos intrusivo possível, de forma que o bebê possa ser protegido da gama de estímulos externos que podem lhe causar a sensação de desintegração. Por estas características podemos mencionar que no início da vida do bebê a função materna está associada, por um lado, a aspectos práticos de suprir as necessidades fisiológicas, por outro, às necessidades psicológicas do bebê que para Winnicott (1980) não estão separadas neste momento. Ao falar de necessidades básicas Winnicott (1980), quer dizer necessidades essenciais para a sobrevivência física e psíquica do bebê como alimentação, calor, higiene, afeto, calor humano, desejo pelo bebê, etc.

No final da gestação, Winnicott (2000) percebe que é necessário, para que a função materna possa ser exercida pela mãe, que esta, entre num estado mental que se assemelha a uma espécie de adoecimento no sentido de estar mais ligada ao bebê. Este estado pressupõe uma aceitação de desligar-se do excesso de envolvimento externo para arriscar-se a se preocupar com um só objetivo, o bebê que está sendo gestado, num movimento, como se o centro das coisas fosse seu corpo e o bebê que dele vai nascer. Winnicott (2000) denomina este estado de “preocupação materna primária”. Uma espécie de adoecimento que deve ocorrer em mulheres sadias que têm capacidade de passar por este estado e ir-se recuperando dele. É através deste estado que a mãe passa a se sentir mais atenta ao contato com o bebê-feto, desenvolvendo sua capacidade intuitiva. Winnicott (1980) postula que no período de gestação o bebê também aprende muito sobre sua mãe, suas ansiedades, agitações e seu estilo

agitado ou calmo. Para que a mãe possa estabelecer um contato intenso com seu bebê ela também necessita de um ambiente facilitador, sem interferências e sem uma preocupação tão voltada para com o ambiente, que deve ser proporcionado pelo pai. É nesta função que Winnicott estabelece o dever da função paterna. O pai é aquele que possibilita à mãe tornar-se dedicada a seu bebê. Um pai que suporta esperar suas demandas de atenção, possibilitando que uma certa simbiose entre mãe e criança possam ocorrer. Fato importante a ser observado na realidade atual de muitas mulheres, da qual ocorrem exigências à saciação imediata das demandas da sexualidade, e mulheres, ainda, se sentem rapidamente cobradas pelos maridos e por demandas sociais a retomar ao estado de “mulher fêmea” enquanto ainda estão voltadas para o estado “mulher mãe”. Como cada casal lida com este aspecto é um dado importante para o estabelecimento inicial da função materna e da função paterna.

Winnicott (2000) salienta que muitas mulheres conseguem ser boas mães em vários aspectos, produtivas e criativas mas não têm a capacidade de desenvolver o estado de preocupação materna primária. Ou, ainda, que algumas mães conseguem desenvolver este estado com um filho mas, não, com outro. Podemos perceber que o vivenciar da função materna tem suas vicissitudes de acordo com as características de cada mãe, e de cada filho, de acordo com seu desenvolvimento emocional e psíquico, e com as condições ambientais propícias. Fato que nos leva a refletir sobre a especificidade de cada relação mãe-bebê. E abre também espaço, para o questionamento sobre mulheres que têm um grande número de atribuições e exigências como as demandas do mercado de trabalho as exigências com a estética e com a sexualidade. Nestas situações, qual o espaço para a preocupação materna primária se instaurar? Ou, tem sido, cada vez mais, reduzido este tempo, no qual a preocupação materna primária possa ocorrer? Que efeitos o não desenvolvimento da preocupação materna primária tem no exercício da função materna? Winnicott nos informa que os efeitos são de uma distorção do desenvolvimento do bebê.

Existe algo que chamamos de ambiente não suficientemente bom, que distorce o desenvolvimento do bebê e existe o ambiente suficientemente bom, que possibilita ao bebê alcançar, a cada etapa, as satisfações, ansiedades e conflitos inatos pertinentes (WINNICOTT, 2000, p. 399).

Este ambiente suficientemente bom no início da vida do ser humano, é proporcionado pela mãe em seu estado de profunda identificação com seu bebê. E esta identificação dá-se de forma consciente em alguns aspectos, no colocar-se atenta para as necessidades da criança ao saber que o bebê pequeno demanda atenção; e inconsciente, em outros, como a busca de ambientes mais calmos, uma certa regressão e sensibilidade aguçada na mulher.

Winnicott (2000) salienta que por parte da mãe deve haver o aspecto da identificação e por parte do bebê numa fase bem inicial, a dependência.

A figura do pai tem um papel importante neste momento como favorecedor de condições para que a mulher possa se tornar mulher-mãe. O pai tem como função favorecer que este estado mental de preocupação materna primária possa ocorrer. Podemos pensar que por condições favorecedoras Winnicott (2000) denomina condições ambientais e psíquicas. Por condições ambientais, parece sugerir, condições de segurança; de acolhimento e de não interferência, que o pai possa inicialmente proporcionar à mãe gestante. Ao pai, cabe a função de uma espécie de “agente protetor” para a mulher nos últimos meses de gestação e durante o período de amamentação. Esta função de estar na retaguarda, mencionada por Winnicott, consiste numa espécie de cobertura que tem a função de poupar a mãe de voltar-se para fora para lidar com o mundo que a cerca num momento em que necessita voltar-se para seu bebê. Dado que abre para o questionamento: no mundo pós-moderno, no qual ambos trabalham fora, e o trabalho feminino se faz, em muitas situações, necessário à manutenção da família, em que pai e mãe sofrem as cobranças de estarem atualizados e em forma, como tem sido estas vivências? Como os homens-pais tem exercido esta função de agente protetor, no sentido de poupar a mãe? Tem sido possível? E ainda, as mulheres têm-se permitido este

estado de preocupação materna primária da forma descrita por Winnicott? Em minhas observações sobre o material das entrevistas retomarei estes questionamentos.

Nesta etapa bem inicial, a função do pai é também de tolerar a exclusão temporária desta relação dual e aguardar a oportunidade de participar de forma mais ativa, mais tarde. Winnicott (1980), também cita a importância de pai, mãe e criança viverem juntos, para que possa ocorrer um bom desempenho de ambas as funções, materna e paterna. Esta colocação faz-me pensar nas condições atuais de casamentos desfeitos. Nestas circunstâncias, um dos pais (geralmente o pai) está ausente numa fase muito inicial da vida da criança. Questões que podem afetar o desempenho das funções materna e paterna (WINNICOTT, 1980). Esta tem sido uma situação que, a meu ver, tem provocado modificações, transformações e falhas no exercício da função materna e paterna.

No entanto, para a possibilidade de desenvolvimento dos seres humanos em geral, as funções materna e paterna podem ser exercidas, enquanto funções simbólicas, não apenas pelo pai ou mãe “real” (genitores) mas por quem as assume efetiva e afetivamente (DOR, 1991). Isto abre espaço para a questão a ser pensada de como têm sido exercidas as funções materna e paterna nos casos em que mãe ou pai não estão presentes fisicamente. Se o exercício das funções na ausência de um dos pais (mãe ou pai) é suficiente, ou não, para o desenvolvimento da criança. No que se refere ao aspecto simbólico das funções Dor (1991) parece afirmar que sim. No entanto, há outros fatores relacionados às funções dos pais, e neste momento, este não é o foco de minhas investigações.

Dor (1991), ao comentar sobre a função do pai em Psicanálise, esclarece que não se trata do pai, como agente de paternidade comum, mas o operador simbólico. Este operador simbólico não está preso necessariamente à história cronológica mas à história mítica. Neste sentido convida-nos a pensar como tem ocorrido o exercício da função paterna no caso de pais separados e ou ausentes. Nestes casos pressupõe-se pela posição Dor (1991), que alguém

exerça a função paterna. O autor parece-nos dizer que alguém precisa exercer a função simbólica de separação mãe bebê. E podemos pensar, que também a função de retaguarda e acolhimento da mãe para o exercício da função materna no período inicial de fusão com a criança. Nos casos de separação ou ausência do pai, fica vacante a função de retaguarda e acolhimento da mãe para que alguém que possa exercê-la. Alguém que assuma a função de separação da fusão mãe bebê no final de seu período, alguém que guie e introduza a criança na cultura.

Rudinesco (2003) informa-nos que no direito romano “pater” é aquele que se designa a si mesmo como pai de uma criança por adoção e que a conduz pela mão e ainda que no direito romano só é declarado pai aquele que se submete à legitimidade sagrada do casamento. Questões a serem observadas na atualidade, quando a paternidade é determinada por testes de DNA. Como fica a questão da paternidade com os novos processos de reprodução assistida e com as novas modalidades e famílias homoparentais e monoparentais? Em cada um destes casos as vivências das funções materna e paterna terão suas peculiaridades distintas, serão ou não substituídas por alguém que as exerça, ou serão falhas trazendo grandes conseqüências à formação do psiquismo de muitas crianças. Fatos que merecem atenção, mas que neste momento não são o foco da dissertação. Para Rudinesco (2003) a paternidade atual tem o caráter de um paternidade ética regida pelas leis e uma paternidade adotiva no sentido de que todo filho – ilegítimo, adulterino ou abandonado tem direito a um família, a um pai e a uma mãe (grifo meu).

Dor (1991), conforme mencionado já anteriormente, enfoca que pais reais desempenham melhor sua função de embaixadores da função paterna caso possam fazer parte da “linguagem do desejo” dos protagonistas (mãe e filho) junto aos quais devem assumir sua função. Neste contexto, é importante considerar que a função paterna é sedimentada pela aceitação e acolhimento inicialmente da mãe que reconhece o pai (companheiro) como objeto

de seu desejo. E também pela criança que reconhece a situação de terceiro e percebe o desejo da mãe pelo pai e que esta não o tem como único objeto de desejo (aqui já se configura o conflito edípico⁴).

Após o nascimento, segundo Winnicott (1982), é preciso um período de adaptação entre mãe-bebê para que se reconheçam e se adaptem. O bebê, que antes era hóspede do corpo da mãe, agora passa a ser hóspede em seus braços. Para este autor, no início da vida o bebê não tem desejos mas necessidades corporais, como mencionado anteriormente, que devem ser supridas, por alguém que se identifique com esta criança para saber, de fato, do que ele precisa. Desta forma, o fato do bebê estar em um estado de dependência não implica que haja por parte da mãe uma identificação. A falta e a inadequação de alguém que supra estas necessidades do bebê no início da vida gera distorção de seu desenvolvimento, segundo Winnicott (1980). O exercício da função materna no período inicial de vida do bebê é crucial para sua existência. Ao nascer, o filho se encontra num estado prematuro de “desamparo”. O amparo da mãe é uma necessidade para o ser humano constituir-se.

Berenstein (1996) nos informa que no desamparo originário da criança há uma dupla incapacidade: psíquica e motriz para lidar com o excesso de excitação provocado pelas necessidades elementares relacionadas aos instintos de auto-conservação. Esta tarefa de lidar com estes estímulos deve ser cumprida, segundo Berenstein (1996) por um adulto assistente e é sobre esta função que se instala a interpretação das necessidades do bebê, sua nomeação e significado. Para este autor o exercício da função materna está nas bases da nomeação e significação das necessidades do bebê, indicação e assinalamento de lugares mentais, do outro. Escolho falar da função materna em sua função de nomeação com parte inicial do processo de desenvolvimento da função simbólica a partir de Dolto. Dolto (1996) nomea a

⁴ O tema do conflito edípico será mencionado no Capítulo 4.

linguagem da mãe com o bebê de “sentimento materno” e o situa como um dos fatores inerentes a mulher.

Dolto (1996) nos mostra que a mãe desde seus momentos iniciais no contato com o bebê exerce a função de ir introduzindo o ser humano na linguagem e no mundo simbólico.

A função simbólica é fundadora do ser humano. É ela que permite ao filho do homem, nascido impotente para sobreviver sem a tutela parental, desenvolver uma relação inter-humana de dependência fundamental primária daqueles que desempenham, em relação a ele o papel de provedores e posteriormente de tutores (DOLTO, 1996, p. 231).

Desde a gestação, o bebê já tem percepções sonoras do ambiente em que vive embora não possua aparelho mental suficiente para compreensão e distinção de suas percepções. De acordo com Dolto (1996) o bebê percebe os sons do ambiente e ao nascer tem já conhecimento dos sons emitidos pelos entes da família, como a mãe o pai e os irmãos. A linguagem no dizer de Dolto (1996) está presente para o ser humano, durante a vida fetal, de início, auditivamente e pelas sensações de prazer e desprazer. Além disso o bebê percebe os movimentos da mãe já dentro do útero. Dolto (1996) menciona que talvez tenha surgido daí o ritmo pendular de ninar as crianças européias, a partir da intuição das mães, em devolver aos bebês, o ritmo conhecido de sua deambulação e atividades, que lhes proporciona calma e recuperam um estado conhecido, quando estavam dentro do útero.

Quando o bebê nasce os adultos já começam nomear suas mímicas e expressões. A autora cita, o sorriso, como exemplo dos momentos iniciais de nomeação dos gestos e mímicas da criança. Para Dolto (1996) o sorriso é uma expressão mímica inata na criança, que busca comunicação e contato. A mãe ao se referir ao sorriso da criança e expressar satisfação sinaliza e nomeia o gesto. O bebê ao encontrar-se com os fonemas produzidos pela mãe, responde com o gesto. Em seguida é só se referir a um sorriso que a criança se abre em expressá-lo. É, a partir da nomeação dos gestos da criança, para Dolto (1996), que se

estabelece o início da linguagem e da simbolização. A função simbólica, é percebida pela psicanálise no dizer de Dolto (1996), como a função fundadora do ser humano. É por intermédio da função simbólica que o ser humano pode se desenvolver, à partir de sua vulnerabilidade e impotência e de uma relação de extrema dependência dos adultos provedores para uma futura independência. O primeiro sorriso da criança, bem antes da mamada é entendido por Dolto (1996) como uma “potencialidade” para a linguagem, e não se trata de um desejo ligado à necessidade alimentar mas e sim de uma comunicação psíquica.

Todo o corpo da criança pode ser vivido como uma boca que apela para a comunicação inter-humana do tocar, do apalpar-expressão do desejo, independentemente da necessidade prenhe de satisfazer a fome e a sede (DOLTO, 1996, p. 234).

Quem humaniza o mundo da criança são os adultos tutelares, na medida em que organizam, de modo especial, através da mãe, suas necessidades de sono, alimentação e asseio. Nestas **trocas afetivas**, no **ritmo** e no **clima emocional** que cerca **mãe** e **filho** é que vão se dando a **linguagem dos desejos e das necessidades**.

Outro aspecto importante no dizer de Dolto (1996) se refere a busca da criança desde o nascimento pelo contato físico com a mãe e pelo toque. Dolto compreende esta busca como uma necessidade inata na criança de comunicação. Fato a se pensar nas dificuldades atuais de comunicação mencionada por pacientes. Dificuldades apresentadas duplamente, na necessidade de serem ouvidos e compreendidos; e em sua dificuldade de expressarem seus afetos, seus interesses.

Dolto (1996) faz uma observação de que crianças africanas, que são mantidas nuas, colocadas junto ao corpo das mães, no meio de suas vestes e as acompanham nos seus afazeres, podem manter este anseio pelo contato e comunicação com a mãe mesmo quando ela está se ocupando de outras atividades. Desta forma estes bebês respiram e apalpam constantemente suas mães, sentem seu odor e seu ritmo. Diferentemente, dos bebês europeus,

que são colocados ao berço e cuja necessidade e desejo de uma continuação do vínculo humano é alucinado⁵ através do gesto de sugar a própria língua, os pulsos e ou o polegar, numa espécie de imaginação misturada com fantasia, memória percepção e lembrança, onde a criança brinca de imitar um contato que lhe falta, o cheiro da mãe, sua visão e audição. Na falta da mãe presente, o bebê a evoca, e substitui o desejo da percepção tátil da mãe, do seio da mãe à boca, pela sucção de seu punho, seu polegar. O sugar dos próprios punhos ou dedos pelo bebê é percebido por Dolto (1996) como substitutos para que este melhor suporte o isolamento na ausência de “comunicação com a mãe”. Comunicação no sentido de contato corpo a corpo, boca no seio, pele a pele, psiquismo a psiquismo. Por este ato o bebê tem uma espécie de memória da mãe. Neste momento não se trata mais de necessidade mas de desejo de comunicar-se com o outro. Dá-se início aí ao processo de simbolização no dizer de Dolto (1996).

No contato com a mãe, são transmitidos ao bebê através da linguagem, aspectos culturais (valores, gostos, atitudes socialmente aceitas), a faceta estética da mãe e da família (a noção de belo, de harmonioso). A mãe transmite aquilo que consegue armazenar sobre o humano. *“A mãe está presente na relação com o bebê não só como mãe, mas como mãe, avó, bisavó, com toda a sua história de relações, como as questões do meio ambiente em que ela viveu, e da questão cultural, compondo o próprio cuidado materno”* (SILVA, 2004a, p. 292).

Gutman e Gaspari (1996) levantam outro aspecto relacionado à função materna e paterna que é a noção de filiação. Para estes autores, pela perspectiva materna a filiação é dada como certeza pois o filho sai de seu interior. No entanto, para o pai, a paternidade sempre tem um espaço de dúvida.

⁵ Termo utilizado pela psicanálise para nomear o fato da criança devanejar com o contato com o seio da mãe.

Para o humano, nascer é mais que sair do ventre materno [...] Se a criança é alojada aos braços da mãe sem ser referido pela mãe a um terceiro- o pai, será pensado como um objeto criado por ela. (THIS, 1981 apud GUTMAN; GASPARI, 1996, p. 129-130).

Aspecto que nos informa da importância da função paterna como referência na separação narcísica mãe-criança. Para que a mãe possa referir-se a um terceiro, mesmo em um período inicial de vida do bebê, ela precisa ter aceita e elaborada a lei do incesto. Desta forma, para Gutman e Gaspari (1996), o processo de separação mental entre mãe e bebê deve existir desde o início. A fusão temporária não significa que mãe e bebê se tornem um, embora o bebê perceba desta forma. Neste contexto, a função materna pressupõe a capacidade de permitir a fusão do bebê mas não perder a capacidade de discriminação entre sua personalidade e a da criança. Além disso é importante que a mãe tenha elaborado questões ligadas ao conflito edípico de forma que possa aos poucos ir introduzindo a figura do pai ao retomar seus interesses por ele. O sentido dado por Gutman e Gaspari (1996) é de que desde os primórdios da relação dual mãe-bebê a relação triangular está presente, mesmo que a figura do pai não seja plenamente percebida, mas esteja presentificada enquanto função de interdição a um vínculo incestuoso da mãe com a criança.

Como o leitor pode perceber, as funções materna e paterna estão presentes desde os primórdios da constituição do indivíduo e têm diferentes significados na constituição do psiquismo da criança.

3.1 A função materna e a função paterna como ancoradouro para o desenvolvimento físico, afetivo e cognitivo da criança

Entretanto chega-se a esse mundo no bojo de um ser humano, que por sua vez recebeu de outro a centelhada da vida e a fez vicejar. Como se não bastasse tal dependência – já se começa com uma dívida dupla! – o filhote humano revela-se mortalmente inadequado para a sobrevivência, e só logra à custa de boa vontade alheia. (SILVA, 1988, p. 7).

Diferentes autores da psicanálise trazem contribuições significativas para o tema da importância das funções materna e paterna para o desenvolvimento físico, afetivo e cognitivo da criança. Apesar de suas diferentes óticas em relação ao eixo a partir do qual a personalidade se estrutura e se desenvolve, é lhes comum a importância das funções materna e paterna na estruturação psíquica do ser humano. Tendo como foco a importância destes fatores das funções materna e paterna na estruturação do psiquismo, apresentarei, a seguir, algumas de suas contribuições que considero bastante significativas para ilustrar o tema.

No início da vida, como o bebê não é capaz de controlar e lidar com as questões relacionadas com o ambiente, tanto interno (sensações, percepções, angústias), quanto externo (calor, sons, etc.), há necessidade de alguém que tenha qualidades especiais para fazê-lo; no caso, os pais. Para Winnicott (1990), o bom ou mau ambiente não é de fato uma projeção da criança mas para que o lactente se desenvolva sadiamente é importante que o ambiente pareça sê-lo. A função materna, no início da vida da criança, na visão de Winnicott (1990), é a de exercer a função de “ego auxiliar” para que o bebê possa ir desenvolvendo gradativamente o seu “self”. Através desta função da mãe o bebê irá desenvolver de forma gradual seu ego na medida em que vai aprendendo a lidar com o mundo interno e externo utilizando cada vez mais seus próprios recursos.

[...] o favorecimento de um ambiente suficientemente bom na fase mais primitiva capacita o bebê a começar a existir, a ter experiências, a constituir um ego pessoal, a dominar os instintos e a defrontar-se com todas as dificuldades inerentes à vida. Tudo isso é sentido como real pelo bebê que se torna capaz de ter um eu [...] (WINNICOTT, 2000, p. 404).

A função materna está profundamente imbricada na formação do ego da criança. Winnicott (1990) cita que o ego materno complementa o ego do lactente com os cuidados maternos. Entendo que o sentimento de “complementação” implica um prover a criança de suas demandas de cuidados: alimentação, calor e afeto. Fato que permite à criança, em um período bem precoce de seu desenvolvimento, ter a ilusão de que a mãe é extensão de seu corpo. Este contato mãe-bebê permite a sensação de amparo e de integração num momento em que a criança vive como desamparo o não suprimento de suas necessidades. Ao emprestar seu corpo como ego auxiliar a mãe proporciona ao bebê:

um senso de continuidade através da mãe que atende. Essa presença continuada da mãe que ‘entende e atende’ essas necessidades básicas do bebê vai propiciar para a criança um senso de continuidade, baseada na prazerosa sensação de que ela ‘continua a existir’ (ZIMERMAN, 1999, cap. 7, p. 105).

Desta forma a mãe empresta seu corpo temporariamente, permitindo à criança a ilusão, necessária a seu desenvolvimento, de que ela e mãe são uma só. Penso que Winnicott (1980) retrata o emprestar do corpo materno referindo-se à mãe que dá a noção de continuidade ao bebê, permitindo num período inicial de vida que este acredite que o corpo da mãe é extensão do seu e ainda que as vivências de frustração não sejam tão intensas. E que a presença da mãe por perto lhe dê a noção de que continua a existir. Zimerman (1999) cita que o “encaixe” dos corpos de ambos (mãe-bebê) se traduz na forma como a mãe segura no colo, acalenta. Aqui se configura a função de “holding”. O termo “holding”, do inglês, que significa segurar, é tomado por Winnicott (1990) com uma amplitude de sustentação e suporte adequado para que a criança possa desenvolver suas potencialidades, através da empatia da mãe.

O 'holding' protege contra a afronta fisiológica; leva em conta a sensibilidade epidérmica da criança-tato, temperatura, sensibilidade auditiva, sensibilidade visual, sensibilidade à quedas (ação da gravidade) - assim como o fato de que o lactente desconhece a existência de tudo o que não seja ele mesmo. Inclui a rotina de cuidados ao longo do dia e da noite, que nunca é a mesma em dois lactentes, porque é parte do lactente, e dois lactentes nunca são iguais. Segue também as mudanças instantâneas do dia a dia que fazem parte do crescimento e do desenvolvimento do lactente, tanto físico como psicológico. (WINNICOTT, 1990, p. 48).

Para Winnicott (1990), sustentação ou “holding” é uma forma de amar e está diretamente ligada à capacidade da mãe de identificar-se com o filho. Assim como da capacidade intuitiva da mãe, e de sua capacidade de antecipar as necessidades da criança, habilidade importante no desempenho da função materna na qual a intuição ajudará no exercício de perceber e discriminar as necessidades do bebê das necessidades da mãe. Para o desenvolvimento de tais capacidades pressupõe-se uma “dedicação” da mãe. Aqui, coloca-se, a meu ver, o sentido dado por Winnicott à dedicação, um disponibilizar-se emocionalmente da mulher-mãe. Neste contexto, Winnicott (2000) acredita que a mãe do bebê é a pessoa mais adequada para cuidar dele, por estar mais capacitada a atingir o estágio de preocupação materna sem adoecer. A mãe adotiva ou qualquer outra mulher que se disponibilize a esta “preocupação materna primária” poderá adaptar-se suficientemente às necessidades da criança, na medida em que for capaz de identificar-se com ela. A capacidade de identificação com a criança é o fator preponderante na função materna necessária à formação e estruturação do ego da mesma. Suas variações em relação à mãe genitora ou adotiva, embora sejam significativas, não serão aprofundadas nesta dissertação.

O auxílio ao ego do lactente, feito pelo cuidado materno, permite à criança desenvolver-se, num período em que ainda não é capaz de controlar ou de sentir-se responsável pelo que é bom ou mau daquilo que ocorre no ambiente (WINNICOTT, 1990). Para Winnicott (1990), a função materna é garantir que o desenvolvimento da criança ocorra naturalmente na medida

em que garante as condições necessárias de sobrevivência física e psíquica e, concomitantemente, o asseguramento para que a criança desenvolva seus recursos.

É interessante lembrar que o referencial que toda mãe tem inicialmente no contato com o bebê é o de suas próprias vivências. Em termos de vivência de cuidados essenciais as mães tendem, por exemplo, a agasalhar seus filhos pela sua própria percepção de frio e calor. No entanto uma mãe que percebe o filho como “sujeito” (como outro ser individualizado dela) pode perceber que este tem suas próprias sensações de frio e calor de acordo com suas características próprias; seja de idade, seja de constituição física. Isto vale para o aspecto de cuidados essenciais, assim também como para os cuidados que se referem ao aspecto psíquico e emocional. Neles, a mãe também deve discernir quais são as necessidades da criança, discriminando-as das suas. Recordo-me de uma situação clínica na qual a mãe continuava a amamentar sua criança de três anos ao seio porque, desta forma, a mãe se sentia suprida emocionalmente em sua carência de contato emocional. Em sua mente, o amamentar tinha uma função de tornar-se útil e não de suprir as necessidades do bebê; interromper o ato de amamentar significaria tornar-se completamente sem função e desvitalizada. Não havia uma discriminação entre as necessidades da criança e da mãe.

Winnicott (1980) também atribui o tocar como parte integrante do “holding” exercido pela mãe. O tocar facilita a formação de uma associação psicossomática na criança, contribui para o sentido de “real”. Em contrapartida, o toque desajeitado atua contra o desenvolvimento do tônus muscular e interfere na capacidade da criança de perceber o funcionamento corporal. Dolto (1996) nos fala que o bebê europeu, retirado do colo da mãe e colocado ao berço, experimenta, mais precocemente que as crianças africanas que são mantidas atadas à mãe, o mal estar de ver-se na falta do contato e do toque materno.

Para utilizar sua intuição como fator importante no exercício da função materna é importante que a mãe esteja muito sintonizada com o seu bebê. E também sintonizada com

suas próprias questões e necessidades. Depende portanto de recursos psíquicos por parte de quem exerce a função materna; não é algo que pode ser aprendido didaticamente, como menciona Winnicott (1980). Uma boa condição para o exercício da função materna sugerida por Winnicott (1980) é a capacidade intuitiva da mãe ou da pessoa que assume as funções de maternagem. Para que possa haver intuição é imprescindível a dedicação, o tempo necessário para o contato entre a dupla mãe-bebê. Aqui se coloca um ponto importante que é a questão do tempo disponível para o contato, hoje cada dia mais escasso devido às demandas da mulher-mãe, como também a possibilidade de dedicação, ou seja, a disponibilidade emocional para o contato afetivo com a criança, advinda do desejo e de condições psíquicas, da capacidade de fazer vínculos, de suportar frustrações, entre outros. Para tal intento penso ser relevante retomar a importância da função paterna, ocorrendo paralelamente ao favorecer condições essenciais para que mãe se disponibilize junto ao bebê; uma função paterna que favoreça as condições básicas de acolhimento e aconchego, bem como a mínima interferência numa fase bastante primária do contato mãe-bebê na qual uma certa fusão se faz necessária para o desenvolvimento da intuição. Por uma não interferência, entendo como a capacidade do pai de estar na retaguarda e não rivalizar com mãe e bebê. Não se interpor na relação dual é também não querer ocupar o lugar da mãe.

Barriguet Melendez e Soto (1997) fala-nos que a função paterna nesta fase é complementar à intensa relação diática mãe-bebê e que o pai tem uma capacidade de consolo. Para este autor, mesmo quando se fala em desenvolvimento da dupla mãe-criança, sempre se conota um terceiro que é aquele que dá amplitude e ressonância às interações mãe-bebê, potencializando o olhar, o efeito do diálogo olho no olho, assim como proporcionando o descanso e a distração de tão intensa troca. Este autor retrata a importância da função paterna, potencializando a função materna, no sentido da figura paterna poder dar espaço para que o contato e a fusão ocorram e também, desde o início, estar na retaguarda e separar e

discriminar a relação dual mãe-bebê quando esta é muito intensa, ou quando a mãe acha-se tão envolvida a ponto de não ser capaz de discriminar suas próprias necessidades das do bebê. A interdição nesse momento tem como função aliviar a intensidade da relação fusional para que a mãe possa recupera-se e retomar outros interesses. O pai tem a função de contextualizar a vivência da dupla. Além disso, sua presença é importante para o descanso de tão intensa relação entre mãe e bebê. Podemos observar este fato quando a mãe está tomada por angústias e não compreende o choro do bebê e o pai ou um terceiro pega o bebê no colo. O choro cessa.

Para Barriguete Melendez e Soto (1997), a interação física e afetiva entre mãe e bebê tende a uma amplíssima conotação frente ao olhar, gozo ou dissabor do pai, desde os primeiros contatos. Neste sentido, a dupla mãe bebê já evoca a conexão ou desconexão de um terceiro como, por exemplo, o pai do bebê, o pai da mãe, ou ambas as imagens. Na visão deste autor, a presença de um terceiro no movimento de antecipação da mãe às demandas do bebê, é necessária, para que a antecipação não seja ansiosa. Neste sentido, compreendo que a **função paterna insere-se como facilitadora da relação diática** mas também **representante da proibição** e da **contextualização da dupla**. Este fato é que promove **organização**, evitando uma “confusão” entre mãe e bebê ou ainda uma mãe que acabe sendo intrusiva quando não é capaz de **discriminar** suas próprias demandas das demandas da criança. Como o ego imaturo da criança não pode defender-se, a figura paterna tem esta função. Podemos observar, na clínica, na postura de mães excessivamente presentes na vida da criança devido à dupla ausência dos pais (ausentes no sentido de estarem sempre voltados para o trabalho e ausentes afetivamente). E ainda mães que, ao se **anteciparem de forma ansiosa, superprotegem** ou **impedem** o surgir do **gesto espontâneo** da criança de forma que a função materna fica falha. Recordo-me do caso de uma criança de cinco anos que começa a imitar a mãe em sua maneira de vestir e falar. O pai é alguém alheio às manifestações da criança, não se disponibiliza como modelo, nem tão pouco estabelece contatos afetuosos com o filho através de carinhos e

brincadeiras. O modelo extremamente presente é o da mãe que tenta tudo ensinar, tudo prover. Desta forma, a criança busca **in vestir-se** da mãe através do vestir-se e do falar de forma idêntica à dela. Neste sentido parecem falhas as funções materna e a paterna.

Kris (1957 apud BARRIGUETE MELENDEZ; SOTO, 1997) mostra que também o bebê influi na função materna, dependendo de suas capacidades biológicas inatas, já prontas, que se inserem na relação diática. Cada criança tem suas características constitucionais próprias (bebês que toleram mais as faltas, demoras ou dores e bebês mais sensíveis, com baixa tolerância às frustrações). Portanto, as crianças, com suas características próprias, vão dar um **colorido próprio às modalidades de relações**. Outro aspecto importante a se considerar das colocações de Kris (1957 apud BARRIGUETE MELENDEZ; SOTO, 1997), é que as **características de personalidade** da mãe e da criança, e a **qualidade de sua interação** são fatores a se observar no favorecimento ou não do desempenho da função materna e seguidamente da função paterna. Continuando este raciocínio, as qualidades de interação dos pais (da mãe com seu parceiro) também influenciam no desempenho da função materna. Portanto, as crianças, com suas características próprias, vão dar às modalidades de relação com suas mães um colorido específico, incluindo determinadas características de possibilidade de maternidade e paternidade (BARRIGUETE MELENDEZ; SOTO, 1997)⁶. Estas características do bebê serão **determinantes** nas características de abertura à **maternidade** na progenitora, e de **paternidade**, no pai. São nestas trocas com o bebê que a mulher, que gestou e pariu, torna-se mãe. Para Lebovici (2004) é o **olhar** do bebê para a mãe que a torna mãe; no sentido de que a mãe necessita dos investimentos da criança para se **tornar mãe**. Podemos dizer que tanto a mãe quanto o pai precisam das **trocas** provindas do **contato** com o bebê. O exercício da função materna, e também o da paterna, será fortemente,

⁶ Como maternidade e paternidade quero relacionar as vivências do ser pai e do ser mãe, independentemente do nível de capacidade de exercício da função materna e paterna.

determinado pelas condições das relações entre mãe-bebê entre mãe-bebê-pai, e entre mãe-pai-bebê. As funções materna e paterna ocorrem a partir de vínculos.

Desde os primórdios, portanto desde antes de nascer! Esta marca caracteriza toda e qualquer pessoa tanto quanto o fato de ser mortal: o fato de ser alguém vinculado sem remissão. Pode-se negar os vínculos, atacá-los, idealizá-los ou o que for: mas sempre se está dentro de uma relação. (SILVA, 1988, p. 7)

Retomando o dizer de Barriguete Melendez e Soto (1997), podemos conjecturar que as formas de vínculos estabelecidos entre mãe-bebê, pai-bebê, mãe-pai-bebê e mãe-bebê-pai serão determinantes de como se dá o exercício das funções materna e paterna. Desta forma, é importante considerarmos não apenas os sujeitos e suas funções, mas a interação entre eles. Neste foco podemos mencionar que bebês mais vorazes, crianças com maior incidência de impulsos agressivos, demandam maior capacitação dos pais para o exercício das funções materna e paterna. Capacidades de lidar inicialmente com angústias e posteriormente com teimosias e birras, sobrevivendo à elas no sentido de manterem a condição de compreender e discriminar. Nisto consiste a “arte” de ser pais. Há ainda o fato de que mães muito apegadas a seus bebês, numa vivência da fusão de forma intensa (onde a mãe fica tomada pelas identificações da criança e com suas próprias vivências da infância e perde a condição de adulta) demandam uma função paterna mais firmemente presente e atuante. Um parceiro (pai) que permita à mulher vivenciar com tranquilidade seu lado “mãe”, suportando estar ao lado sem rivalizar com o bebê, nem com a mãe, é uma condição importante e favorecedora do desempenho da função materna. Neste sentido cabe reforçar que no período dos primeiros meses de vida da criança a função paterna está associada a retaguarda e complementação da função materna, como pudemos perceber pela visão de Winnicott (1980) e Barriguete Melendez e Soto (1997).

A figura do pai só pode ser entendida e explicada como parte e complemento da intensa e fundamental relação diática, mãe-bebê. Podendo ser feita através de um enfoque complementarista (BARRIGUETE MELENDEZ; SOTO, 1997, p. 11, tradução nossa)

Este autor informa-nos que falar da função paterna pressupõe a existência da dupla mãe-bebê. Desta forma, valoriza e considera a importância da figura materna e coloca a função paterna como parte integrante e complementar da função materna. Estas variáveis são objetos de estudo e investigação psicanalítica e justificam a variável da escolha de casais de pais para a pesquisa de campo. Tal escolha poderá trazer contribuições valiosas sobre esta dinâmica.

Retomando a importância das interações da mãe com a criança no vivenciar da função materna, Barriguete Melendez e Soto (1997) levanta aspectos de que a mãe terá que conviver com seu bebê, tanto o real como o imaginário⁷ e com o fantasmático, depositário das fantasias inconscientes, e do bebê mítico, representado por aspectos da cultura. Podemos, pensar que também o pai conviverá com estes aspectos. A partir das inúmeras interações e por meio delas é que se dá o exercício da função materna e da paterna.

Retornando ao aspecto da função materna e paterna no sentido de formadoras do ego do infante, pressupõe-se no período inicial compreender a linguagem do bebê antes mesmo que este a possua de forma estruturada. Esta compreensão está ligada à percepção das formas de comunicação pré-verbal que vai dos movimentos corporais do bebê, seus balbucios, até choros e ansiedades. Creio que este aspecto pressupõe um estar junto e uma capacidade de percepção aguçada.

Winnicott (1990) menciona as habilidades da mãe com relação à empatia, como citado anteriormente, num período de vida bem inicial da criança como aspecto que capacita à mãe a compreender a criança.

⁷ Bebê imaginário: noção pré consciente da mãe, elaborado durante a gravidez e no fantasiar diurno, compartilhado como o pai.

Na verdade a palavra infante significa 'sem fala' e não é útil pensar na infância como fase anterior à apresentação das palavras como símbolos. O corolário é que se refere à fase em que o infante (lactente) depende do cuidado materno que se baseia na empatia materna mais do que na compreensão do que é ou poderia ser verbalmente expresso (WINNICOTT, 1990, p. 41).

A compreensão da mãe dá-se a partir da capacidade intuitiva de captar as comunicações do bebê que não ocorrem apenas no que é expresso em termos de comunicação verbal, que é muito precária numa criança pequena, mas de uma comunicação intrapsíquica, que tem íntima relação, a meu ver, com a capacidade de imaginar da mãe.

Winnicott (1996) informa-nos que em seu processo de desenvolvimento o bebê começa a precisar que a mãe seja mal sucedida em sua adaptação. É a partir de **pequenas falhas** na **área da ilusão** de que a criança e mãe são uma unidade que se vai processando a **individuação**. A criança vai-se percebendo separada da mãe. Adquirindo confiança em sua capacidade de **recuperar-se** de certas vivências de aniquilação, levando o ego a **capacitar-se** para suportar frustrações. No entanto, se estas falhas do cuidado materno ocorrem num período fusional, ou de forma muito intensa, podem causar enfraquecimento do ego da criança (WINNICOTT, 1990).

Klein (1982) e Bion (1966) dão ênfase à função materna no sentido de compreender a vida emocional da criança, suas ansiedades e defesas. Klein nos fala de um ego rudimentar nos três primeiros meses de vida da criança; e as primeiras relações de objeto dão-se na amamentação. O seio é o primeiro objeto amparador de uma ansiedade persecutória todas as vezes que o bebê tem privações. O bebê humano espera da mãe mais que alimento; espera também amor e compreensão. O conforto e os cuidados da mãe dão origem a emoções mais felizes, enquanto as vivências de frustração, desconforto e dor são vividas como perseguição.

As repetidas experiências de gratificação e frustração constituem poderosos estímulos para os impulsos libidinais e destrutivos, para o amor e o ódio. Em consequência, o seio materno tanto quanto é gratificador, também é amado e sentido como bom; na medida em que

for uma fonte de frustração, será odiado e sentido como mau. Essa poderosa antítese entre seio bom e seio mau é devida principalmente a falta de integração do ego, assim como aos processos de divisão dentro do ego em relação ao objeto. Contudo existem bases para acreditar que mesmo durante os três ou quatro meses de vida o bom e o mau objeto não se distinguem completamente um do outro na mente da criança. O seio da mãe, tanto em seu bom ou mau aspecto, também parece fundir na presença física materna e a relação com ela, como pessoa é construída gradualmente desde o estágio primitivo (KLEIN, 1982, p. 218, grifo meu).

A função materna nesta fase é ser receptáculo de projeções.

Exercer a função de para-excitação dos estímulos do ego incipiente da criança. Estímulos provindos de tensões e traumatismos derivados das primeiras experiências sensoriais e emocionais ou das sensações desprazerosas emanadas do próprio corpo (ZIMERMAN, 1999, p. 104).

Klein (1981c) fala-nos destes aspectos quando cita um ego incipiente, na criança pequena, cujo desenvolvimento não está completo e, depende de alguém que exerça a tarefa de dominar as intensas angústias destas etapas de vida.

A função materna nos primeiros meses de vida do bebê, para Klein (1981c), é ser receptáculo das angústias e ataques sádicos da criança. Neste período inicial de vida, o bebê relaciona-se com a mãe, primeiramente como se fosse parte dele; em seguida, o bebê percebe a mãe como um objeto (um outro ser) denominado por Klein (1981a) de “objeto parcial” que possui características ora boas, ora apenas más. Como a criança pequena não tem um aparato psíquico (aparelho mental formado) para digerir suas percepções, sensações e angústias, “projeta-as”⁸ na figura materna. É nesta condição de receptáculo de emoções em estado bruto que a mãe necessita desenvolver sua função materna. No princípio da vida mental da criança os estímulos são vivenciados em estado de desorganização, como um **caos**. A criança, por não

⁸ No sentido psicanalítico, é uma operação pela qual o indivíduo expulsa de si e localiza no outro sentimentos e desejos.

ter um aparato psíquico capaz de lidar com a confusão de estímulos de forma a organizá-los, precisa **livrar-se deles**.

O bebê projeta os seus impulsos de amor e os atribui ao seio gratificador (bom), assim como projeta os seus impulsos destrutivos e os atribui ao seio frustrador (mau). Simultaneamente, pela introjeção, um bom seio e um mau seio são estabelecidos dentro dele. (KLEIN, 1982, p. 218)

É neste sentido que Klein trás-nos os mecanismos de projeção e posteriormente de introjeção. Para lidar com estes estímulos surge a função materna para recebê-los, acolhê-los e entender as transmissões da criança, transformando-as de forma a dar sentido às suas projeções, aliviando a ansiedade da criança e possibilitando que o bebê internalize bons conteúdos. Para Klein (1982) a relação com a mãe enquanto sujeito é construída gradualmente. É com a presença física da mãe que a criança de poucos meses começa a integrar seio bom e seio mau. O vínculo com a mãe é responsável neste sentido pelas primeiras noções de discriminação bom e mau, presença e ausência.

Para Bion (1993), a função materna está associada à **função de pensar**. As origens e o desenvolvimento do pensar dependem entre outros fatores dos primeiros cuidados com o bebê. É uma atividade complexa e implica um vértice ativo (a mãe) e outro receptivo (o bebê). Estas tarefas implicam **o pensar, o sentir, o comunicar, o integrar, o humanizar**, e demanda alguém especial que ame a criança em suas condições (SILVA, 1988, p. 8).

“A integração com um bebê acontece a níveis tão primitivos que requer um órgão especial, ou uma condição especial de órgão digestivo mental” (SILVA, 1988, p. 8). Para Bion (1993), a mãe tem um papel fundamental no processo de desenvolvimento da capacidade de pensar da criança. É através da capacidade de fantasiar da mãe, “*rêverie*”⁹ (ter capacidade e liberdade para imaginar o que o bebê está tentando expressar), que esta consegue

⁹ “*Rêverie*” é um termo francês, que tem o sentido de estrangeiro e poético, e é utilizado por Bion (1993), para significar a capacidade materna em fantasiar.

discernir e digerir as angústias do bebê e devolvê-las de forma a poder possibilitar seu desenvolvimento psíquico.

Bion (1973) percebe a relação mãe-bebê como de continente-contido onde o continente (inicialmente a mãe, como primeiro objeto de contato com o bebê, ou alguém que exerça esta função) é uma mente que recebe, acolhe as projeções que são elementos beta¹⁰, ainda não simbolizados. A função materna, pela ótica de Bion, é traduzir o aglomerado de percepções sensoriais e emoções, dando-lhes sentido de forma a torná-las conteúdo possível para ser útil como material a ser pensado, sonhado ou sentido pelo ser humano em desenvolvimento. A função materna, neste sentido, é de mediadora do processo de simbolização, de nomeação, de dar sentido às experiências. Estes autores estão falando de um período no qual a criança não tem ainda acesso à linguagem verbal. Entendo que o trabalho da função materna nesta etapa de vida da criança é ser capaz de uma comunicação pré-verbal pautada em sua condição emocional.

A relação continente-contido mencionada por Bion (1973) ocorre de forma intensa nesta etapa através do mecanismo de identificação projetiva. Embora esta seja uma interação que ocorre no plano da fantasia, não lhe falta realidade, concretude e efetividade. *“Ao mamar, o bebê não só se alimenta do leite, mas recupera suas partes expelidas na mãe tendo sido por ela digeridas e devolvidas consertadas.”* (SILVA, 1988, p. 10). Para Silva (1988), quando a mãe é capaz de suprir uma expectativa no sentido de entender e traduzir os conflitos do filho e devolvê-los, este poderá receber de volta não apenas os conteúdos projetados, agora elaborados, mas também a capacidade de contê-los. A função materna para Bion (1966), está diretamente ligada às condições de receptividade da mãe e de sua capacidade de “rêverie”. Silva (1988) fala da capacidade da mãe de ter boas memórias, memórias de experiências felizes, agradáveis, memórias de aprendizado. Podemos pensar na importância da riqueza do

¹⁰ Elementos psíquicos desprovidos de simbolização e sentido que aparecem como fragmentos de percepções sensoriais que a criança ainda não tem aparelho para decodificar.

mundo interno da mãe: uma mãe que tenha boas lembranças da criança que foi, boas lembranças de um mãe afetuosa, facilitam o exercício da função materna. O contrário disso, mães empobrecidas de mundo interno, com pouca capacidade de fantasiar e ainda com memórias afetivas de uma maternagem mal sucedida poderão ter sérias dificuldades no exercício da função materna.

Mas também há uma interação entre a capacidade da mãe e da criança, como foi mencionado anteriormente. Um bom exercício da função materna nos primeiros meses de vida tem relação intrínseca com a interação entre a criança e a mãe. Neste processo está inserida a capacidade da mãe de tolerar as projeções e ataques destrutivos do filho sem revidar de forma retaliadora e sem sucumbir a um estado de depressão, como menciona (ZIMERMAN, 1999); além da capacidade do bebê mencionada por Bion (1966) de tolerar frustrações. A experiência de frustração para se transformar em crescimento exige uma atitude ativa de reconhecer a ausência de satisfação, a necessidade de recursos para obtê-la, e o suportar a situação para decidir como enfrentá-la. No lactente, inicialmente, as sensações e sentimentos são percebidos como satisfação ou insatisfação. Na medida em que a criança vai amadurecendo desenvolve recursos de ego como a capacidade de postergar e a capacidade de tolerar frustrações. A experiência de lidar com a frustração mediada pela mãe é que permite à criança desenvolver a capacidade de tolerar, conter e trabalhar os próprios conteúdos mentais, adquirindo as noções de distância (quando a mãe está ausente, quando joga objetos e brinquedos) e discriminação (eu/outro, mãe/pai). Neste sentido a “Rê verie materna” faz-se necessária para o desenvolvimento da capacidade de pensar.

Trata-se de um acontecimento fundamental, do despertar da inteligência, em que um segundo parto se realiza, gradualmente, não mais biológico porém mental. E a criança, até então às voltas com elementos caóticos onipresentes e avassaladores, adquire por mediação materna, a capacidade de elaborá-los e de articulá-los (SILVA, 1988 , p. 9, grifo meu).

A mãe vai transmitindo à criança a noção de separação e de espera, na medida em que se separa e retorna ao encontro com o bebê. A capacidade de tolerância e continência da mãe vai **graduando** e **amparando** as angústias da criança que adquire condições progressivas de tolerância. A criança vai adquirindo as noções de **senso de realidade** aos poucos. Bion (1973) ressalta que para o desenvolvimento da criança não bastam as condições de receptividade materna mas também as condições internas da criança (cada criança com seu nível de tolerância à frustração inato) que funcionam como terra fértil para receber a semente. Desta forma a capacidade de continência materna pode ir formando na criança também uma capacidade de continência e o processo de **amadurecimento** vai ocorrendo.

Falhas na função materna podem acarretar problemas relacionados às patologias que se referem à formação e estruturação da personalidade. Patologias como psicose ou esquizofrenia podem estar diretamente relacionadas às falhas na função materna nas primeiras etapas de vida (WINNICOTT, 1999).

4 FUNÇÃO MATERNA E PATERNA E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO E AS VIVÊNCIAS DO COMPLEXO DE ÉDIPO

Freud (1974) fala-nos da importância dos pais na constituição do animal homem em humano civilizado em dois momentos distintos através de dois mitos. No primeiro mito, Freud cita o pai da horda primitiva que detinha o poder supremo sobre a tribo com direito a todas as mulheres, amado e odiado. Por um fenômeno grupal, a união dos irmãos da tribo lhes permitiu realizar aquilo que individualmente desejavam mas seriam incapazes de fazer: matar o pai poderoso. Em grupo, os irmãos matam o pai e, num ritual de canibalismo, devoram-no demonstrando sua agressividade contra o pai violento e detentor do acesso a todas as mulheres. Freud (1974) denomina o sentimento ambivalente dos filhos para com o pai tirano de “complexo paterno”. Após a morte do pai, cai sobre a tribo um sentimento de culpa que dá origem a uma carência paterna manifesta na eleição de totens e de leis para a civilização. O anseio pelo pai é para Freud a origem dos sentimentos de amor e ódio da humanidade pelas figuras de autoridade que são buscadas e investidas de características paternas (FREUD, 1975c).

Dor (1991) informa-nos que através deste ato ambivalente de matar o pai e devorá-lo está presente a **agressividade** contra o pai, mas também a absorção de sua **identidade** e o **desejo por sua força**. Por meio deste ato, os sentimentos dos filhos para com o pai são revelados em suas contradições. Penso que o mito nos informa da importância da figura paterna como **modelo para identificações** dos filhos no processo de formação de sua identidade tanto sexual quanto de papéis sociais. Além disso, a figura paterna, e podemos dizer a materna também, são foco de sentimentos ambivalentes por parte dos filhos no sentido de amá-los e admirá-los mas também nutrir pelos pais sentimentos de raiva, rivalidade e

destrutividade. Por meio do ato do assassinato do pai, são revelados os sentimentos de rivalidade para com o pai em favor dos desejos incestuosos pela mãe. Os sentimentos dos filhos da horda primitiva são representativos dos sentimentos dos filhos que odeiam o pai quando se opõe aos seus desejos e exigências sexuais (desejo pela mãe, desejo de manter-se ligado a fusionalmente à mãe), mas que ao mesmo tempo amam-no e o admiram (como aquele que tem atributos apreciados). Repensando este mito, relacionando-o à importância das funções dos pais (pai e mãe) na formação da identidade dos filhos, penso ser importante no sentido de que são conflitos pertinentes às vivências dos filhos que demandam dos pais ocuparem o lugar daqueles de alvos de tais sentimentos sem **sucumbirem-se** a eles. Serem alvos das rivalidades e de sentimentos contraditórios dos filhos sem **perderem** a capacidade de exercer suas funções. Como exemplo disso, podemos dizer do temor de alguns pais de se fazerem presentes na relação mãe-criança, e não serem amados ou serem rejeitados pelos filhos. E, ainda, no temor de alguns pais (pai e mãe) de perderem o amor e amizade dos filhos ao colocarem limites e estabelecerem regras e normas. Desta forma **ausentam-se**, ou **omitem-se** de exercer suas funções, ou, são coniventes com estados fusionais prolongados de certas mães com seus filhos.

Retomando as idéias de Dor (1991) sobre função paterna, ele a associa à função fálica¹. Para adquirir a condição de pai, no mito, o homem que possui o acesso a todas as mulheres tem que morrer.

O homem, enquanto pai, tem que dar provas, num dado momento, de que realmente possui aquilo de que todo o homem é desprovido. O pai enquanto homem, jamais pode dar outra prova senão dar aquilo de que é desprovido (DOR, 1991, p. 34).

Com estas idéias o autor quer mencionar que para o pai exercer sua função paterna de interditor do incesto é preciso que seja aquele detentor dos falos enquanto função. O sentido

¹ Pai como aquele que detém o poder e o acesso a todas as mulheres da tribo (DOR, 1991).

apontado por Dor é que os homens herdaram a partir do mito da horda primitiva a lei simbólica da proibição do incesto onde todos os homens deverão renunciar às mulheres cuja posse é de um único homem, o pai.

Assim a dimensão simbólica do pai transcende em muito a contingência do homem real. O estatuto de Pai é um puro referente cuja função simbólica é sustentada pela atribuição do objeto imaginário fálico (DOR, 1991, p. 42).

A função paterna, para Dor, está associada à **lei do incesto** como **organizadora** do psiquismo. O homem, enquanto pai, para transmitir a lei, deve assumir a função simbólica que significa, aos olhos da criança, ser aquele que detém o direito sobre a **mulher** cobiçada (no caso, a mãe) e assumir simbolicamente o lugar de tirano, passível de ser odiado pela criança e condenado a uma morte simbólica. Compreendo por tirano aquele que se interpõe ao desejo infantil de possuir a mãe, dando à criança a noção de que a mãe, enquanto mulher pertence aos desejos do pai. À função paterna neste momento, cabe ocupar o lugar passível de receber sentimentos de ódio e de agressividade por parte da criança como aspectos naturais de seu desenvolvimento. Fato que interfere muitas vezes no exercício da função paterna relacionada a este fator, refere-se à imaturidade emocional do pai que também rivaliza com a criança em quem, também, são revividos conflitos ligados à esta fase de desenvolvimento e caso não estejam bem elaborados serão fonte de confusões.

Para Dor (1991), a função paterna no sentido de interdição do incesto não precisa ser exercida unicamente pelo pai genitor, mas alguém que mediatise os desejos da criança e da mãe.

Todo terceiro que responder a esta função mediatizando os desejos respectivos da mãe e do filho vai instituir, por sua incidência a função legalizadora da interdição do incesto. Ora, responder a esta função implica unicamente que seja convocado, em posição de referente terceiro, o significante do pai simbólico, isto é, o significante fálico enquanto simbolizando o objeto da falta desejado pela mãe (DOR, 1991, p. 42).

Isso, nos leva a pensar, que na falha ou no fracasso do pai genitor outros precisarão exercê-la; fato que ocorre no trabalho psicanalítico de exercer a função paterna com pacientes no sentido de discriminação e separação. Ocariz (2002) nos fala que neste ponto importa o nível de saúde mental da mãe, e sua capacidade de emitir mensagens de sedução e de discriminar os limites na relação materno-filial. E acrescenta que muitos dos sintomas dos pacientes que buscam ajuda referem-se a estas questões.

Muitos dos sintomas apresentados pelas pessoas que nos consultam hoje têm a ver com estes tipos de fixações primárias, com as vicissitudes dessa alienação primordial e sua saída. Os sintomas de angústia desintegradora, pânico, depressão, anorexia, são sintomas que têm a ver com esses momentos primários de desenvolvimento infantil (OCARIZ, 2002, p. 284).

Para responder a tal função paterna em seu fator de interdição é preciso que a função pai seja **convocada** em posição de terceiro que represente o objeto da falta desejado pela mãe. Isto implica, no meu entender, que a mãe convoque a função paterna na medida em que retirar sua libido, totalmente voltada para a criança, para redirecioná-los a outros desejos, como, para os desejos relativos à sexualidade de mulher adulta. Caso a mulher-mãe não tenha seus conflitos relacionados às vivências desta fase, da sexualidade e dos conflitos edípicos; a convocação do pai não ocorrerá e a criança ficará presa no estado de fusão. Aí, se insere, novamente, a função materna, de ir fazendo separações e ir introduzindo a criança no contato com o pai, com os outros e com o mundo.

Neste ponto, penso ser importante mencionar o segundo mito utilizado por Freud para retratar um conflito importante do desenvolvimento de toda criança e de todo adulto. Freud (1976a) utiliza um outro mito, “Édipo rei”, que versa sobre o mito universal em que toda criança deseja, em uma certa fase da vida, possuir a mãe e matar o pai, realizando desejos incestuosos. O eixo central do complexo de Édipo, para Freud, é o deslocamento do primeiro objeto de amor (mudanças dos investimentos amorosos do primeiro objeto-mãe, para o pai) e

o conflito entre os desejos amorosos por ambos os pais. Klein (1981b), a partir de suas experiências com crianças, revela-nos que os desejos edípicos iniciam-se muito mais cedo do que constata Freud.

Como para a psicanálise já se confirma a crença numa vivência edípica bem precoce, revelada pelos escritos de Klein (1981b), podemos falar de uma função paterna também precoce. Desta forma, concordo com as colocações de Green (1980 apud BARRIGUETE MELENDEZ; SOTO, 1997), de que, mesmo nas relações bem precoces entre a dupla mãe-bebê, há sempre um terceiro, mesmo que seja apenas **evocado**. Este autor explica que sempre onde há uma dupla, há a noção de um outro, um terceiro. Na relação mãe-bebê, o terceiro pode ser evocado na medida que a mãe demonstra **que tem outras demandas** e que dá a noção para a criança de que **não é aquela que provê tudo ao bebê**. Dor (1991) ressalta este aspecto quando menciona a importância da mãe de poder-se significar **faltosa**, isto é, uma mãe que não alimenta as fantasias das crianças de poder **satisfazê-las em todos os seus desejos**. Desta forma, na medida que a criança vai se desenvolvendo, cabe à mãe, em sua função materna, permitir à criança certas vivências de frustração que possam gerar desenvolvimento. A mãe não deve ser aquela que provê tudo. Algumas mães, movidas por um sentimento de onipotência, anseiam prover tudo a seus bebês e se sobrecarregam de tarefas relacionadas ao bebê, negando outros aspectos importantes de sua vida como o relacionamento conjugal, a sexualidade com seu parceiro, os outros filhos e o trabalho. Já a mãe que se percebe separada do bebê, unida a ele apenas pela função de mãe, e não fusionada por completo, solicita a presença do pai ou de terceiros que possam complementar as demandas da criança em seus períodos de ausência. Desta forma ela evoca um terceiro que a ajuda, que a completa. Neste sentido o pai, ao ser operador simbólico da função paterna de interdição, passa para uma outra etapa de vivência da função paterna.

Na fase fusional da criança com a mãe, o pai real, segundo Dor (1991), não se mantém por muito tempo estranho à relação mãe-filho.

Enquanto pai real, sua presença vai aparecer inevitavelmente como cada vez mais embaraçosa para o filho, a partir do momento que assumir uma certa consistência significativa diante do desejo da mãe, e daquilo que o filho está apto a apreender dele (DOR, 1991, p. 47).

Diferentemente do período inicial de vida da criança no qual o pai era percebido como extensão da mãe, ou seu ajudante nesta fase ele passa para aquele que **proporciona à mãe** algo que o bebê não pode ou não possui: **o falo**.

Creio que o leitor já pode perceber que a função paterna é importante na **preparação, estruturação e elaboração** do complexo de Édipo, assim como na estruturação de leis internas (DOR, 1991).

Desta forma, fica claro que, para Dor, a função paterna está relacionada às questões das vivências do conflito edípico, mesmo que precoces. E, dentro deste enfoque, a imagem do pai terá a função de discriminação e separação da fusão mãe-bebê, mesmo em períodos dos primeiros anos de vida, caso o estado de fusão passe a ser obstrutivo e asfixiante e não gerador de desenvolvimento. Em caso de mães com maiores dificuldades de separação e discriminação, há necessidade de uma função paterna mais vigorosa e marcante para fazer a separação. Por outro lado, pais que se colocam coniventes com a fusão prolongada da criança, por incapacidade de se interporem na relação, falham em sua função de interdição.

Na questão edípica, também de acordo com Barriguete Melendez e Soto (1997), o pai potencializa as relações entre mãe-criança através do olhar olho no olho, como aquele que permite o contato entre a díade, reconhece-o, e estabelece diferença entre o contato da criança com a mãe e aqueles estabelecidos consigo. Ao mesmo tempo em que o pai é **facilitador do encontro**, é igualmente **representante da proibição** em suas **interferências** na relação ao se

apresentar na cena, **solicitando o contato para si**, ora da criança, ora da mãe. E é a **proibição** que promove **organização edípica**.

Gostaria de tomar neste momento aspectos da teoria de Freud (1976a) que nos remetem a fatores importantes da função materna e paterna que se referem às vivências do conflito edípico. Freud considera que as perdas importantes na vida da criança como a retirada do seio materno e o controle dos esfíncteres, preparam-na para as vivências de perda relacionada ao conflito edípico. Penso ser importante citar estes aspectos do desmame e do controle dos esfíncteres que estão relacionados ao exercício da função materna e paterna, embora não dê relevância a eles nesta tese, pelo fato de não surgirem de forma significativa nas entrevistas. No entanto, deve ficar claro para o leitor que as funções materna e paterna têm fatores significativos relativos a estas fases. E, ainda, que o resultado das vivências desta etapa servirão de modelo para elaboração dos conflitos relacionados às vivências do complexo de Édipo. O recorte que faço neste capítulo refere-se a fatores da função materna e paterna que se relacionam ao processo de individuação, da estruturação e elaboração do complexo de Édipo.

Dor (1991), informa-nos, que na relação fusional com mãe, em relação à qual o pai se mantém estranho, pode haver uma indistinção entre filho e mãe. Neste contexto, o filho fica como o único objeto de que se pode satisfazer o desejo da mãe, ocupando o lugar de objeto fálico. Para Dor (1991), esta identificação fálica da criança na fase fusional é imaginária. Ao mesmo tempo que **subtrai** a castração, a **evoca**. Se a mãe nega a separação mãe-criança por aspectos de dificuldades narcísicas, a criança fica presa no estado fusional. No entanto, a partir do momento em que o pai **assume uma certa consistência significativa diante do desejo da mãe e daquilo que o filho está apto a aprender dele**, a presença do pai vai aparecendo.

Freud (1976a) já falava na importância do complexo de Édipo para o desencadeamento das identificações da criança tanto com a mãe quanto com o pai. Para Freud (1976b), o

menino toma o modelo de relação com o seio da mãe para a relação com o pai e durante um certo tempo estes dois relacionamentos (com a mãe e com o pai) avançam lado a lado. A partir do momento em que os desejos sexuais do menino começam a tornar-se mais intensos com a mãe, o pai passa a ser percebido como obstáculo entre eles e é a partir deste fato que se origina o complexo de Édipo. A identificação do menino com o pai, segundo Freud, no início da vivência do complexo de Édipo é hostil e se transforma no desejo de livrar-se dele, a fim de ocupar o seu lugar junto à mãe. A resolução do complexo de Édipo para Freud tem o sentido de possibilitar a consolidação do caráter masculino ao menino e do feminino à menina.

Dessa maneira, a dissolução do complexo de Édipo consolidaria a masculinidade no caráter do menino. De maneira precisamente análoga, o desfecho da atitude edipiana numa menininha pode ser uma intensificação de sua identificação com a mãe (ou a instalação da identificação pela primeira vez) - resultado que fixará o caráter feminino na criança (FREUD, 1976a, cap. 3, p. 47).

Lacan (1995) confirma esta idéia ao dizer que no caso da criança o Édipo parece designado à identificação do sujeito com seu próprio sexo. Para Lacan (1995), quando o menino está numa relação de sedução com a mãe ele pressupõe um outro que a testemunhe e julgue esta situação, que é a figura paterna. Para Lacan, o pai simbólico se torna castrador, no momento em que a criança o percebe como doador diante da mãe. Para a menina, a solução, é para Lacan (1995) a percepção do pênis do pai, que ela não possui, mas, ao renunciá-lo, acredita, poderá tê-lo pela doação do pai, entrando, assim no conflito Édipo. O menino entra no conflito edípico ao observar que o pai constitui obstáculo junto à mãe, e sua identificação com o pai assume uma tonalidade hostil, levando-o ao desejo de substituí-lo junto à mãe. Por estes dados, o leitor pode perceber, que a função paterna tem na vivência edípica uma tarefa distinta, **para o menino a referências para identificações** como o seu sexo, para a menina a **referência de lugar de desejo do sexo oposto**.

Esta seria, segundo Freud (1976a) uma resolução positiva do complexo de Édipo. Mas Freud (1976a) aponta, também, que outras posições podem ser tomadas em função da bissexualidade natural do ser humano pela qual as identificações podem ter um desfecho alternativo de acordo com as vicissitudes relativas à força das disposições masculinas e femininas nas suas identificações com o pai e com a mãe. Neste sentido, informa-nos da importância da função materna e da função paterna nas vivências do complexo de Édipo, para o menino.

Na dissolução do complexo de Édipo, as quatro tendências em que ele consiste agrupar-se-ão de maneira a produzir uma identificação paterna, e uma identificação materna. A identificação paterna preservará a relação de objeto com a mãe que pertencia ao complexo positivo e, ao mesmo tempo, substituirá a relação de objeto com o pai, que pertencia ao complexo invertido, o mesmo será verdade, mutatis mutandis, quanto à identificação materna. (FREUD, 1976a, cap. 3, p. 48).

A resolução do conflito edípico, para Freud, vai gerar, além das identificações, uma modificação no ego, gerando o superego que representa não somente as escolhas primitivas de objeto mas também os preceitos (você deve ser assim como o seu pai) e proibições (você não deve ser como o pai ou como a mãe). Para a elaboração do complexo de Édipo, os pais são percebidos como obstáculos à realização de desejos edípicos. Penso que devemos acrescentar que aos fatores de suas funções materna e paterna, a continência dos pais junto a vivência dos conflitos relacionados ao processo de individuação advindos do conflito edípico de tal forma que o conflito possa ser vivenciado e não atuado como na tragédia grega. Com isto, quero dizer, que os pais precisam exercer sua função, suportando os conflitos relacionados às vivências de rivalidade dos filhos, sendo presentes como modelo para imitações, identificações, não se omitindo ou abandonando o filho como Laio e Jocasta (pais de Édipo na tragédia grega) por temor de morte e de impulsos agressivos, por parte dos filhos.

Esta identificação com o pai é necessária para a **formação da personalidade**, bem como da **identidade sexual** dos seres humanos. No caso do menino, a identificação com o pai no início, pode-se orientar tanto para a ternura (expressão de afeto e busca pelo pai como modelo para ser imitado) quanto para o desejo de expulsão (gestos agressivos e necessidade de negar e expulsar o pai da cena, monopolizando a posse da mãe). Desta forma, a partir do pai real é que se vai dando o processo de edificação do pai simbólico. Para Lacan (1958 apud DOR, 1991, p. 44), falar do complexo de Édipo é introduzir a função do pai. Importante mencionar que a carência de pai simbólico² dá-se pela inconsistência de sua função no decorrer do processo de vivência do complexo de Édipo, não quer significar carência de pai na dimensão realista, mas de um terceiro que intermedie os desejos da mãe e da criança. Para Dor (1991), o exercício da função paterna é que o desejo de cada um seja referido, considerado, mediatizado; se há um terceiro que exerça e dê argumentos a esta função, ela se torna legalizadora e estruturante. Na relação fusional, para Dor (1991), o filho imagina-se objeto de desejo da mãe, e se identifica com aquele detentor de algo que nutre a mãe.

Gomes (2001) aponta-nos que a evolução da díade primária para uma triangulação pode ser violentamente atacada e desintegrada pelo ódio e terror quando um (ou mais) dos elementos da triangulação edipiana sentir-se incapaz de suportar a percepção da sexualidade dos outros elementos. Pela observação de Gomes (2001) podemos refletir na importância da função materna e paterna ocorrendo paralelamente. Além do fato de que é salutar para a criança poder observar os pais (casal) à ela vinculados, adquirindo a capacidade de ir se individualizando, sem sentir-se abandonada.

Gomes (2001) acrescenta:

Se por acaso ocorrer um isolamento de algum dos elementos do triângulo edípico, seja por ausência materna ou paterna, a articulação entre os três elementos do triângulo edipiano não

² Reconhecimento pela criança de um pai castrador em razão da atribuição fálica que lhe é conferida e pelo fato da mãe encontrar junto dele o objeto desejado que ela não tem (DOR, 1991, p. 54).

ocorrerá, estancando o avanço no sentido do crescimento mental (GOMES, 2001, p. 855).

Fato que pode gerar catástrofe mental ou prejudicar o desenvolvimento do sujeito. Muitas das dificuldades de crianças viverem o conflito edípico estariam estritamente ligadas à incapacidade dos próprios pais de evoluírem na realização do mesmo. É o desempenho das funções materna e paterna que possibilita à criança a conquista do desenvolvimento do sentimento de **autonomia** e a **conquista do pensamento abstrato** que se dá na possibilidade de um encontro com o pai.

A função paterna ou o par pai-filho permite o crescimento da função semântica e da conquista do pensamento abstrato. A capacidade da criança vivenciar ser o filho, observando o casal parental vinculado, o que o permite, ser o observador fora da relação, marcaria a hipotenusa do triângulo edipiano (GOMES, 2001, p. 855).

Desta forma, podemos considerar que falhas no desempenho da função materna e da função paterna podem interferir na articulação e elaboração da vivência edipiana, interferindo, assim, no desenvolvimento mental da criança.

Na visão de Dor (1991), a função paterna em seu caráter simbólico pode ser exercida pelo pai real ou um terceiro que intermedie os desejos da mãe e do filho. Neste sentido, a função paterna de interdição pode estar operante na ausência do pai real. Isto significa que ela opera em caso de ausência do pai real, em sua função simbólica, por alguém que exerça a função de separação e discriminação mãe-bebê (podendo ser um tio, avô, e até mesmo mulheres analistas).

Portanto, podemos perceber que as vivências do conflito edípico, estão diretamente ligadas às funções materna e paterna e ao exercício de interdição do incesto e separação da díade mãe-criança, na introdução da criança no mundo, na cultura, através do processo de auxiliá-la em seu desenvolvimento gradual, a ir-se individualizando.

5 TORNAR-SE MÃE E TORNAR-SE PAI COMO PROCESSO

Como o leitor pode perceber, sob a ótica da psicanálise, ser mãe e ser pai, tem relação direta com um processo, que implica transformações que ocorrem no corpo e no psiquismo dos pais (pai e mãe). As transformações que ocorrem no corpo da mulher que se torna mãe, preparando-a fisiologicamente (mudanças orgânicas e hormonais) para suprir este ser que começa a ser gestado, são acompanhadas de mudanças psíquicas profundas que vão de uma regressão, passando por uma identificação com o bebê até um estado de maior sensibilidade, como mencionado no capítulo anterior, preparando a para o exercício de ser mãe. O pai também sofre transformações importantes; alguns chegam a identificar-se com as esposas gestantes, dividindo alguns sintomas como, por exemplo, homens que também engordam, desenvolvem sonolência, entre outros sintomas.

Silva (2004b) fala-nos dos processos de tornar- se mãe e pai como constituintes de uma fase importante da existência do ser humano. O processo de se tornarem pais leva ambos a se depararem com transformações em suas identificações. E fazem parte do processo de evolução de suas personalidades.

Uma fase da existência na qual o sujeito é confrontado com transformações identificatórias profundas, que são ditadas pela revivência de conflitos antigos profundos, por ocasião de uma nova fase evolutiva da personalidade (SILVA, 2004b, p. 9).

Utilizo, neste capítulo, a expressão “tornar-se mãe e pai” por acreditar que o exercício da função materna e da paterna passa por etapas de elaboração e aprendizagem emocional a partir das vivências, desde a tenra infância, quando são transmitidos os desejos “de vir a ser” pais.

Winnicott (1996) vai dizer de uma concepção mental; a criança nasce inicialmente na cabeça dos pais, quando crianças, ao brincarem de ser pais e posteriormente na idéia dos pais (casal) de procriarem.

O tornar-se mãe e pai dá-se por diversos fatores. Citarei alguns daqueles que adquiriram, a meu ver, maior relevância.

O primeiro fator que mencionarei, refere-se as identificações. Solis-Ponton (2004) nos diz que ao se tornar pai ou mãe o ser humano tem de agir tendo seus próprios pais como modelo. Entendo por este dado como o momento em que homem e mulher que se descobrem pais entram em contato com os modelos aos quais se identificaram. Algumas destas identificações processam-se no decorrer da vida do menino e da menina de forma **consciente** nos modelos admirados e percebidos como agradáveis em nível de suas identificações sexuais e padrões culturalmente aceitos, como, para as meninas o cuidar de crianças e de tarefas domésticas. Outras ficam na ordem do **inconsciente** onde, tanto meninos quanto meninas, podem se identificar com aspectos mais femininos ou aspectos mais masculinos dos pais.

Solis-Ponton (2004) aponta para o fato de que durante a gravidez e nos primeiros anos de vida da criança a mãe está **identificada** com **a imagem do bebê que ela foi**. Além disso, a mulher-mãe também se identifica ao mesmo tempo **com sua mãe** e **com seu bebê**. Para esta autora, é por intermédio deste jogo de identificações que a mãe pode adaptar-se às necessidades de seu bebê. Ela, compreende o estado de “preocupação materna primária”; como um jogo de identificações que prepara a mãe para o exercício da maternidade. Fato que nos leva a refletir: como cada mulher que se torna mãe entra em contato com estas identificações? Quando as identificações são conscientes, podem ser pensadas e elaboradas a partir do exercício de ser mãe, no qual a mulher-mãe vai descobrindo, pela experiência emocional, pelo contato e feedback que a criança lhe dá, como melhor se adequar à sua função.

Algumas identificações mobilizam núcleos mal resolvidos ou vividos de forma dolorosa que interferem no vivenciar da função materna. Solis-Ponton (2004) menciona **o mal estar** gerado nos pais ao se darem conta de seus sentimentos e fantasias mais originais, tais como **emoções agressivas** e **sexuais** em relação à sua criança. O reconhecimento dessas emoções e pulsões recalcadas faz parte de um **saber inconsciente** e, embora devam ser levadas em conta segundo Solis-Ponton (2004) para pais que querem assumir seu papel parental, é fator de angústia e sofrimento psíquico para os mesmos. Solis-Ponton (2004) coloca que a **negação** dessas **fantasias inconscientes**, podem levar pais, a situações paradoxais como, por exemplo, **superproteção** e ainda incrementar **sintomas físicos na criança**, sem considerarem a interação com o ambiente familiar e as angústias próprias de determinadas fases de desenvolvimento da criança. Aqui se encontra um dos **desafios** atuais da clínica psicanalítica, no meu entender, em seu papel de auxiliar na abertura de um espaço para escuta e acolhimento destas angústias dos pais. A experiência das entrevistas permitiu-me observar a importância do espaço de escuta para os pais e os efeitos que esta escuta pode proporcionar nas vivências da função materna e paterna. Nas considerações finais abordarei mais amplamente este fato.

Há ainda aspectos de identificação que se dão a nível inconsciente; para ilustrá-los tomo algumas considerações de Dolto (1996) ao falar da gênese do sentimento materno. Ela nos diz que “o sentimento materno” está impregnado no corpo das mulheres, em sua capacidade de ser fecundada e de gerar que está diretamente ligada ao narcisismo. Neste sentido quero apontar para os sentimentos mobilizados nos pais (tanto mãe quanto pai) que fazem parte dos fatores do tornar-se pais.

Para Dolto os sentimentos de uma mulher para com seu filho constituem a linguagem que dá sentido a todos os gestos e palavras que a mãe dirige a ele. Esta linguagem pré-verbal é

também produto da educação da menina e do interjogo de sua relação com o genitor da criança e o meio atual, onde vive a mulher (família e cultura) e gera o tornar-se mãe.

Os sentimentos maternos positivos pelos bebês enraizam-se em percepções sentidas como agradáveis - percepções olfativas, auditivas, visuais e táteis do corpo do lactente e de suas funções naturais, alimentares e excrementícias; e essas percepções são narcisizantes, quando se trata de seu próprio filho, para qualquer mãe que seja normalmente mulher (DOLTO, 1996, p. 221).

Para Dolto as feridas narcísicas provocadas nas meninas até três anos de idade serão empecilhos para a mulher mãe, levando seus filhos a desenvolverem distúrbios somáticos ou tratando-os com censuras severas, representadas por mães tensas que reclamam, gritam, higienizam e fazem do controle da urina e das fezes seu mestre ético.

O sentimento materno, para Dolto, é ensinado inconscientemente, no contato e no exemplo das mulheres das duas linhagens (materna e paterna) da menina e de acordo com as suas identificações ou recusa de identificações com as mulheres de sua família ou mulheres nutrizas, seguido posteriormente de suas educadoras.

Todas estas mulheres tutelares, esquecidas pela menina transformada em adulta, marcam com fixações sucessivas, suas emoções femininas em evolução e as estruturam não apenas na gestualidade, mas também e sobretudo num modo de ser e de sentir (DOLTO, 1996, p. 219).

Há, ainda, um outro fator no tornar-se mãe relacionado à **resolução do conflito edípico**. Utilizo a visão de Dolto para falar deste aspecto nas mulheres. Para Dolto, é pela elaboração da castração que meninas são levadas a valorizar os bicos dos seios e o clitóris como locais narcisicamente sensuais. Inicia-se a partir daí a identificação com o corpo feminino. A compensação da castração **é encontrada pela menina no comportamento com as bonecas e com as crianças pequenas que ela gosta de proteger e manipular**. São estas compensações valorizadas pelo grupo adulto que também a valoriza como futura mãe. Aí se coloca o processo de tornar-se mãe a partir do sentimento materno como algo que é transmitido com

uma **herança transgeracional** e faz parte também do processo de amadurecimento das meninas, como resultado das vivências edípicas. Hoje, podemos pensar como têm sido vividas as **compensações da castração**, pois o grupo adulto tem valorizado outros aspectos relacionados à mulher, não apenas o da maternidade, como a **capacidade do trabalho** as **habilidades artísticas**. “*Costuma-se dizer que a mãe já existe na menininha e que ela se constrói pouco a pouco através da ligação com a própria mãe, ao seu pai, aos seus jogos de criança [...]*” (SOLIS-PONTON, 2004, p. 115).

Um outro fator relacionado ao torna-se pais (relacionado à paternidade) está ligado, no menino, a um ideal de ego, resultado da elaboração do conflito edípico apontado por Gutman e Gaspari (1996). Estes autores colocam que a função paterna transmite-se por um ideal: “ser um pai” e que está diretamente relacionado ao ideal do ego, ou seja, na resolução edípica o menino **abre mão do pai e da mãe para ser futuramente um pai**. E toma como ideal de ego o modelo do pai, do qual abriu mão. Penso estar dizendo do desejo de gerar e de vir a ser pai a partir, igualmente, da resolução do complexo de Édipo. A música de Vinícius de Moraes ilustra o desejo pela paternidade como um ideal:

*É comum a gente sonhar, eu sei
Quando vem o entardecer
Pois eu também dei de sonhar
Um sonho lindo de morrer ...
Vejo um berço e nele a me debruçar
Com o pranto a me correr
E assim chorando acalentar
O filho que eu quero ter*

(MORAES, 1980)

Outro fator importante no tornar-se pai refere-se à experiência emocional advinda do **contato** com os pais, quando podem ser apreendidos por aspectos de recursos de ego, apreciados e pensados a partir de experiências agradáveis que são tomadas como modelo a ser imitado e experiências desagradáveis, tomadas como modelo a ser modificado ou evitado. Mas há também fatores **superegóicos** relacionados ao tornar-se pais. Lebovici (2004) vai

dizer-nos que a lembrança dos cuidados parentais, as **regras**, as **obrigações** e os **interditos** é que servem de **parâmetro** para os pais se tornarem pais. Para Solis-Ponton (2004), o que se transmite como modelos não é a figura dos pais, mas o superego parental. Neste caso, podemos pensar que quando os pais são extremamente severos e exigentes transmitem a seus filhos supergos igualmente rígidos e severos. Em contrapartida, pais que são amorosos e com uma postura mais tolerante e acolhedora, possibilitarão aos filhos, futuramente, uma vivência de paternidade e maternidade mais saudável.

Mas o que sobretudo influencia no vivenciar da parentalidade é a maneira pela qual os pais viveram o modelo parental. O que posso compreender do dizer do autor é que o modelo na vivência da parentabilidade advém da experiência emocional marcante de cada indivíduo mulher-homem com seus pais na infância. É a experiência emocional vivida pelos pais que demarca o assentamento da função materna e da função paterna. Outro aspecto importante a ser mencionado com relação ao tornar-se pai e mãe refere-se ao **desejo pelo filho**. Este desejo perpassa uma criança real com seus aspectos de criança imaginada, criança idealizada e criança mítica.

Não obstante a criança ser objeto de desejo dos pais, ela também é fonte de desequilíbrio para a mãe e para o pai, isto é, para o ego dos pais. Além de mobilizar aspectos da infância dos pais, seu nascimento traz mudanças na vida sexual dos casais. Lebovici (2004) cita que nas famílias atuais, em que os casais se encontram isolados dos avós e de seus familiares, tende-se a desenvolver um sentimento de abandonar tudo, inclusive sua intimidade para tomar conta do bebê.

Há pais que encaram as mudanças e readaptações do torna-se pais como um processo importante e têm facilidade em se organizarem no seu tempo e no seu lazer. Solis-Ponton (2004) fala-nos do bebê-projeto no casal que tem relação, em parte, com a passagem do casal (dois) para família (três), e em parte do casal com o bebê-imaginado pelos pais. Alguns pais

têm dificuldades nesta passagem do dois para três, nas mudanças de seus projetos e o bebê-projeto passa a ser vivido como bebê-ameaça a “homeostase conjugal”. Solis-Ponton atribui estes fatores à base narcísica de cada um dos pais e à base narcísica conjugal. Podemos pensar que pais mais amadurecidos e que não ficam presos a um estado narcísico podem mais facilmente passar pelo processo de tornar-se mais adaptando-se com mais facilidade às mudanças físicas e psíquicas.

Montgomery (1992) cita que no psiquismo dos pais estão em jogo conflitos relacionados à sensações de vida e de morte na medida em que filhos têm vários significados na vida dos pais:

“Vida na medida em que filho significa: situações de perpetuação, renascimento, encontro, movimento, aprendizado, energia, aventura e sentimentos de beleza, poesia, esperança, coragem, prazer, confiança, alegria, ousadia, transcendência, amor [...] Morte na medida que filho representa situações de perda de liberdade, comodidade, posição infantil, irresponsabilidade e sentimentos de ambivalência, insegurança, dúvida, medo, frustração, ódio.” (MONTGOMERY, 1992, p. 23).

Portanto, podemos dizer que o tornar-se pais é uma experiência conflitante, rica e transformadora; podemos dizer uma fase de “crise”, utilizando o conceito chinês de crise como possibilidade de desenvolvimento.

O recorte teórico, até aqui delineado, trouxe-me contribuições significativas para pensar o tema em conjunção com o material por mim obtido a partir dos relatos dos pais, nas entrevistas.

6 O CAMINHO PERCORRIDO NO CONTATO COM O MATERIAL

Como o leitor já pode perceber, ser pai e ser mãe são processos importantes na vida de um ser humano, constituindo-se em fatores significativos da própria identidade e subjetividade dos indivíduos. Quero informar ao leitor como fui procedendo no contato e levantamento do material acerca do tema função materna e paterna. A idéia de obter material a partir da experiência de casais com a parentalidade, surgiu de meu desejo enquanto pesquisadora de um contato extra-clínica para compreender como têm sido vivenciadas as experiências dos mesmos com a função materna/paterna, na atualidade, pelo relato de seu cotidiano, independente da demanda terapêutica que ocorre nas buscas de consultas clínicas. Meu intuito foi ouvir dos pais suas experiências e como compreendem suas funções, num contexto diferente daquele em que já chegam angustiados e culpabilizados como o da clínica, de forma a criar um espaço que ao mesmo tempo valorizasse a capacidade e a importância dos pais e de seus conhecimentos e abrisse um campo para a escuta de suas angústias e conflitos referentes a estas vivências. E desta forma mudando o paradigma, que comumente percebo em minha prática clínica, dos pais acreditarem e esperarem do psicólogo, dizer-lhes a maneira correta de proceder. Eu imaginava que dessa forma os pais pudessem contar de suas experiências sem grandes persecutoriedades e pudessem valorizar aspectos de suas próprias capacidades. Desta forma, eu, enquanto analista e pesquisadora estaria ali para aprender com eles, a partir de suas experiências. Foi deste interesse que surgiu a idéia de entrevistas. Herrmann (1997) enfoca que a psicanálise apóia-se na faculdade natural da palavra, no diálogo humano a partir dos seus inúmeros significados e da maneira pela qual a palavra afeta emocionalmente a recordação.

A Psicanálise também se apóia numa faculdade natural, isto é, na maneira pela qual a palavra afeta emocionalmente a recordação, possibilitando-a primeiro, impossibilitando-a às vezes, tornando-a novamente possível a seguir, construindo-a sempre. Deriva-se da conversa, ou melhor do diálogo humano (HERRMANN, 1997, p. 10).

A necessidade de observar como têm sido vividas as experiências de casais relacionadas à função materna e paterna, em fase entre zero e cinco anos, ocorreu a partir de leituras e discussões em orientações que culminaram na percepção da importância para o desenvolvimento psíquico do ser humano, que as funções materna e paterna ocorram paralelamente, uma colaborando com a outra. Participaram da pesquisa quatro casais na faixa entre vinte e quatro a quarenta e dois anos, pais de crianças entre zero e cinco anos. O contato com os casais deu-se por intermédio de duas escolas de ensino infantil de Uberlândia - M.G. que foi devidamente informada dos objetivos da pesquisa (Anexo 1) e forneceu-me uma lista de casais, baseada na faixa etária das crianças, período no qual eu gostaria de ouvir as experiências dos pais. Os pais foram então contatados e aqueles que se dispuseram foram sendo convocados para as entrevistas, que ocorreram inicialmente numa sala da escola e posteriormente em meu consultório. Para entrevistá-los utilizei de entrevistas abertas (BLEGER, 1980) com registro de gravação oral, permitindo-lhes falar livremente sobre o tema. Opto pelo registro oral como instrumento facilitador do trabalho posterior de debruçar-me sobre ele para o trabalho de análises. Muito me favoreceu no trabalho de análise clínica ouvir as gravações, ler e reler as transcrições das entrevistas.

O uso de entrevistas não dirigidas, segundo Bleger (1980), possibilita uma investigação mais ampla e profunda, pois permite que o campo se configure pelas variáveis que dependem da personalidade do entrevistado. Segundo Duarte (2002) as pesquisas de cunho qualitativo exigem realizações de entrevistas quase sempre longas e semi-estruturadas, e a gravação oral é um recurso que favorece o trabalho de análise dos dados obtido.

De acordo com Pick e López (1984), na entrevista semi-estruturada ou livre, o entrevistador não trabalha com perguntas já estruturadas e sim com questões como guia de assuntos aos quais deseja perguntar, possibilitando uma fala relativamente livre do entrevistado. Este instrumento permite ao pesquisador aprofundar alguns temas que são abordados, podendo elaborar perguntas no processo da entrevista e intervir quando for necessário para retomar o tema a ser investigado, como menciona Erthal (1987). Além disso, Herrmann (1993) vai-nos dizer da importância em psicanálise de debruçar-se sobre o problema, para dele surjam os sentidos. Inspirada nesta colocação de Herrmann, nas entrevistas eu convidava os pais a falar livremente sobre o tema “função materna e função paterna”, da seguinte forma: “*Gostaria que vocês me contassem de suas experiências de ser mãe e de ser pai*”. E a partir desta fala, deixava-os conduzir suas falas de acordo com o que lhes era mais premente.

Procurei, no contato com os pais ir fazendo uma escuta dos sentidos, acolhendo suas falas relativamente livres, juntamente com as associações que me surgiam, até que algo pudesse tomar sentido e ir-se configurando na medida em que os mesmos se expressavam, próximos do sentido que Bion (1993) coloca como pensamentos em busca de pensador. Desse modo, nas entrevistas fui tomando contato com os temas mais prementes das experiências dos pais.

Desta forma, com as entrevistas, eu tinha como objetivo de deixar o material surgir, buscando ter uma escuta, que favorecesse ir emergindo e percebendo os sentidos. Para Herrmann (1993), a aplicação do método psicanalítico faz surgir estruturas determinantes de **diferentes profundidades**, dando noção - de acordo com o recorte feito a partir das observações do pesquisador e do enfoque teórico por ele utilizado - de poder-se iluminar o campo da pesquisa escolhido. De acordo com Herrmann (1993), a entrevista em uma pesquisa de abordagem psicanalítica é dirigida pelo pesquisado a partir do que é mais premente dentro

de si. Meu trabalho nas entrevistas foi o de fazer o mínimo de colocações, deixando os pais falarem, procurando ouvi-los, numa postura de acolhimento e continência (BION, 1973) e em alguns momentos fazendo pequenos toques - “cutucações na alma”, Herrmann (1993) - em outros momentos nomeando alguns sentimentos, de forma que o material pudesse ir surgindo e abrindo espaço para que os pais pudessem ir-se revelando em suas vivências com a maternidade e a paternidade. Por exemplo, numa entrevista em que o pai parecia estar dizendo das dificuldades no ser pai, digo-lhe: “*Você está dizendo que é difícil ser pai ?*”. A partir daí o pai pode dizer de suas angústias:

Não sei se é difícil ser pai, ou se é uma situação que são duas pessoas vivenciando uma situação que talvez seja de crescimento para os dois, uma oportunidade para os dois. Ninguém tem uma fórmula certa, né? Não acredito que exista uma fórmula certa. O sentimento, é às vezes, de incapacidade, de despreparo, eu acho que se resume nisso.

Minha fala nomeou o sentimento do pai, permitindo ao mesmo uma expansão e abertura de suas emoções.

A princípio, foram pensadas em média três entrevistas com cada casal de pais. O número de entrevistas foi escolhido em função de ir-se observando o movimento de uma entrevista para outra e permitindo aos pais outras colocações e, ainda, um maior aprofundamento no tema, comparando-se uma entrevista com a outra, o que mudava na fala dos pais. Dauster (1999 apud DUARTE, 2002) mostra que o número de entrevistas é variável dependendo da razão do objeto e do universo de investigação. Herrmann (1993) vai-nos dizer que o número e forma como são feitas as entrevistas, sejam gravadas ou filmadas, não depende dos objetivos da pesquisa mas dos sujeitos a ela submetidos.

No decorrer do processo das entrevistas com alguns pais, foi possível fazer as três entrevistas; mas com outros, não. As entrevistas mobilizaram muitos sentimentos e lembranças nos pais, além de uma certa persecutoriedade ao surgirem conteúdos relacionados à suas dificuldades, fato que foi considerado e respeitada a capacidade de colaboração dos

mesmos. Além do fato de que, o que estava em foco era a riqueza do material observado a partir dos relatos das entrevistas e não a quantidade das mesmas. Herrmann nos diz sobre isso ao falar que o critério que julga o valor da investigação psicanalítica é sua riqueza heurística (HERRMANN, 1997).

6.1 Um Pouco do Desdobramento dos Contatos da Entrevista

Ao estabelecer relação com as escolas, no intuito de ter contato com casais de pais, propus para o final do trabalho, uma palestra para os pais sobre o ser pai e ser mãe na atualidade, que foi aceita prontamente pela direção da escola. Algo significativo deu-se no transcorrer deste contato com a escola. A coordenação desta solicitou uma palestra, antes de meu contato com os pais, sobre as mudanças no modelo de união conjugal e as influências nas crianças. Nas palestras, procuro colocar pontos abertos para reflexão e não trazer idéias prontas. Ao término da mesma, algo curioso ocorreu: ao comentar a respeito de estar fazendo uma pesquisa sobre função materna e paterna e solicitar a colaboração de alguns pais, alguns pais e mães ofereceram sua colaboração para a dita pesquisa. Penso que o contato através da palestra e dos questionamentos abriu-lhe um contato com suas emoções, possibilitando-os pararem para pensar e mobilizando-lhes buscarem espaço para falar de seus conflitos.

Seus nomes foram anotados e aqueles que puderam fazer parte da pesquisa, foram convidados para as entrevistas¹. O fato dos pais se oferecerem como sujeitos foi sugestivo de uma demanda para serem ouvidos em suas angústias e vivências.

¹ Haviam pais de crianças de diversas idades, além disso, como mencionarei a seguir alguns queriam falar individualmente.

Além disto a escola forneceu-me uma lista de nomes e telefones de pais com crianças na faixa etária de zero a cinco anos. A partir destes dados, também foram feitos contatos com pais e o agendamento de entrevistas.

Outro fato curioso passou-se no contato por telefone com os pais. Primeiro a dificuldade de encontrar-me com o casal devido a seus trabalhos; em seguida a comunicação de algumas mães no sentido de que gostariam de fazer a entrevista sozinhas pelo fato de que os maridos não tinham tempo para irem juntos ou não se interessavam por estas questões. O que levanta a meu ver, uma reflexão: Estariam as mães num movimento de exclusão da participação paterna? Estarão os pais atuais ainda distanciados do contato com os filhos no que se relaciona a aspectos da educação formal? Ou, ainda, estariam as mulheres buscando um espaço para falarem de seus conflitos com a maternidade separadamente?

Os pais que foram convidados a colaborar com seus relatos foram comunicados do sigilo de suas identidades, mas durante as gravações um casal evitava falar seus nomes sugerindo um temor de serem identificados. Outro fato interessante que percebi que os pais vinham às entrevistas bem vestidos como se estivessem preparados para serem filmados, sugerindo-me um sentimento por parte dos pais de valorização de sua importância, enquanto personagens atuantes na história da formação de uma criança.

A primeira entrevista foi feita numa sala de aula da escola. E teve desdobramentos interessantes, como a preocupação em falarem baixo mesmo estando em sala separada e com portas fechadas. A escola havia cedido uma sala, mas além do ruído devido ao barulho das salas de aula, também pude perceber um certo desconforto nos pais com relação a exporem suas experiências ali no local da escola, mesmo que fosse em uma sala separada, sugerindo um certa persecutoriedade em relação a escola diante daquela experiência nova para eles. Atenta a estes fatos, a partir de então, as entrevistas foram feitas em meu consultório.

Quero informar ao leitor paralelo ao processo de elaboração e feitura da pesquisa também fui elaborando e aprendendo como se constitui o pesquisar com o método da auto-organização de inspiração psicanalítico, e o produto de meu trabalho está permeado por transformações, fruto de uma formação acadêmica em transformação, de uma linha de formação da Psicologia muito marcada por uma tradição positivista para uma pesquisa psicanalítica. Em muitos momentos o leitor poderá perceber esta transformação em todo o processo de elaboração e escrita. No processo elaboração das entrevistas passei por etapas distintas onde inicialmente havia se pensado em um entrevista temática com um roteiro, e com um número maior de casais. Esta idéia bem inicial foi abandonada, pois percebi que a entrevista aberta permitiria um contato mais livre e condizente com o método psicanalítico de modo a permitir, a partir dos sentidos que iam surgindo, uma análise mais aprofundada do material. Ao reler meu trabalho percebo-me ainda utilizando alguns modelos e termos do modelo positivista, que penso fazem parte do meu processo de formação, afinal tenho também uma herança de formação da qual preciso me dar conta para pensá-la e repensá-la, transformando-a. Falar de todo esse processo corresponderia a uma outra pesquisa. Informo aqui ao leitor estes fatos por considerá-los importantes para sua compreensão, como meu momento de transformação. Desta experiência pude perceber que numa dissertação qualitativa que se serve de fundamentos psicanalíticos, tanto em sua fundamentação teórica, quanto em sua metodologia, pedem um tempo, para decantação, para elaborações.

Ao iniciar o trabalho de entrevistas solicitei um consentimento formal (Anexo 3) dos pais, após estarem cientes que o material das entrevistas seria utilizado em uma pesquisa para se pensar sobre ser pai e ser mãe, anteriormente a qualquer procedimento de entrevista. As entrevistas foram portanto gravadas e transcritas.

O trabalho de **análise do material** foi feito, ora ouvindo as entrevistas, ora lendo-as e relendo-as, num debruçar sobre o material “por via delevare” (FREUD, 1989) para surgir o

que lá estava, de forma a perceber ou “ler nas entrelinhas” aspectos profundos do mesmo. Após o término de cada entrevista, eu fazia anotações de minhas apreensões do contato com os pais e do conteúdo mencionado por eles. Cada entrevista era ouvida, lida e relida (as transcrições) e eu escrevia algumas observações clínicas a respeito do que o material havia suscitado. As segundas e terceiras entrevistas eram iniciadas perguntando-se ao casal como haviam-se sentido no primeiro contato e o que gostariam de acrescentar. A partir desta pergunta eu restabelecia o contato com os pais, permitindo que recomeçassem livremente pelo que mais lhes tocasse; outras vezes lembrava-lhes de algum item da primeira entrevista que não havia ficado muito claro, como por exemplo a expressão de um casal que “filho muda 80% num casamento” dita na primeira entrevista. Na segunda entrevista ao mencionarem o fato de filho mudar o casal, retomo-lhes esta expressão pedindo-lhes para falarem um pouco mais sobre isso.

Nas primeiras entrevistas senti-me um pouco tensa devido à pouca experiência com gravações (ter que ficar atenta à gravação, monitorando o gravador). Mas com o transcorrer do trabalho fui me sentindo mais solta, podendo fazer pequenas colocações como nomear algumas emoções ou fatos que os pais não conseguiam e causava entrave em suas falas e/ou fazer algumas conjecturas de forma a abrir o campo para expressarem suas alegrias, dores, angústias e conflitos. O trabalho com a pesquisa trouxe-me crescimento, um sentimento de maior clareza e potência com o trabalho psicanalítico.

Em alguns momentos das entrevistas observei aspectos e pontos importantes para serem analisados junto aos pais. Eu tinha uma preocupação e cuidado com os casais no sentido de ouvi-los e abrir espaço para a ampliação de suas falas, respeitando sua condição para tal, e o “timing”², para que alguns aspectos fossem ou não abordados de forma que não mobilizassem conteúdos sem espaço para acolhimento ou mobilizasse nos pais um sentimento

² Tempo adequado para fazer interpretação, que o paciente possa aceitá-las e compreendê-las (FREUD, 1987). Inspirada neste sentido, utilizo este termo no texto.

de desamparo. O tempo de duração das entrevistas era em média uma hora a uma hora e meia. E a distância entre elas era estabelecida de acordo com a disponibilidade dos pais. Pela generosidade dos pais em colaborar comigo contando um pouco de suas experiências, pude levantar alguns dados que relatarei no próximo capítulo.

7 MAPEAMENTO E CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS VIVÊNCIAS DE FUNÇÃO MATERNA E FUNÇÃO PATERNA NA ATUALIDADE

Uma vez que utilizo para esta investigação o método psicanalítico, todo o conteúdo trazido nas entrevistas é considerado importante por se tratar de conteúdos relacionados à vida psíquica de quem os revela. Daí a importância da arte do analista e, por extensão, do pesquisador que faz uso do método psicanalítico colocarem-se numa postura de disponibilização para em contato com o material ir percebendo as dissonâncias e os sentidos. Como já mencionei anteriormente, foi a partir deste método que tomei em consideração os dados das entrevistas com os pais que colaboraram nesta pesquisa.

No processo de entrevistas para o tema da função materna e função paterna, todos os conteúdos foram ouvidos atentamente, mas alguns foram sobressaindo-se e revelando-se por ângulos distintos: alguns destes conteúdos foram trazidos explicitamente pela fala dos pais e foram tomados em consideração; outros surgiram a partir de “toques interpretativos”, pequenas nomeações, feitos por mim pela utilização do método psicanalítico e, ainda, outros surgiram da leitura e análise que fiz posteriormente, do material. Já mencionei no capítulo anterior o trabalho feito com o material das entrevistas. Vou retomá-lo aqui, pois além de favorecer a elaboração de meu pensamento, o leitor poderá acompanhar mais facilmente o caminho utilizado com o material. Após cada entrevista, eu anotava, por livre associação, tudo aquilo que havia ficado marcante em mim da experiência emocional vivenciada no contato com aquele casal, o que parecia mais conflitante, o que me sugeriam suas falas, etc., trabalho no qual a escrita ajudava-me na elaboração de minhas apreensões e percepções. Após as entrevistas serem transcritas, eu as lia e relia, considerando de todo o material, aqueles que mais se evidenciavam e em seguida escrevia o que chamei de “observações clínicas” sobre

cada entrevista. Estas observações e as anotações feitas logo após as entrevistas foram material útil para a discussão, supervisão, orientação e também foram norteando o recorte de minhas investigações teóricas transcritas nos capítulos iniciais. Ao final, procurei considerar, de todas as entrevistas, os aspectos que a mim mais se destacaram, a partir dos ângulos anteriormente mencionados procedendo então, um mapeamento acerca das vivências dos casais, no exercício de suas funções materna e paterna, que apresento a seguir.

7.1 O Que os Pais Compreendem sobre Função Materna e Função Paterna

A partir de minha prática clínica e dos trabalhos com palestras, ficava-me uma certa idéia de que a grande maioria dos pais não tinha uma nítida consciência da importância de determinadas características das funções relacionadas ao ser pai e ser mãe na constituição e desenvolvimento da criança, a nível psíquico e emocional, como, por exemplo, a continência materna, o processo de fusão mãe-bebê, a importância do pai na retaguarda das funções maternas, e, posteriormente, na discriminação da relação fusional mãe-criança, na introdução da criança no mundo e na cultura. No entanto, o que pude perceber é que os pais têm algumas noções acerca destas funções, adquiridas de suas experiências, ou de informações. Assim, percebi nos entrevistados a noção de que a função materna e a função paterna iniciam-se durante a gravidez, nas mudanças que ocorrem com a mãe e no modo como deve ser tratada pelo parceiro, já no exercício de sua função paterna, no sentido de que o casal tem uma influência no desenvolvimento da criança desde o início da gravidez. Diz um dos pais entrevistados:

[...] o lado emocional começa antes de nascer, na maneira de se tratar a mãe gestante, através de cuidados físicos (evitar que faça esforços, pegue peso) [...] e também de cuidados com seu estado emocional (fala de um pai).

Esta frase traz também a idéia de que a maneira pela qual este momento é vivenciado, pelo casal, terá influências na vida emocional da criança. Uma vez que percebem que este estado da mulher é de maior sensibilidade, os casais dizem que é preciso evitar certas situações que provocam discussões. Há por parte dos entrevistados uma noção de que o estado mental da mãe gestante, que inclui suas condições emocionais, sua tensão, sua sensibilidade, tem influência no bebê que está sendo gestado. Como ilustração deste fato uma das mães entrevistadas cita que, tendo duas filhas, sente que a diferença hoje de “temperamento” (sic) entre elas tem relação com seu estado emocional durante a gravidez, onde a criança mais calma veio de uma gravidez onde ela se encontrava mais tranqüila. Estas observações advindas dos relatos dos pais denotam que existe a noção por parte dos mesmos de que é necessário o exercício de ambas as funções materna e paterna desde os primórdios da existência de uma criança.

Outra noção trazida pela fala dos pais é de que ser pai não é apenas ser pai biológico mas ser capaz de sustentar física e emocionalmente os filhos. *“Tem gente que pensa que ser pai é só fazer filho. Pra mim isso que me pegou, ser pai implica uma responsabilidade muito grande, um outro ser que você tem que cuidar, que educar que você vai modelar”* (fala de um dos pais). Em outro momento a mãe mostra-se cuidadosa para que o bebê tivesse condições mais saudáveis através do cuidado com a sua alimentação no período em que o amamentava: *“Ele não dava trabalho eu me cuidava, eu cuidava da minha alimentação para ele não ter cólica”*.

O material trazido pelos pais sugeriu-me, que os mesmos têm uma noção de que é preciso uma sustentação **física** e também **a nível psíquico** por meio dos **cuidados iniciais** com o bebê, noção esta muito próxima da noção de “holding” de Winnicott (1980). Neste contexto uma mãe se dá conta da importância de sua função ao relatar as vivências, carregadas de ansiedade, em seus primeiros contatos com o bebê. Em um dos relatos esta mãe

se diz num estado que denomina de meio louca, “a gente fica meio louca”, referindo-se a um estado mental de ligação e preocupação com o bebê que se difere em muito de seu estado mental costumeiro, retratando um estado de preocupação, vivido com aflição devido a uma cobrança em acertar a respeito de uma função ainda não aprendida. Diz ela, referindo-se aos cuidados com a criança: “*Eu sofro, porque eu tive que saber*” “*Se eu não soubesse, ele ia passar fome, ia ficar de xixi, entendeu?*”. Esta fala denota uma percepção por parte da mãe de sua responsabilidade por aquela vida. Este fato nos remete à noção de “holding” mencionada por Winnicott (1980) precisava ser exercida e há uma angústia diante de tal responsabilidade, sugerindo um temor em falhar. Pude perceber nos pais a noção de que está inerente à sua função atender às necessidades da criança o “suficiente”¹ para que esta possa desenvolver-se sadiamente. Mas o que seria atender suficientemente uma criança? Parece haver uma certa confusão nesta percepção dos pais, ora parecem entender que é acolher suas necessidades, ora acreditam que é não frustrá-lo de maneira alguma. Seriam as necessidades da criança, tão difíceis de compreensão que deixam os pais perdidos. O que gera, a meu ver, movimentos em fluxos, ora atendo e atendendo, ora desconhecendo as necessidades da criança. O que parece ocorrer é que há por parte dos pais um maior conhecimento (mesmo que em certos momentos, mais teóricos) de sua importância fundamental para a criança.

Em uma das entrevistas, um dos pais recorda-se de uma cena que ficou marcante em sua vida e cuja experiência deu-lhe a noção da importância de sua função. O pai estava relatando que desde a gravidez vai tendo noções gradativas de sua importância no desenvolvimento da criança, mas sua percepção maior deu-se neste evento:

Uma vez eu estava no jardim com ele e ele estava começando a andar, ficar em pezinho e com uma mangueira d'água na mão, tentando segurar. Aí ele ficou em pé sozinho e quando ele se percebeu com dificuldades a primeira coisa que ele fez, foi buscar a minha mão. Aquilo me marcou muito, porque a gente vê que quando ele estava precisando de ajuda ele me buscou como suporte.

¹ Este termo remete à idéia de Winnicott (1980) de pais suficientemente bons.

Por este relato podemos perceber, como exemplo, o fato de que **o filho dá significado ao “ser pai” e de certa forma constitui o pai**. A função materna e paterna supõem diferentes tarefas em cada diferente etapa da vida da criança. Há o momento em que a continência, a “rêverie”, o “holding” são fundamentalmente necessários. Em outros momentos outros fatores destas funções ganham realce. Mas, desde os primórdios da vida percebemos quando estas funções constituem-se numa relação dual - os pais formam os filhos/ os filhos os tornam pais. O fato de descobrir, ir aprendendo ao viver a experiência nos remete a noção de processo: tornar-se mãe e tornar-se pai constituem-se processos, aspecto este que será desenvolvido mais adiante.

Pude perceber, pelas entrevistas, que os homens estão cada vez mais participantes dos primeiros contatos com o bebê, como co-participantes das atividades antes consideradas apenas atributos femininos. Na medida em que este processo se dá, penso que podemos falar de pais “suficientemente bons” (WINNICOTT, 1980). O material das entrevistas demonstra que, embora as atribuições domésticas em maior número sejam ainda de domínio das mulheres, os homens, hoje, participam das atividades relacionadas aos cuidados com os filhos como os de higiene e de alimentação. Mais ainda, muitos estão atentos aos cuidados relativos ao desenvolvimento emocional, tais como: o olhar atencioso, o carinho, o diálogo, as brincadeiras, já nos primórdios do desenvolvimento da criança. No meu entender, há uma noção por parte dos pais de que a função materna e paterna no período inicial da vida da criança é algo próximo do que em Psicanálise chamamos de “holding”. No entanto, uma mudança na forma de exercício do “holding” parece se apresentar pelo que observei e depreendi. A partir destes encontros com os pais, chamaram-me a atenção, o aspecto de como a função de “holding” está sendo distribuída entre os pais (casal), diferentemente de antes, quando os papéis eram mais claramente definidos e os aspectos relacionados à esta função ficavam determinados aos cuidados maternos.

Lipovetsky (2000) faz uma observação no sentido de que, nas atribuições domésticas com os filhos, os papéis exclusivos deram lugar a preferências e escolhas de acordo as disposições dos pais. E ainda o que se propaga na pós-modernidade é, não a diretividade dos modelos sociais relacionados aos papéis sexuais, mas a possibilidade de uma auto-determinação e de uma indeterminação subjetiva dos dois gêneros (grifo meu).

O ideal igualitário, o descrédito dos comportamentos machistas e a emancipação econômica da mulher tendem a construir um novo modelo marcado pela autonomia feminina e pela participação dos dois cônjuges nas decisões importantes (LIPOVESKY, 2000, p. 247).

A noção de co-parentalidade parece abarcar as transformações ocorridas no exercício das funções maternas e paternas.

Desta forma, compreendo que nos casais os fatores relacionados ao exercício de ser mãe e de ser pai estão também, de certa forma, livres dos papéis pré-estabelecidos e estes podem em suas tarefas participar conjuntamente, cooperando como parceiros, considerando suas disposições internas, suas possibilidades de escolha, isto, quando são capazes de fazê-lo. Surge uma nova modalidade de vivência da parentalidade, hoje denominada co-parentalidade, mencionada por Bal (2001), que se refere à divisão das tarefas relacionadas à maternidade e paternidade de acordo com a melhor adequação de cada cônjuge.

Se a parentalidade designa a relação pai-mãe/criança, a co-parentalidade requer o entendimento dos dois pais a fim de partilhar, como bem quiserem, os cuidados práticos, a educação e os carinhos (BAL, 2001, cap. 1, p. 51).

A co-parentalidade mencionada por Bal traz em sua proposta o desafio de equilibrar os direitos e deveres dos pais e de cuidar para que tanto pai quanto mãe possam atender às múltiplas demandas dos filhos, conservando suas características de personalidade. Aqui parece surgir o que Rudinesco (2003) refere-se a uma paternidade ética.

Neste sentido as características de personalidade dos pais serão determinantes de suas escolhas nas tarefas e atributos de suas funções. Podemos pensar a co-parentalidade relacionada aos fatores de constituição psíquica da criança como o “holding”, a continência, a discriminação, a nomeação, a dosagem de estímulos, entre outros? O que me sugerem as análises das entrevistas é que a “co-parentalidade” tem ocorrido. Que conseqüências esta mudança estará trazendo para a constituição do psiquismo da criança, é algo a ser pensado.

No entanto, penso, que esta adequação e parceria dos pais dá-se de forma parcialmente livre, do ponto de vista psíquico, pelo fato de que o psiquismo vai determinar, de acordo com as identificações sexuais de cada indivíduo, os papéis com os quais eles mais se identifica. A exemplo disso, gostaria de citar, os fatos mencionados nas entrevistas, dentre os quais, o ato de acordar à noite com o choro do bebê, o ficar mais sintonizado às necessidades da criança e o estar mais ligado aos movimentos do bebê, manifesto por pais-homens:

Eu acordava de noite para ver se estava tudo bem (pai, nº 1).

Eu estava dormindo aí a K chorava no berço, eu cutucava a M (mãe) ela não acordava eu ia lá buscar. Eu deixava meio ligado como se fosse compromisso de acordar para ir ao trabalho. Qualquer barulho da criança eu estava antenado (outro pai).

Fatos que denotam que a capacidade de se sintonizar com as demandas do bebê, antes esperada da mãe, pode ser desenvolvida ou estar presente no pai, ou ainda, mais em um dos pais (pai ou mãe) do que no outro. O que pode depender, eu penso, de suas condições de desenvolvimento emocional e do estado emocional em que se encontram naquele momento da vida.

A despeito de tudo isso que foi dito, o que foi possível observar nas entrevistas é que embora haja uma maior e significativa participação dos pais nas tarefas relacionadas aos cuidados como os filhos, estas, ainda são na sua maior parte exercidas pelas mulheres.

É interessante observar outro fator marcante, que a participação dos homens não se dá apenas pela necessidade de distribuí-la para que a mãe possa trabalhar. Mas tem acontecido

desde a gestação no fato do pai estar presente nas consultas ao obstetra, nas ultrasonografias e no dar os primeiros banhos no bebê. Esta participação maior ocorre, pelo que pude ler nas entrelinhas do material das entrevistas, de acordo com disponibilidade interna do casal, pelo desejo dos homens de inserirem-se e participarem mais da vida dos filhos e também pela abertura da mãe, ora por seu convite ao pai para uma aproximação, ora pela solicitação e necessidade de sua colaboração, ora pela incapacidade e/ou ausência de sua função. O que parece se apresentar é o desejo dos homens, de interagir com o bebê, de comunicar-se com ele. Podemos pensar em homens cuja feminilidade pode se apresentar; estes dispõem-se a exercer afetuosamente tais tarefas. Gostaria de citar algumas frases ilustrativas destas situações. “*Ele fez questão de participar do primeiro banho*” (mãe, se referindo ao pai). Em outro momento, o pai, ao falar de sua relação com os cuidados físicos da criança pequena, lhe pergunto sobre sua participação, diz-me:

Eu sempre quis fazer. É ótimo, porque eu percebo assim que você está ajudando a ele. Você está fazendo ele ficar limpinho. Confortável. Depois que você troca [referindo-se a trocar as fraldas], você tem a percepção, que ele gostou, que ele está melhor. Isso é bom demais, você sente que está fazendo ele ficar bem.

Durante a entrevista, o pai recorda-se de uma experiência de passar o dia inteiro no clube com a criança pequena de um ano de idade e diz ter-se sentido realizado por poder ver-se capaz de cuidar do filho com sucesso. Observa que as pessoas olhavam-no surpresas, como se procurassem a mãe, como se estranhassem o fato do menino estar somente com o pai. O pai vivência um sentimento de potência ao cuidar. O que isso poderia significar? O que me ocorre como possibilidade é que a medida em que os preconceitos advindos de uma rígida divisão de papéis sexuais, sucumbem, o homem pode gratificar-se por descobrir-se capaz de lidar, dentre outras coisas, com a fragilidade e a dependência de uma criança. Parece haver neste ato uma autorização da feminilidade (ALONSO, 2002).

Cabe ressaltar que por parte dos pais entrevistados sua maior participação nos cuidados com os filhos é um ganho para os mesmos e para os próprios filhos. Na medida em que os pais exercem tais tarefas, sentem-se mais próximos dos filhos. Estariam os homens tornando-se modelos mais próximos para identificações? Que modelos estarão sendo transmitidos aos filhos pelos homens ditos “cópias do modelo materno feminino” (SULLEROT, 1970 apud BAL, 2001)? Winnicott (1999) diz-nos que em nossa cultura ocidental os pais tornaram-se mais reais para seus filhos no papel de duplicação das mães do que eles eram em épocas anteriores. Fato ocorrido, segundo o autor, devido à percepção pela cultura, como algo normal para as crianças, experimentarem o choque entre seu mundo subjetivo e o impacto da realidade através da separação mãe-bebê encarada como fato natural pela cultura, à medida que a mãe se torna uma pessoa adaptada ao mundo externo pelas demandas de trabalho. Winnicott parece alertar para o risco de se fazer da presença paterna um corte prematuro, sem levar em consideração o impacto da separação entre mãe-criança em sua ilusão de que a mãe é parte de si. E ainda de apresentar o pai à criança com características mais duras da mãe. Desta forma, para Winnicott (1999), na função de “holding” o pai entra a princípio como duplo da mãe. O exercício por parte dos homens das tarefas antes atribuídas apenas às mulheres sugere, hoje, além do objetivo de preservar a qualidade de contato dos filhos (que ficam com os pais-homens e não com outros adultos como empregadas, babás, etc.), o favorecimento e a preservação, de certa forma de um “holding” “adequado”. E ainda, tem a função de, muitas vezes, compensar sua ausência e da mãe devido às exigências do trabalho e aliviar seu sentimento de culpa por estarem ausentes (os pais entrevistados trabalham em períodos intensos, viajam a trabalho e passam períodos distantes dos filhos). É interessante lembrar também que antes o sentimento de culpa relacionado à experiência de estar longe dos filhos devido ao trabalho era mencionado relativamente à mãe; hoje podemos pensá-lo também em relação ao pai. Parece haver uma compensação através do exercício de cuidados

físicos, fazer higiene dos filhos, ensiná-los nas tarefas escolares, etc. Fatos que nos levam a um questionamento: estariam os pais hoje mais conscientes da importância de sua função para o desenvolvimento saudável da criança? Pelo material das entrevistas parece que, de certa forma, sim. O que fica em aberto é o uso que o casal faz destas informações sobre suas funções. Este uso depende, a meu ver, de seus desejos e de suas identificações.

Outro fator observado pelo relato dos pais nas entrevistas é que eles desenvolvem características de funções materna e paterna de acordo com suas características de personalidade e capacidades emocionais. Como exemplo disto, temos o fato citado acima, no qual, pais-homens se mostram mais atentos do que as mães aos choros dos bebês durante a noite, e às demandas afetivas da criança como atenção, carinho, distinção entre fome, sono, angústia, entre outros.

Penso que a idéia de co-parentalidade reflete no exercício da função materna e paterna. As funções parecem não mudar, mas seu exercício tem sofrido transformações. A idéia de co-parentalidade (BAL, 2001) rompe com uma definição sistemática rígida no sentido de papéis definidos para pais e mães. E a utilizo por refletir nesta pesquisa a forma como os pais têm exercido suas funções nas quais fatores como “holding”, continência, capacidade de “rêverie”, foram exercidas nem sempre pela mãe, mas também, pelo pai. E fatores como discriminação, separação e interdição foram exercidas ora pelo pai ora pela mãe.

Um outro ponto que considero importante mencionar refere-se a visão dos pais quanto ao fator relacionado a importância do brincar, do aspecto do lúdico e do imaginário no desenvolvimento da criança. Há por parte dos pais nos relatos do uso de brincadeiras e canções em contato com as crianças, menores de um ano, a noção da importância dos aspectos lúdicos. Para poder brincar com a criança, em sintonia com ela, supõe, a meu ver, a necessidade de que os pais tenham uma condição de “rêverie”. Pelo material das entrevistas, os pais apesar de todas as turbulências parecem perceber a necessidade de se disponibilizarem

a desenvolver esta sintonia. No entanto, com o crescimento da criança, esta disponibilidade dos pais sofre alterações, que levam a questionamentos. Embora eu tenha observado nos pais (pai e mãe) uma percepção da importância da continência e do “rêverie” nas crianças bem pequenas, com as crianças mais velhas (acima de um ano), notei uma maior dificuldade. Pude perceber que pelas experiências dos casais, no período onde as crianças já estão maiores (após um ano e meio) o brincar, parece adquirir algumas vezes, uma conotação pedagógica, que sugeriu-me um distanciamento da vivência emocional. No entanto, a condição de “rêverie” dos pais, no sentido de capacidade do uso da fantasia, do sonhar, da imaginação criativa, foram pouco mencionados nas fases onde a criança já adquiriu a capacidade de falar e movimentar-se. A gama de atribuições dos pais parece retirá-los do estado de maior proximidade com os filhos, os impedindo do contato mais próximo, da sensibilidade e sintonia com o mundo infantil. A condição de “rêverie” é também desenvolvida nos pais (pai e mãe) de acordo, com suas características individuais, e o background de riqueza emocional de cada um para imaginar e sonhar, sintonizando-se com o momento e as necessidades da criança, é que lhes permite disponibilizarem-se. O que me foi sugerido pelos relatos é que esta função tem sido delegada e/ou transferida para as escolas, justificada ora pela falta de tempo, ora por dificuldades pessoais. Como exemplo, tenho o material decorrente de uma mãe que diz ter colocado a criança na escola por estar muito em contato só com adultos e não saber brincar de coisas de criança, como bonecas e brinquedos. Há, pela minha apreensão do material, uma dificuldade nestes pais de entrarem em contato com o mundo infantil. Klein (1981a) vai nos dizer da importância do lúdico na vida emocional das crianças como fator de elaboração e diferenciação entre mundo interno e mundo externo. Além da importância do diálogo dos pais com os filhos para o esclarecimento das vivências emocionais relacionadas ao impulso epistemofílico (KLEIN, 1981a), na introdução no princípio de realidade bem como na colocação de limites a uma não excessiva repressão que bloqueie o desenvolvimento.

Estas experiências do brincar dos pais com os filhos presentes em suas falas, são vividas com angústia e conflito. A justificativa apresentada é o pouco tempo despendido com as crianças devido às exigências do trabalho. Katz e Costa (1996) vão nos dizer que os vínculos na pós-modernidade são pobres, sem consistência emocional e que os pais perdem sua função ou não a desejam devido à errônea interpretação das exigências do mundo. Penso que aqui se configura um conflito antigo entre disponibilidade real de tempo e disponibilidade interna de tempo (como condições emocionais, disponibilidade para vínculos, capacidade lúdica). Pude perceber pelas entrevistas uma certa dificuldade nos pais (pai e mãe) em lidar com o fator lúdico de sua função. Mães e pais que têm dificuldades de brincar, ou uma vida pobre de fantasias, não conseguem exercer esta função de brincar, de imaginar, de entrar em contato com o mundo imaginário da criança porque estão empobrecidos em seu próprio mundo imaginário. Estariam os pais empobrecidos de aspectos de mundo imaginário devido às exatidões do mundo pós-moderno? Neste sentido, penso que também se coloca a questão da disponibilidade interna em função das condições de personalidade e da capacidade de uso da imaginação, do “rêverie” no exercício das funções materna e paterna. Outras mães têm noção da importância do fator lúdico, mas apreendem-no como aspecto pedagógico. Elas o utilizam; falta-lhes porém a possibilidade do contato emocional por ficarem presas a questões do campo da “obrigação”, no sentido que devem fazer de tais e tais formas aprendidas (com as suas mães, com os livros, com os técnicos) mas sem a criatividade e a afetividade próprias. Com isso parecem não permitir-se entrarem em contato com as próprias emoções e sentimentos evocados no contato com as vivências. A frase de uma mãe nos ilustra o conflito em lidar com o aspecto lúdico: “*Eu ficava o dia inteiro fingindo que não era um mundo real por causa delas - agora vamos tomar banho e inventava uma música [...] quando chegava o fim do dia eu tava exausta*”. Podemos pensar que mães presas a questões superegóicas muitas vezes não conseguem perceber-se brincando com os filhos. Expresso no dizer de uma mãe: “*Eu não*

brincava com filho, eu era educadora”. Este fragmento do material, sugere uma relação materna vivida com muita exigência, dificultando o contato dos afetos e um vínculo mãe-criança mais próximo. Podemos pensar que este material também pode referir-se ao vínculo pai-criança.

Em outro momento, pude perceber que há em algumas mães a dificuldade de se perceberem utilizando recursos lúdicos e, até mesmo, de utilizá-los de forma tranqüila, devido às exigências de ordem superegóicas (terem que fazer de tais e tais maneiras com a criança). Em um dos relatados a mãe informa-nos que tendo duas crianças de idades muito próximas, para dar banho em uma e não deixar a outra criança maior sozinha, cantava canções utilizando o nome dela, ou deixava que a tocasse com os pezinhos de forma a manter-se em contato. Ao relatar o fato, a experiência emocional marcante para a mãe é o sufoco entre dividir sua atenção entre as duas crianças, não percebendo sua criatividade e capacidade lúdica. Ao ouvi-la, digo-lhe que estava brincando. Minha fala teve como função permiti-lhe estar emocionalmente disponível com os filhos sem ficar tão presa a questões do campo da obrigação (ter que fazer de tal e tal maneira).

Um outro aspecto mencionado por parte de um dos pais entrevistados refere-se à maturidade emocional e à maturidade do casamento como fatores importantes para o exercício da função paterna. Pela compreensão deste pai, seu amadurecimento, enquanto pessoa, e o amadurecimento das relações do casal foram fatores favorecedores do desenvolvimento da função paterna de forma a sentir-se mais ativamente participante da vida e educação dos filhos. A maturidade, a seu ver, possibilitou-lhe maior contato emocional com os mesmos a partir de tal desenvolvimento. No início do casamento ainda sentia-se mais voltado para seus próprios desenvolvimentos pessoais e profissionais; a maturidade possibilitou-lhe refletir nos aspectos de maior relevância como o contato emocional com a família. *“Hoje, com a maturidade eu consigo perceber o quanto eu consigo estar*

participando, de maneira mais atuante, mais rica. Eu acho que a minha condição de maturidade interfere diretamente na qualidade do relacionamento [...]”. Fato que considero importante para análise onde o amadurecimento permite um contato maior as suas próprias capacidades e emoções. Ainda este pai nos informa que o fato de estar no início de sua vida conjugal e emocional mais imaturo (voltado mais para si mesmo e para o trabalho e vivendo adaptações no casamento) impediu-o de uma participação mais ativa com as primeiras filhas.

Ele diz:

Por exemplo, quando eu casei, eu sempre fui uma pessoa assim, que achava que para mim estavam reservadas as melhores coisas do mundo [...] durante muito tempo, em primeiro lugar estava para mim o trabalho [...] então aquilo ali era primeiro para mim, eu respirava aquilo ali.

Fala que ilustra como a experiência com os primeiros filhos poderá auxiliar no processo dos pais tornarem-se pais. Este pai nos diz que com os primeiros filhos procuraram se preparar através de informações e leituras e com aprendizado advindo das vivências com os primeiros filhos ficaram mais tranquilos e mais preparados para os próximos. Ele diz:

Quando você vai ter o primeiro filho, você compra o ‘De Lamare’, você cria toda uma estrutura para poder criar esse filho, pelo menos, para esse bebê. Então você vai tentando por em prática tudo aquilo que você aprendeu, o que você leu quando você ficou sabendo que seria pai ou mãe. E eu acho, que nos outros filhos, sabe pela experiência você já sai daquela condição de ser pai pela primeira vez, já não é uma surpresa, já não é uma novidade, então a coisa acontece de uma maneira mais natural.

Com o terceiro filho, já mais maduro, este pai, pode perceber a diferença de sua participação e proximidade. Fato que leva a uma reflexão sobre aspectos mais narcísicos de personalidade ou fases mais narcísicas de desenvolvimento dos pais (LEBOVICI, 2004a), interferindo nas vivências da paternidade e, podemos dizer, também da maternidade.

Outro material apresentado como noção que os pais têm de função materna e de função paterna refere-se às **normas e limites**. Nas entrevistas foram mencionados fatores como

discriminação que os pais devem ter dos conteúdos informados às crianças. Aos pais cabe a função de diferenciarem o que é próprio de criança daquilo que é próprio de adulto no que se refere a brincadeiras, informações, estímulos de ordem da sexualidade e da sensualidade (como, por exemplo, o pai sendo modelo para o filho de como tratar as mulheres; e a mãe, como modelo de feminilidade, na maneira de vestir a criança, de acolher as manifestações de imitação da menina em relação à mãe, como o uso de maquiagem, saltos, roupas, etc.). Os pais consideram como parte de sua função serem modelos para os filhos e dosarem as informações oferecidas à criança pequena. Consideram as funções ligadas à educação como tarefas não muito fáceis, devido às constantes mudanças sócio-culturais e aos modelos recebidos das famílias parentais, alguns dos quais precisam ser repensados e reformulados por advirem de épocas distintas. Ser pai e ser mãe constitui-se como processo. As funções vão sendo gradualmente desenvolvidas, o que os coloca diante do “não saber” e do “não ser” e da profunda angústia frente ao “tornar-se” pais “suficientes” para aquele filho naquele dado momento de desenvolvimento.

Percebo, pelo relato dos casais entrevistados, que diante da angústia do não saber, reagem através de uma busca de informações por meio de leituras, conversas e observações de outros casais no como exercer a função materna e paterna. Esta busca revela, a meu ver, aspectos importantes no exercício das funções materna e paterna. O primeiro aspecto dá-se **no campo da dúvida** que revela a possibilidade dos pais de se darem conta de que ser pai e ser mãe é um processo e que não existe um saber a priori. Ao buscarem informação podem abrir um espaço para aprenderem a partir da experiência, para poderem refletir sobre suas dúvidas, angústias. Fator que está diretamente ligado ao processo pelo qual os pais fazem uso das informações obtidas. Penso que desta forma podem entrar em contato com o vir a ser, favorecendo o processo de tornar-se pais.

O segundo aspecto parece ocorrer no **campo da estagnação do crescimento**. Em alguns momentos no material o dizer dos pais sobre aprenderem mais com os filhos, do que ensinarem a eles, me pareceu uma fuga às suas responsabilidades, um certo desejo de parar o relógio cronológico do desenvolvimento (o tic-tac do relógio da “adultes” que persegue o capitão gancho na estória de Peter Pan). Sugerindo em algumas vivências da parentalidade um desejo dos pais de não crescerem de estagnarem numa fase onde se igualam aos filhos, com se ficassem como Peter Pan e Wendy, brincando de serem pais, mas sem o desejo de passar para outras etapas de desenvolvimento, assumindo responsabilidades com o próprio crescimento e o dos filhos, ficando protegidos das dores e angústias do crescer mas, ao mesmo tempo, presos como meninos perdidos. Aprender a partir da experiência supõe a capacidade e a disponibilidade de avançar etapas do próprio desenvolvimento para aprender com os filhos.

O terceiro aspecto revela o **campo da necessidade de parâmetros**, isto é, uma necessidade de ver como estão em relação aos outros pais. Este aspecto pode ter características positivas ou despertar sentimentos de inveja; ou, ainda, a crença de que há um modelo idealizado de “ser pai e ser mãe”. Nas entrevistas pude perceber que a busca de informações tem conotação com este aspecto de um modelo idealizado, do qual um saber a priori, advindo dos livros, das palestras dos profissionais, pode-lhes informar ou livrar-lhes da angústia pertinente e necessária para o exercício mais consciente e mais integrado das funções materna e paterna. Fator relevante para o trabalho com pais. A partir daí pude repensar meu trabalho com pais, no sentido de estar atenta ao uso que os mesmos podem fazer das orientações e palestras.

Esta idéia de modelo ideal pode dificultar, a meu ver, como um aspecto superegóico, a livre disposição dos pais em encontrarem, de acordo com as características e potencialidades próprias e também dos filhos, as possibilidades de exercerem a função materna e paterna. Segundo Dolto (1996), as imagens míticas de mãe relatadas pela cultura e pelos contos de

fada retratam, ora uma mãe idealizada, cuja dedicação à prole é levada ao extremo da renúncia a seus interesses como mulher, ora uma mãe madastra, bruxa e devoradora de criança. Além do fato de que estas imagens idealizadas não levam em conta o papel da relação de cada criança com seu pai e de cada mulher mãe com “seu homem”, como menciona Dolto (1996), acabam funcionando como **modelos a serem evitados, copiados ou esperados e distantes das possibilidades reais de alcance pelas mães**. No entanto a constatação de Dolto é que estas idealizações ainda produzem confusões nas experiências de homens e mulheres que ainda esperam de suas mães e esposas atitudes semelhantes às das figuras maternas míticas e podemos também pensá-las em mulheres que desejam a elas se assemelharem e vivem a função materna no campo da obrigação. Penso que estas exigências vinculadas à idéia da mãe mítica também podem constituir-se em fator mobilizador do conflito entre realização pessoal o exercício da maternidade em muitas mulheres.

Uma hipótese que faço é que uma das grandes angústia da mulher-mãe, hoje, está ligada à tentativa de conciliar a mulher de hoje, que tem diversos campos de atuação, com o modelo mítico da mãe, eterna e profundamente provedora. Fato que leva à dificuldades, conflitos e angústias. Nas vivências de separação em relação aos filhos, para algumas mulheres-mães há uma tendência a prolongarem o estado de fusão com o bebê e em outras, a evitá-lo por temor de um modelo mítico cuja mãe se doa ao filho até à morte, esquecendo-se de si mesma. No material das entrevistas, isto aparece, nas falas das mães de “emprestar-se ao filho” que mencionarei em outro item.

De fato (e contrariando a verdade), quase todos os seres humanos, de ambos os sexos, continuam a ratificar a confusão mítica de sua mãe com essas imagens edificantes, e a temer o casamento e a progenerura. Pode-se dizer que a imagem da mãe bela, bondosa, serena, dedicada, sorridente, boa cozinheira, costureira e dona de casa, meiga com os sofredores e totalmente dissociada da sua relação de amante com o pai da criança e de seu desejo de adulta por um adulto, continua a ser exibida na galeria dos corações (DOLTO, 1996, p. 214).

Outro fato mencionado pelos pais nas entrevistas é o de preparar os filhos para serem autônomos, capacitando-os a enfrentar o mundo e assumir responsabilidades. Educar filhos, na visão trazida pelos pais, é prepará-los para serem independentes dos mesmos. “*Criança, você tem que educar para que ela seja independente de você*” (Fala de um pai). Outro casal nos diz que levava as crianças ainda pequenas (3 e 4 anos) para fazerem compras de balas e doces sozinhas e ficavam-nas observando numa atitude de quem acredita estar desenvolvendo recursos para elas aprenderem a dialogar e se expressarem sozinhas. Neste sentido a função materna e paterna, no dizer dos pais, tem o sentido de preparar os filhos para a vida. O que me ocorre é que este processo se dá aos poucos, durante o qual, os pais vão se tornando “desnecessários”, como aqueles de cujas funções os filhos podem gradativamente prescindir. A meu ver, na medida que os filhos vão se capacitando, desenvolvendo recursos de ego, como capacidade de nomeação dos próprios sentimentos, capacidade de diferenciar-se dos pais (eu/outro), capacidade de expressarem seus próprios desejos, vão passando da fase de extrema dependência para uma dependência parcial e futuramente uma autonomia (WINNICOTT, 1980). Está presente na percepção dos pais que exercer as funções de pais é capacitar o filho a assumir suas próprias funções.

a relação do pai com o filho quando ele está ainda criança, antes da adolescência [...] Você tem que ter uma boa índole, você tem que ter uma referência de educação. Eu acho que isso passa muito mais pelo exemplo, pelo que se faz do que pelo esforço para passar, quando você fica cheio de regras

Nesta fala o pai refere-se ao modelo vivido e não às teorias e regras desprovidas de modelos vivos, numa postura crítica à mãe que se utiliza de muitas normas e regras para ensinar as crianças.

Os casais entrevistados demonstraram ter noção de que este desenvolvimento se dá de forma gradativa. E ainda, que o processo de desenvolver autonomia no filho mobiliza muitos

sentimentos e angústias nos pais, relativas ao temor do filho estar ou não preparado para enfrentar as dificuldades do mundo.

Saber equilibrar e dar educação é muito difícil. O ditado diz que filho não é seu é do mundo. Isso é um desafio. Educar o filho para enfrentar o mundo não é nada fácil, é meio complicado Acho muito difícil quando ele sofre não sei se eu mimo. Acho que aí está a dificuldade de ser mãe, não do filho (grifo meu).

O que denota este fragmento de material é que ao perceber a função de ir se separando do filho a mãe se angústia, tem dúvidas da capacidade do filho, mescladas ao desejo de aliviar as dores do crescimento, e não sabe se assume ou não esta função. No viver destas atribuições, o que me ocorre, é que interferem aspectos inconsciente dos pais, que sem perceberem, vêem-se tendo atitudes como as de seus pais, numa repetição inconsciente. “*Sem perceber a gente foi modelando o J. do jeito que a gente é, do jeito que eu sou, do jeito que você é*” (mãe referindo-se ao pai e à forma calma do filho com aspectos relacionados à maneira como os pais o educaram).

No entanto o que demarca a capacidade dos pais em seu exercício das funções materna e paterna é, a meu ver, a capacidade de aprenderem da experiência emocional de cada um, em suas vivências com cada filho, independentemente de serem pais biológicos ou adotivos. O desenvolvimento da função materna e paterna se dá num campo de muitas turbulências. Esta capacidade de desenvolvimento dos pais, está diretamente relacionada a seus recursos, como a capacidade negativa (BION, 2000) - de tolerar não saber a priori - de se perceberem repetindo modelos vividos com os próprios pais e que os impedem de serem mais criativos e discriminarem as experiências. Questões estas de muita dificuldade por parte dos pais, pelo que pude perceber pelas entrevistas, e vividas com muita angústia, cobrança e fonte de sofrimento nas vivências do ser pai e do ser mãe. Algumas falas dos pais puderam ilustrar estas observações: “*a gente não aprende a ser pais dizendo, mas vivendo*” (casal afirmando

que aprenderam a ser pais, vivendo as mudanças e etapas de desenvolvimento do filho e deles mesmos).

Em um outro relato uma segunda mãe nos diz que antes do nascimento do bebê tinha consciência (no sentido de certos conhecimentos) das mudanças que viriam a acontecer, mas só após esse nascimento é que pode sentir quão profundas são estas mudanças. O que sugere que a vivência da maternidade, enquanto experiência emocional, é que demarca as mudanças na medida em que a mãe ou o pai pode vivê-las e pensá-las. A vivência os constitui como mãe e pai daquela criança. Fato nem sempre ocorrido, devido às características de personalidade e capacidade emocional de cada mãe, e, podemos dizer, de cada pai. A noção de certas atitudes, atribuições e tarefas a serem executadas em relação à função dos pais pode estar apenas em nível de conhecimentos teóricos, caso não seja possível permitir-se entrar em contato com as emoções, com o “não saber”. Este permitir-se viver as emoções pressupõe contatos com emoções diversas, tanto angústias e conflitos quanto alegrias e prazeres, relacionados à parentalidade. O que pude apreender das entrevistas é que os pais têm mais dificuldades em aprenderem com as experiências pelo fato de ser este, um processo mais doloroso e mobilizador e também por trazerem consigo, aspectos transgeracionais, dos quais não se dão conta. Diante disto reagem defensivamente, buscando informações já prontas.

7.2 A Criança e Suas Influências na Função Materna e na Função Paterna

Fato marcante nas entrevistas dá-se no relato dos pais **quanto às mudanças provocadas com o surgimento do filho**. Os pais trazem que já a notícia da gravidez provoca mudanças na família como um todo, na configuração da família onde o bebê irá nascer, e se estende à família parental (avós maternos e paternos, tios). Em seus relatos, sinalizam os pais

que a chegada do filho altera a configuração do casal, traz-lhes o sentimento de família, de continuidade da vida, na vida que continuará através do filho.

A vida começa a mudar muito, a gente começa a perceber, a ter aquele sentimento de continuidade da vida. Eu vejo que ele é o futuro da nossa família, o futuro da nossa comunidade, que ele vai ver muita coisa que a gente nunca sonhou (citação de um pai).

A fala do pai nos remete às expectativas e idealização dos pais frente a criança que vai nascer. O sentimento de continuidade da vida, a meu ver, parece dizer do prazer em procriar, no sentimento de potência e de continuidade vivido pelo pai ao se perceber capaz de gerar filhos, tornando-se pai. Além disso, expressa a percepção pela progenitura da inserção do homem-pai e podemos pensar também da mulher-mãe e conseqüentemente do filho na história. O filho neste sentido, lembra o pai de sua historicidade e vem dar continuidade a mesma.

Fato comum a todos os casais é que o nascimento do filho gera uma mudança de foco e de projetos do casal. Algumas falas dos pais ilustram este dado: “*Aí você fica pensando mais no que dá pra fazer, e no que não dá.*” “*Na gestação, a gente tem planos, sonhos. Mas é quando você tem o filho, que você sente a mudança, o tanto que é profunda. A gente esquece da gente. Eu esqueço de mim às vezes em função do J.*” (filho, fala de uma mãe). **Com a chegada do filho há uma preocupação maior com o ambiente**. No casal, surgem as novas adaptações, que são reveladas também **nas mudanças corporais e psíquicas da mãe (demonstradas pela percepção de sua sensibilidade, sono, mudança nos seios, etc)**. O que sugere que há nos pais preocupação com um ambiente “suficientemente” acolhedor, mencionado por Winnicott (1980) como condição necessária de retaguarda para o desenvolvimento saudável da criança. A chegada do bebê interfere na intimidade do casal, no interesse e na frequência das relações sexuais e afetivas, gerando uma certa turbulência.

As mães, por sua vez, expressam que a mudança é mais concreta para elas porque se dá no seu corpo: “*é comigo, eu dão o meu corpo*”, referindo-se a que as mudanças ocorrem principalmente em seu corpo. Neste contexto, a despeito da generosidade de se doar, penso estar presente na expressão de “doar o corpo” e em outros momentos dito por outra mãe “emprestar seu corpo”, que a gravidez pode levar algumas mulheres ao sentimento de estarem sendo usurpadas e tomadas totalmente pelo filho, através de suas vivências nas transformações corporais (SOIFER, 1992, grifo meu). Parece, revelar-se o temor de se tornarem mães míticas que perdem sua individualidade ao “doarem-se” inteiramente a seus filho esquecendo de si mesmas.

Há, também, presente nos relatos, uma certa angústia e tensão vivida pelas mulheres no sentido de se darem conta de um estado de algumas impossibilidades físicas durante a gestação tais como, entre outras, de uma certa dependência de terceiros em determinadas atividades para cujo esforço físico ficam impedidas. Poderá ser um fator a acrescentar o temor de ficarem desprovidas de suas próprias capacidades e personalidades.

Pude ir percebendo pelas entrevistas que a entrada do filho na vida dos pais levanta novas questões a serem pensadas e os colocam diante de um impacto, um “abalo” provocado pelo choque entre suas teorias sobre educação e cuidados com os filhos e as próprias experiências. Rompe-lhes o campo das certezas e os coloca (HERRMANN, 1997) numa turbulência, num momento de vórtice onde emergem sentimentos intensos, um emaranhado de idéias, teorias, juntando-se a sentimentos mais primitivos de suas próprias vivências de nascimento e infância. Com um dos casais ocorre durante as entrevistas um fato, a meu ver, revelador da turbulência que ocorre nos pais e nos filhos com o nascimento de uma nova criança. Os pais estavam trazendo a criança de um ano e três meses às entrevistas. Numa delas, a criança começa a chorar sem motivo aparente, sem explicação causal e me sugere uma comunicação inconsciente de aspectos angustiantes da criança e dos pais diante da nova

situação que me apresentavam, a gravidez de um terceiro filho. Além disso, o casal comunica, a partir dos choros e interferências constantes da criança, o quanto a vida deles fica alterada e tumultuada com a presença dos filhos. Minha hipótese é de que a criança expressa através de um choro agudo e sem “explicação causal” (ter se machucado dentro da sala), por exemplo, a angústia e tumulto vivido pelos pais e por ela devido a chegada de um novo bebê. Durante a entrevista eu também fiquei tomada com as informações dos pais e o choro da criança e procurei acalmá-la. Após reler as entrevistas percebo que o choro ocorre justamente após a mãe relatar que está grávida pela terceira vez e que foi uma gravidez “no susto”. Neste momento a criança vive a experiência de “susto”, chorando.

Os pais (casal) trazem que a chegada do filho muda a rotina da casa e os lugares onde faziam os passeios. Há uma preocupação com nutrição e com o ambiente para acolher a criança (“*tem que ter algum biscoito para as crianças em casa*”, “*algum brinquedo*”). Enfim, provoca uma mudança de projetos. Certas mudanças também estendem-se aos avós, tios e parentes mais próximos, como a preparação do ambiente adequado para o novo ser que passa a habitar em suas casas e vidas. A chegada do filho **também amplia o campo de relação dos pais** através da convivência com casais que têm filhos, do contato com ambientes próprios de criança nunca visitados pelo casal que passa agora a frequentá-los.

Um dado significativo trazido no relato das mães **é o choro do bebê e o ato de levá-lo para casa** após o nascimento, **como marcos da mudança profunda ocorrida em suas vidas e da intensa relação com o bebê**. Fatos que demarcaram, na vivência inicialmente expressa pelas mães, e depois pelos pais-homens, o contato entre o bebê fruto do imaginário dos pais e o bebê real. Curioso observar este aspecto presente em todos os casais entrevistados que demarca uma diferença no contato com o bebê, após o nascimento. O bebê já estava, de uma outra maneira, em casa, presente dentro do corpo da mãe, e no imaginário dos pais. No entanto, o contato estabelecido com o bebê após o nascimento parece ter uma nova conotação.

É interessante observar que há por parte dos pais uma percepção, que se refere aos órgãos de sentido, no ato de ver e ouvir o bebê. Um contato com o bebê real e o seu choro parecem ser o fator que demarca uma mudança importante para os pais, sugerindo que **a cesura do nascimento**² (BION, 1981) vivida pelo bebê é também vivida pelos pais. O choro, para uma mãe, funcionou como a concretização do bebê sonhado. “*É foi um marco, parece que estava muito assim idealizado, aquele sonho ter filho. Quando ele chorou, parece que ‘caiu a ficha’, nossa tá aqui, é real*”. Pelo material as mães revelam que o primeiro choro e o levar o bebê para casa como os demarcadores desta vivência emocional de contato, pelo qual a mãe, e também o pai, têm que se haver com o bebê antes imaginado e idealizado (o bebê imaginário) e o seu bebê real, do dia a dia, que chora e que tem demandas (BARRIGUETE MELENDEZ; SOTO, 1997). Ao levar o bebê para a casa, penso que a mãe entra em contato com as demandas da função materna, agora de forma realista, pelas manifestações do bebê. Uma mãe revela-nos que o fato de tornar-se mãe a modificou:

Você começa a cuidar da sua vida sabe [...] Aí você já fica pensando, no que dá para você fazer e no que não dá [...] mas o amadurecimento mesmo, ele muda assim na hora que você leva o neném para casa, entendeu, é diferente, a gente começa a ver o mundo totalmente diferente [...]

A vivência da maternidade e da paternidade parecem demarcar um ponto de transição importante na vida dos pais os colocando para repensar modelos e teorias.

Na vivência da cesura do nascimento por parte do casal os homens também observam a mudança com a chegada do bebê em casa. Fato acrescido pela observação de um pai: “*Só depois que o filho nasce que a gente percebe as demandas dele. E tem hora que é o tempo todo*”. Os pais dizem que a mudança maior também dá-se ao poder ver o bebê já nascido e se

² Termo utilizado por Freud (1926) no sentido de que “há muito mais continuidade entre a vida intra-uterina e a primeira infância do que a impressionante cesura que o nascimento permite acreditar”. Bion emprega este termo sobre a continuidade que existe entre vida pré-natal e pós-natal e também como termo que demarca uma passagem de uma fase de desenvolvimento para outra, como um ponto de decisão.

dar conta das responsabilidades que os envolve, pois antes estas vivências são transmitidas pelos relatos da mãe gestante. “*Depois de sair da barriga da U., né, ver fisicamente, entendeu, que ele tá presente.*”.

Pelo material que surgiu das entrevistas, o nascimento do filho é um fato marcante na vivência das mães e há uma necessidade, por parte das mesmas, de figuras maternas parentais próximas como retaguarda no contato inicial com o bebê. Fator que sinaliza a busca de apoio nas figuras maternas para lidar com uma situação desconhecida. Situação que remete as mães a um estado de regressão que demanda, de figuras maternas e paternas, uma certa atenção, consideração e acolhimento para que possam sentir-se seguras nos primeiros contatos e cuidados com o bebê.

Porque apesar de tudo, eu gostava de bebê, mas eu tava com a minha mãe lá em casa, ela ficou quinze dias comigo. Quando ela foi embora, eu pensei eu não vou dar conta, e quem fazia tudo era eu, só que a minha mãe tava ao lado. Então parece que isso te dá uma tranquilidade.

Dolto (1996) ilustra esta necessidade das mulheres mães de modelos e figuras de amparo pela passagem bíblica onde Maria, grávida, visita sua prima Isabel e, ao encontrá-la, recita o Magnificat; neste momento dá-se o encontro entre uma jovem mãe com uma mãe mais velha e experiente. Cabe lembrar que o Magnificat também é o salmo que a mãe de Maria costumava cantar, revelando o resgate das figuras maternas no momento de início de gestação de Maria.

Sobre este cântico de glória de Maria, a grávida, esquecemos que ele é o grito de alegria arrancado de uma mãe muito jovem e inocente, que encontra outra mãe, esta madura, que lhe dá sua benção. A visitação, como a tradição denominou este encontro, mostra-nos essas duas mulheres, ultrapassadas por acontecimentos dos quais são, ao mesmo tempo testemunhas e humildes fontes carnavais (DOLTO, 1996, p. 211).

Dolto ilustra com este trecho o reencontro com figuras maternas na busca de consolo e retaguarda afetiva.

Outro fator mencionado pela observação dos pais entrevistados é a noção de que as características do filho interferem no exercício da função materna e paterna, denotando o papel do bebê na parentalização dos pais (SOLIS-PONTON, 2004; BARRIGUETE MELENDEZ, 2004; LEBOVICI, 2004). Bebês mais “calmos” (sic) e que respondem aos cuidados maternos de forma tranqüila facilitam o exercício da função materna. Bebês que sofrem doenças geram nos pais um sentimento de culpa e aflição, interferindo no exercício das funções inicialmente maternas, podendo influenciar as vivências do período fusional que podem ser permeadas de ansiedade e culpa. Com um dos casais ocorre o fato significativo da criança ter, pelo teste do pezinho, a possibilidade de desenvolver uma doença, fato que, a meu ver, levou a mãe no período de fusão a um sentimento de angústia e culpa que desencadeou um prolongamento desse período, necessitando uma maior interferência do pai e de parentes para que a ajudassem na separação com a criança.

Pela observação das entrevistas pude também perceber que quando ocorre um sentimento de rejeição da criança, na gestação, o exercício da função materna sofre conseqüências, sendo vivido de forma superegóica e aflitiva por parte da mãe.

Outro fator importante a se considerar em relação à influência das crianças no desempenho da função materna e paterna refere-se **a maior participação delas na vida do lar.** Por parte dos pais há uma observação de que as crianças, na atualidade, são menos reprimidas, podem participar das conversas antes permitidas apenas para os adultos e expressam com maior fluidez seus desejos, interesses e necessidades, desde o momento em que têm acesso à linguagem verbal, diferentemente de outras épocas em que as crianças não participavam das decisões e de certas modalidades da convivência familiar. Eu penso que isto levanta uma questão: será que as falas das crianças estão sendo ouvidas? A maior

possibilidade de participação das crianças, leva a uma complexidade nas vivências das funções dos pais que têm que considerar os desejos e impulsos das crianças em suas diferentes etapas de desenvolvimento?. Minha hipótese é que desta forma o exercício das funções materna e paterna sofre interferências e desdobramentos, associados à colocação de limites, dosagem de informações, transmissão de valores, entre outros, de forma distinta à uma época na qual a criança tinha pouca possibilidade de expressão.

Antes quando havia uma postura mais autoritária por parte dos pais, na qual a criança não emitia opiniões, não era considerada como alguém que tivesse desejos, a norma era colocada sem questionamentos. O fato de hoje se tomar em maior consideração os desejos e interesses da criança, favorece o diálogo? Será que isto tornou o ser pai e ser mãe hoje em dia, mais trabalhoso levando pais (pai e mãe) a se omitirem de suas funções? Os pais têm tomado em maior consideração a comunicação das crianças e seus desejos, ou estão mais temerosos em frustrá-los? Que conseqüências isto pode trazer a nível da constituição da personalidade das crianças?

Os pais trazem que a vivência das funções materna e paterna dá-se de forma dialética, no sentido de que o filho também participa ativamente do processo, incentivando e despertando nos pais determinadas atitudes e sentimentos. E, ainda, que pais e filhos passam por um crescimento juntos. “*É um aprendizado mútuo*” (fala do pai). Este dado fala-nos do aspecto que as funções materna e paterna só podem ocorrer a partir dos vínculos entre pais e filhos: “*Não sei se é difícil ser pai [...] é uma situação em que são duas pessoas, os pais e os filhos, vivenciando uma situação que talvez seja um crescimento para os dois, uma oportunidade para os dois, ninguém tem uma fórmula*”. Podemos conjecturar que por mais que os pais tenham experiência, a vivência do dia à dia é permeada de situações novas para ambos, pais e filhos. O que pude perceber é que as situações novas são vividas com impacto.

Quando os pais podem entrar em contato com seus sentimentos, podem aprender, rompendo o campo do “ser” para surgir o “vir a ser” pais daquela criança naquele momento.

A criança parece reconhecer a função materna e a paterna no dizer dos pais, quando interage com eles, e dentre outras coisas, acolhe e introjeta limites. Em certa medida **o filho faz o pai e a mãe**. Com o desenvolvimento da capacidade de comunicação verbal e de um certo desenvolvimento do ego, os filhos, já solicitam verbalmente dos pais uma participação maior em suas vidas demandando deles, atitudes de acolhimento, discriminação, colocação de limites, enfim, solicitam dos pais as funções materna e paterna de acordo com suas idades e fases de desenvolvimento. Nas entrevistas percebo que ao convidarem os pais à interagirem com elas, ao brincarem, verem suas tarefas, dialogarem, entrarem em contato com seu mundo infantil, as crianças levam os mesmos a se constituírem como mães e pais.

“Antes, a criança pequena não fala, então a gente leva onde quer. Filho pequeno é mais fácil de cercar, é mais fácil de dizer sim e não, o que eles devem fazer. Quando crescem tem a fase de negociar, de explicar, de mostrar a noção de perigo.” (grifo meu). Em outro momento um pai nos diz que quando ocorrem situações, pelas quais ele nunca havia passado como criança, fica sem registro de experiência e não sabe como agir. Nesta frase aparece, a meu ver, que o desenvolver da criança leva a situações novas e conflitantes das quais os pais se vêem com maiores dificuldades.

Quando acontece algum problema, maior, que a gente não conceituou, você não conhece a teoria toda, não é preparado para isso ou aquilo. Às vezes eu tenho a impressão de que às vezes eu me sinto perdido, entendeu, não sei se ou posso ser, ou se vale a pena ser mais duro, e exercer um papel de pai autoritarista, ou se eu vou tender, ou tento ir pro lado mais de entender que é outro ser humano, que essa relação de pai não tem nada a ver com ser ditador. A gente se perde um pouquinho, quando tem problemas maiores [...].

Quando os filhos não aceitam, ou melhor dizendo, não reconhecem a função materna e paterna, provocam nos pais um sentimento de **desqualificação**, mobilizando sentimentos

narcísicos de **desvalorização** e **rejeição**, gerando também sentimentos de incapacidade. Lebovici (2004) menciona este fato, ao dizer, que a criança mobiliza o narcisismo dos pais e que o olhar afetuoso da criança para os pais é sinalizador, para estes, de que estão sendo aceitos enquanto pais. O contrário disso, o não reconhecimento das funções dos pais por parte dos filhos, ou o questionamento dos mesmos, parece gerar **dúvidas**, sentimentos de **raiva** (“*eu fico possessa*” - fala de uma mãe) ou ainda solicitar dos pais uma postura **de maior firmeza que demarca limites**. Esta postura, pelo que pude perceber do material, é tomada por um dos pais, aquele que se sente mais **apto**, mais seguro de si e mais definido em seu papel de tutor. Na vivência de colocar normas e assumir a autoridade, parece não haver uma postura definida pela figura paterna. Parece-me que a atitude de assumir a função de autoridade na colocação de normas e limites para com os filhos tem profunda relação com padrões herdados, com a capacidade de tolerância à frustração dos pais. Há, pais que conseguem perceber e discriminar, na intensa relação com os filhos, aquelas atitudes de negação da autoridade advindas de fases distintas de desenvolvimento da criança, como a birra, o retrucar, e há pais que não. A frase a seguir pode ilustrar: “*Tem coisas que ela tem que retrucar, porque tem coisas que depende do desenvolvimento dela, agora tem coisas que já depende da educação*” (mãe informando que a atitude da filha de se contrapor aos limites tem aspectos esperados de seu desenvolvimento, que devem ser considerados, mas que há outros em que é preciso colocar os limites e mantê-los).

Há, ainda, momentos nos quais ocorrem **discordâncias** entre os pais, em que um **interfere** na decisão do outro, muitas vezes por temor da criança não ser capaz de lidar com os “nãos” e com as frustrações. Ou posturas onde a mãe, dizendo não ter paciência para lidar com a birra acaba deixando e **ignorando** a atitude da criança, numa maneira de se evadir de um posicionamento e enfrentamento de um momento difícil. O que nos leva a refletir sobre a intensa relação entre pais e filhos, vivida de forma conflitante em relação à colocação de

limites e a percepção da dor gerada nos filhos ao serem frustrados. O que pude perceber pelas entrevistas é que alguns pais (tanto homens quanto mulheres) ao perceberem a reação dos filhos à frustração (choro, birra) se sentem mobilizados por sentimentos diversos: alguns ficam tomados pelo sentimento de culpa e procuram dialogar e explicar para a criança o motivo da sua conduta, outros, se evadem numa postura de “deixar pra lá”. O que sugere um questionamento: estariam os pais vivendo a interdição e limite de forma a **confundir** a firmeza, o **vigor**, o corte e a separação necessários com aspectos e manifestações de sua **destrutividade**?

Berenstein (1996) cita a importância da função paterna de interdição e corte que auxilia o filho a seguir sua própria história. Ele ilustra a interdição vigorosa e ao mesmo tempo amorosa pela passagem bíblica onde Deus diz à Abraão para sair da terra de sua mãe e deixar a casa de seu pai: *“Sai da tua terra e vai onde te mostrarei”*, na qual a função paterna é de separar e ao mesmo tempo guiar.

Minha hipótese é que o sentimento de culpa despertado nos pais (pai e mãe) ao se depararem com as reações dos filhos leva-os ao sentimento de que os filhos os excluem, **um sentimento de desautorização de sua função**, como se algo os impedisse de ocupar seu lugar de adultos e permanecessem num estado de filhos. Atitude que pode aludir ao temor nos pais de que os filhos tenham sentimentos agressivos para com os mesmos. Como defesa a estes sentimentos e das dúvidas no vivenciar suas funções, os pais (casal), a meu ver, parecem buscar fórmulas e modelos prontos, ou condutas superegóticas, confundido-se entre posturas autoritárias ou uma ausência de posicionamentos. Entra em questão, no meu ponto de vista, o aprendizado dos pais no sentido de aprenderem a ser pais de cada um dos filhos, passando do **“não ser”** para o **“vir a ser”**. Aprender a ser pai, e a ser mãe, de acordo com as peculiaridades de cada filho. Penso que desta forma é que poderá ocorrer o aprender da experiência emocional. Pelas entrevistas pude perceber nos pais uma dificuldade para

sentirem-se livres para aprenderem com a experiência de serem pais de seus filhos. Pareciam estar presos a certos conhecimentos externos a eles, fórmulas e orientações que os impedia de perceber suas capacidades e dificuldades. Quando, no entanto, podem pensar e refletir sobre as vivências acabam sendo mais livres para aprenderem com as situações. Estariam as fórmulas e orientações ofuscando o temor dos pais de entrarem em contato com áreas desconhecidas, no campo do não saber? A partir das entrevistas, pude repensar sobre a busca dos pais por informações e palestras que, muitas vezes, pode funcionar **como defesa contra as angústias do não saber e do intenso conflito entre suas posturas.** Ao colocar-me numa atitude de ouvi-los nas entrevistas, percebo o efeito importante de permiti-lhes entrar em contato com suas angústias, com seus conhecimentos e desconhecimentos e criar um espaço para pensá-los. Com esta postura propus-me mudar o paradigma dos pais de virem buscar informações prontas com o psicólogo, e introduzi uma situação diversa daquela de oferecer informações prontas, pois eu não as tinha, estava em **busca de pensá-las.** No trabalho com pais, há momentos que as informações constituem-se em recursos importantes, o que quero destacar, aqui, é a **importância da escuta** de sentidos que além de funcionar como continente propiciando descobertas e auto-descobertas, permite a busca de novos campos de compreensão para os pais de suas vivências com seus filhos, num desconstruir e reconstruir. Desta forma não suprime a importância na orientação de pais o surgir de informações que podem constituir-se em subsídios para pensarem suas funções, mas introduz uma escuta diferenciada que produz rupturas que possam gerar possibilidades de pensar suas vivências, e funcionar como instrumento terapêutico no permitir aos pais ocuparem seus lugares.

Nas entrevistas eles vinham trazer informações e conhecimentos próprios. Os pais vinham bem vestidos para as entrevistas, as vezes eu tinha a impressão que viessem prontos para serem filmados, sugerindo-me a idéia de que sentiam-se **valorizados** por estarem colaborando com suas vivências. Estavam abertos e desejosos em falar, mas, penso, que,

também, ao virem bem trajados revelava de certa forma, um aspecto defensivo, no sentido de ao estarem cheios de dúvidas, o bem vestir-se pudesse defendê-los de suas dúvidas e angústias, para não **desnudados** revelando suas emoções mais intensas, de temores e inseguranças. A postura de escuta dos pais, nas entrevistas, na maior parte do tempo, funcionou como um continente amoroso que lhes possibilitou entrar em contato com emoções, tendo como ressonância o aparecimento de lembranças afetivas, insights, a nomeação de alguns afetos, a reflexão sobre algumas posturas, a recordação de temores, permitindo-lhes entrar em contato com suas próprias dores e amores revelados. O fato de ter feito mais de uma entrevista com cada casal, ia lhes permitindo maior abertura e diminuindo suas defesas. As entrevistas tiveram a meu ver uma função terapêutica:

Eu estava aqui pensativa, porque é bom a gente pensar um pouco sobre isso. Porque a gente vai fazendo, sem também fazer um 'feedback'. Não é nem uma avaliação mas quando você está falando sobre um assunto você acaba se auto-avaliando. Saímos daqui um pouco pensativos, pensando no que estamos fazendo (fala de uma mãe sobre o processo das entrevistas).

A gente pensa um pouco tipo se abre. Então a gente conversando aqui a gente vai descobrindo coisas que a gente também não sabe, não aprendeu ainda. A gente vai pensando diferente.

Ao ouvi-los pude perceber que a vivência da parentalidade é tão conflitante que a dor e angústia os dificultam o exercício de sua função. O espaço para que possam falar e se abrir, já é em si terapêutico.

A experiência das entrevistas, funcionou com o exercício para os pais de contato com as emoções com os conflitos com as dores e com o mundo emocional, levando-me a pensar na importância da linguagem dos afetos, como um fator preponderante a ser considerado, nem sempre, percebido pelos pais. No material das entrevistas as falas das crianças nem sempre eram bem compreendidas ou consideradas. Pelo dizer dos pais, nas entrevistas, percebo que, embora tenham hoje, possibilidades de acesso a uma grande quantidade de informações de ordem técnica e científica, a leitura das emoções, ainda, não é fator acessível. É algo que

demanda tempo, permissão interna. O que leva-me a conjecturar que há nos pais uma necessidade de serem alfabetizados na linguagem dos afetos, ou ainda, uma postura que lhes dê permissão para errarem, para entrarem em contato com suas emoções; por isso a demanda dos mesmos por aconselhamentos, palestras e informações sobre a experiência de outros pais. A busca dos pais sugere, a meu ver, a busca de acolhimento para suas emoções e a capacitação para compreenderem os filhos. As entrevistas surtiram o efeito terapêutico de permitir-lhes entrarem em contato com suas emoções. A escuta psicanalítica nas entrevistas, foi favorecedora de crescimento para os pais, mais do que fornecer-lhes informações técnicas ou psicopedagógicas.

7.3 A Família Parental e Suas Influências no Ser Pai e no Ser Mãe

As relações dos pais com seus progenitores (família parental-materna e paterna) têm influências marcantes nas vivências do ser pai e do ser mãe. Nas entrevistas, **surgiram memórias afetivas ligadas às vivências dos pais enquanto crianças**, com seus próprios pais. Algumas destas memórias afetivas aparecem no campo da recordação, de fatos importantes na vida dos pais (casal). Estes fatos, tornaram-se úteis enquanto experiências bem sucedidas, e servem como modelos para serem utilizados, como, por exemplo, as conversas da mãe, na hora do almoço, sobre como educar filhos; a busca dos pais por crescimento, as experiências afetuosas e de carinho. Outras experiências são consideradas como exemplos a serem modificados por se tratar de experiências desagradáveis como ansiedades e temores dos pais; pais que batiam muito; que eram muito rígidos ou que eram muito ausentes e distantes; pais superprotetores que não ofereciam segurança. Para os pais os modelos que consideram mal sucedidos servem como exemplos para serem modificados nas relações com os filhos. Há alguns modelos advindos das vivências com os pais, os quais, o casal nos diz, que ficam a

nível inconsciente, que os levam a tomar atitudes semelhantes, sem se darem conta ou, ainda, percebendo-as, quando possível, somente depois de terem-na tomado. Como exemplo, temos o relato de um pai cuja mãe, quando pequeno, transmitia-lhe profundos temores com relação a chuvas e relâmpagos. Hoje, embora ele tenha consciência de algo dos temores da mãe, ainda se vê assustado quando chove e tenta mudar esta experiência com os filhos.

Os casais parecem nos dizer de uma herança psíquica presente no exercício de suas funções através de vivências amorosas e acolhedoras, mas também de vivências que causaram um impacto traumático (SILVA, 2004b).

Freud (1975c), no texto Moisés e Monoteísmo, vai nos dizer que não há nada que uma geração consiga esconder da outra. Assimilar e transformar estas experiências em capacitação para o exercício de suas funções, parece ser o grande desafio dos pais. O que me ocorre é que nas vivências com os filhos há elementos que são transmitidos ainda não transformados, nem elaborados como aspectos de confusão e conflito.

Lebovici (2004) vai dizer da importância para o exercício da parentalidade da aceitação da herança psíquica. A partir do material das entrevistas podemos refletir: Estariam os pais (pai e mãe) se conscientizando do que herdaram de seus pais para conquistarem à partir daí seu próprio espaço de parentalidade? A não elaboração dos aspectos transmitidos pela herança psíquica estaria levando pais a um exercício conflitante e confuso de suas funções? Parece que sim.

Outro fator relacionado à influência das famílias parentais no exercício da função materna refere-se, a meu ver, ao “holding” sendo transferido ou solicitado a ser exercido pelos avós paternos ou maternos, quando a mãe precisa retornar ao trabalho. O que me sugere uma noção de família extensa. Quando as tarefas práticas de cuidados com os filhos não podem ser exercidas pelas mães ou pais, elas têm sido atribuídas aos avós maternos ou paternos, com preferência inicial, a babás, escolas e a creches. Em alguns casos, esta transferência de função

para avós maternos e paternos tem sido vivida com culpa e angústia por mães que retomam o trabalho. Com esta modificação, os avós passam a exercer uma maior influência, na conduta dos pais e de seus filhos. Alguns avós acabam interferindo nas funções dos pais, ao desconsiderar as normas e estilos dos mesmos. Podemos pensar que para que a função de “holding” possa ser exercida na modalidade de família extensa é preciso que a família parental seja de fato extensão da família da criança, no sentido de respeitar e acolher o estilo dos pais. Solis-Ponton (2004) cita que esta modalidade de parentalidade, em que a função de holding é estendida à família parental, é um recurso para que as crianças sejam atendidas em suas necessidades, nas funções que os pais estão, temporariamente, impossibilitados de exercer. Penso que é preciso que os avós acolham a maneira e o estilo dos pais, nas vivências do ser pais, para não desconsiderarem a importância e a capacidade dos mesmos. E ainda, que a modalidade de “holding” vivido pela família extensa (avós, babás, creches) dá às funções maternas e paternas, uma **nova gama de conflitos e problematizações**. Como fica a constituição e desenvolvimento da personalidade da criança diante desta nova configuração? Nas entrevistas pude perceber situações distintas onde a família parental de uma das mães parece ser facilitadora da extensão do “holding” materno e paterno, quando acolhe a criança respeitando as disposições e normas da mãe e do pai, transmitindo-lhes segurança e não rivalizando com os mesmos.

Por outro lado, pais relataram que a família parental, na figura da avó materna, interfere e desconsidera os cuidados e normas da mãe, causando transtornos na aceitação da criança dos limites estabelecidos pelos pais, a ponto de terem que evitar o contato muito próximo. Fato que surgiu de forma concreta na presença da criança, em duas das entrevistas, por não terem com quem deixá-la e evitarem que ficasse com a avó. Desta forma, revelam um aspecto importante no exercício da função materna e paterna, que é a delimitação entre a família de origem e a família atual. Na história deste casal parece não ter havido, por um certo tempo,

um espaço para que o casal se inscrevesse como pai e como mãe, de um jeito próprio, devido à uma avó materna autoritária e intrusiva, que interferia na rotina da casa e na educação das filhas. Com isso, o casal não conseguiu estabelecer a separação necessária entre seus pais e seu próprio espaço físico e mental, de forma a estabelecerem suas funções enquanto pais. O casal fica pressionado, ora dando importância grande às atitudes das filhas, ora, às atitudes dos pais, tornando-se difícil perceberem o direito e a clareza sobre o próprio espaço de exercício da parentalidade. O que me sugere que na passagem da dependência para a independência há pais que ficam subordinados à autorização materna para que possam desenvolver suas funções ligadas à autonomia e à parentalidade e, conseqüentemente um exercício mais livre e espontâneo de suas funções materna e paterna. Personalidades que ficam submetidas aos desejos, opiniões e demandas do outro (seus próprios pais, filhos), do mundo (modelos sociais, demandas da cultura), não podendo se libertar e sentirem-se capazes de fazer escolhas e autorizarem-se a serem pais de si próprios e dos próprios filhos.

Desta forma podemos pensar que estabelecer esta diferença entre a família de origem e a família que se forma é **condição** importante para um exercício mais **livre** das próprias funções materna e paterna.

7.4 Função Materna e Função Paterna e a Relação Com o Trabalho

O tema de como conciliar função materna e função paterna com a questão do trabalho foi comum a todas as entrevistas. Os pais trouxeram que o conflito entre a dedicação ao trabalho e ao filho gera muitas angústias nos mesmos, de modo especial nas mães.

É uma angústia que toda mulher vive. Porque depois que você tem filho, você pergunta para todas e todas tem a mesma angústia. Tem umas que abandonam [citando o trabalho] e não arrependem [...] Tem casos também de outras que quando os filhos ficam mais velhos arrependem [...] Como você tem uma angústia constante todo dia (tem

dia que ela te sufoca mais tem dia que te sufoca menos) você fica procurando identificar e conversar com as pessoas que vivem aquilo para ver como são os filhos delas. Se eles foram muito ausentes. Se a criança é feliz. Se é um adolescente bem resolvido (relato de uma mãe sobre a angústia de trabalhar e deixar o filho aos cuidados de outros).

Vários aspectos foram apresentados como material a se pensar às angústias e conflitos relativos às vivências da função tanto materna quanto paterna e trabalho. Sabemos que o conflito trabalho e cuidado com os filhos já vêm desde os anos cinquenta (LIPOVETSKY, 2000). O que procuro mapear pela observação do material é como os pais estão lidando com estes conflitos, hoje, suas angústias e dores. Pais (pai e mãe) que, cada vez mais, estão ausentes, no sentido de presença física, por estarem viajando, ou até mesmo morando em outras cidades em função do trabalho. Pais que se queixam das impossibilidades de verem e acompanharem as fases de desenvolvimento dos filhos devido a sua ausência. A divisão de tarefas domésticas, como já mencionei, tem o sentido de minimizar estas ausências dos homens-pais, permitindo a eles estarem presentes em espaços onde antes não poderiam estar. O que parece se apresentar, no relato dos casais, é uma queixa de “algo” uma força maior que não conseguem nomear, interfere no exercício da função e que gera um conflito entre trabalho/cuidado e contato com os filhos. Na percepção dos mesmos, a **escolha** entre trabalhar ou cuidar dos filhos não é tão simples de ser feita. As mulheres, em particular, tentam lidar com o conflito, conciliando, na medida do possível o trabalhar apenas meio período, ou abrindo mão do trabalho por um período de desenvolvimento dos filhos. *“Eu passei por fases. Fases em casa, passei meio período fora. Esse ano eu trabalhei período integral, e isso não foi bom.”*. O trecho acima faz parte do relato de uma mãe em suas tentativas em conciliar trabalho e cuidado com os filhos em três experiências distintas. E revela que o trabalho hoje faz parte das realizações de uma mulher e que, ao ficar em casa um período sem trabalhar por causa das crianças, começava a se cobrar, sentia-se deprimida, com momentos de raiva e até

mesmo sentimentos paranóicos devido a ambivalência de sentimentos entre realização no trabalho e cuidado com os filhos.

O conflito entre trabalho/cuidado com os filhos está sempre presente nas vivências das mulheres, demonstrado na necessidade de equilíbrio, nas queixas de que há trabalhos que consomem mais a mulher em sua capacidade de maternagem como o de professora, por exemplo.

Em relação à criação de filhos e trabalho, o meu trabalho, muitas vezes foi muito desgastante, com relação à criança, puxava muito de mim. Eu escutava das crianças tia o dia todo, e quando chegava em casa, e meus filhos me solicitavam eu estava exausta [...] Mas eu acho que o trabalho é muito importante para minha própria cabeça, porque senão eu ia ficar só em casa e ia ficar deprimida.

Neste aspecto, podemos refletir se há uma mudança em relação ao modelo de mãe mítica mencionado por Dolto (1996), com uma mãe que tem outros interesses ou a figura da mãe mítica ainda se faz presente, escondida por trás do conflito inerente à mulher que trabalha e se sente culpada em suas impossibilidades de prover os filhos e por ter que transferir suas funções à família extensa, hoje representado pela família parental e pelas babás, escolas e creches. Surgem, nos relatos de algumas mães, junto ao conflito trabalho e função materna, sentimentos contraditórios com relação às crianças devido às demandas das mesmas e o conciliar outros interesses e desejos da mãe. O conflito está inerente à vivência de ambos os pais, mais acentuadamente nas mães e me permito dizer que interfere nas vivências da função materna e paterna com um dado da realidade atual onde ambos trabalham. Os pais são menos afetados pelo sentimento de culpa por sentirem-se, ainda, os maiores responsáveis pela manutenção econômica da criança, baseada numa experiência de milênios. Mas, na vivência dos casais, ambos acabam por assumir o trabalho para suprir as demandas econômicas da família, denotando dois aspectos que se mesclam, a **necessidade** do trabalho e o **desejo** em realizar-se através dele.

Eu acho que interfere. [diz uma mãe em relação a trabalho e contato com os filhos] Só que tenho uma teoria na minha cabeça que tem que haver equilíbrio. Não adianta eu entregar tudo que eu construí até hoje e ficar emprestada para o meu filho e cobrar dele futuramente. Na prática eu estou tentando mas a angústia não deixa de existir. Tem dia que eu fico mal, fico triste fico ruim. Quero ficar mais com meu filho (comentário de uma mãe em relação ao trabalho, grifo meu).

Esta mãe começa a nos contar de suas angústias, idealizações e planejamentos no sentido de voltar ao trabalho em um mês, não foi possível. E que, antes, pensava, teoricamente, que seria mãe e iria separar trabalho de maternidade numa forma de pensamento mágico. Mas, em sua experiência, não conseguiu. De acordo com sua vivência, não foi possível separar, pois a função materna chama à uma ligação com o bebê. A mãe parece revelar seu conflito entre dois desejos: **trabalhar** e **exercer** a função materna. Ao dizer sobre entregar tudo e ficar emprestada ao filho, revela, a meu ver, uma maneira de conceber o vínculo com o filho, que carrega aspectos superegóicos, do campo da obrigação: “ter que” equilibrar, sentir-se “emprestada”, esquecendo-se de outras áreas de seu interesse. A expressão “emprestada” sugere também, a meu ver, um temor em se perder misturada à função de mãe, esquecendo-se de si mesma. O termo empréstimo implica em devolução e a resguarda de perder-se, ao mesmo tempo, carrega a conotação de uma mãe, parcialmente, ausente, sem desejos, mas que irá retomá-los. Por mais que tenha deixado de fazer certas coisas profissionalmente, a mãe diz cobra-se estar mais presente. Aqui, aparece outra maneira de conceber o vínculo. E, o conflito, entre o desejo de ficar mais com o filho e seus outros interesses, como o trabalho, se apresenta, revelando que não é apenas o filho que sente falta da mãe, mas, há também um desejo dela em estar perto do filho. O que aparece é uma diversidade de conflitos, que se alternam ou se sobrepõem: conflitos entre aspectos superegóicos, conflitos entre seus desejos, cobranças ligadas a modelos. Fator que me remete à questão da realização da mulher a partir da vivência de múltiplas facetas de sua personalidade, e inúmeros fatores de sua subjetividade, não apenas a maternidade. Será que

podemos pensar que o desejo fálico nas mulheres hoje, não está preso apenas ao filho mas busca realizar-se também por meio do exercício de uma profissão? Solis-Ponton (2004), nos diz que ao viver a compensação da castração as meninas se apegam a aspectos valorizados pelo grupo. Hoje, o trabalho, entre outras realizações da mulher está sendo apresentado às meninas como mais um atributo valorizado, não apenas o gerar filhos.

Uma mãe conta-nos que sua experiência tem sido tentar um equilíbrio entre os desejos relacionados à maternidade, cuidados e contatos com os filhos e realização profissional. E traz um questionamento: se uma boa maternagem está ligada a tempo ou ao desejo pelo filho e à capacidade de viver certas angústias. Ela cita que há pessoas que têm muito tempo, condições de não precisar trabalhar, mas não tem a noção da importância de estar presente, ou o desejo pelo contato e estressam-se ao ficar o dia todo cuidando filho.

A questão de nossa atualidade é se o filho continua ocupando esse lugar de objeto fálico na mulher. Mudanças na sexualidade da mulher, no lugar que o filho ocupa no desejo feminino, acarretam a incapacidade de muitas mães de suportar a dor a frustração, a solidão e a angústia de seu filho. O que parece ser para os psicanalistas etapas, momentos necessários de construção subjetiva, são para certos pais impossíveis de suportar. Os pais tentam fazer tudo e são incapazes de fazer o necessário. O ser mãe suficiente, é muitas vezes da ordem da impossibilidade (OCARIZ, 2002, p. 283).

As mães também trazem nas entrevistas, a importância do equilíbrio entre as funções ligadas à maternidade e às outras funções e desejos da mulher, fazendo-me remeter a mãe “suficientemente boa” (WINNICOTT, 1980), que também tem outras atribuições, outras funções e desejos, mas se dedica de forma “comum” e suficiente a seu bebê. Uma mãe lembra-nos que se a mulher não se realiza em outros aspectos, começa a cobrar do filho de maneira diferente, revelando que há dessa forma uma transferência para o filho de expectativas relacionadas a outras áreas de realização da mulher. E que é preciso um equilíbrio entre a função materna e as outras vivências. No entanto, o que parece surgir das entrevistas é que no início, nos primórdios do desenvolvimento da criança é muito difícil

estabelecer este equilíbrio. Penso que as mães estão referindo-se ao período de preocupação materna primária (WINNICOTT, 2000) no qual a dedicação da mãe à criança é necessária e profunda. E que, portanto, as vivências iniciais da função materna são muito intensas e são vividas com ansiedades inerentes a este período. Estaria hoje o conflito ligado ao desejo de realização profissional, interferindo na possibilidade das mulheres desenvolverem a preocupação materna primária ? Ocariz (2002) vai dizer que a mãe suficientemente boa, hoje para algumas mães pais é da ordem da impossibilidade. Será? A hipótese que faço é que a gama de demandas da atualidade funciona como fator de “desautorização” à parentalidade, como já mencionei anteriormente, num movimento que impede mães e pais de autorizarem, de se permitirem fazer escolhas, que possibilitem uma maior qualidade de vida psíquica para si e para os filhos. Penso que este tipo de trabalho, de escuta psicanalítica dos pais, como algo que facilita o contato dos mesmos com seu mundo emocional podendo ser auxiliador no processo de construir-se enquanto pais.

No início da vida, o bebê depende integralmente da função materna. Um pai ilustra sua percepção disto ao dizer que quando acaba de atender a uma necessidade já há outra. O que a mãe (da citação) parece trazer em seus relatos, é que também há uma necessidade da mulher, enquanto mãe, de estar perto do filho, mesmo que haja algum adulto que a substitua de forma adequada. Esta colocação leva-nos a refletir que o contato mãe-bebê é necessário, também, para se respeitar o desejo da mãe de estar junto ao filho, nutrindo o, não apenas de alimento mas de seu contato e se sentindo também nutrida por ele. Além do fato de que, para que a mãe **perceba intuitivamente o que se passa com a criança** como nos informa Winnicott (1980), é preciso que ela possa estar próxima do filho, **captando suas necessidades físicas e psíquicas**. Para Winnicott (2000), ninguém melhor que uma mãe que possa ter vivido com seu bebê o estado de preocupação materna primária para melhor desempenhar a função materna. A questão na atualidade dá-se no sentido de estar sendo possível ou não, para as

mães, este contato com o bebê em sua fase bem inicial de vida, quando a mulher se depara ora com outros desejos e facetas de realização, como o trabalho, ora com a necessidade de trabalhar para suprir economicamente a família.

Cabe informar ao leitor que o conflito trabalho e cuidados com os filhos não está situado apenas na relação mãe-bebê, aparecendo também no desejo dos pais de maior contato e um conflito por estarem ausentes devido ao trabalho. O que se destaca nas entrevistas, é o contato mãe-bebê interrompido cada dia mais cedo.

Uma das formas encontradas na atualidade de manter e de conciliar trabalho e função materna e paterna é a colaboração da família parental que acaba participando nos cuidados com as crianças que ficam com os avós ou tias para que os pais possam trabalhar. Nos casos em que os familiares não podem fazê-lo há a busca de babás e escolas maternas, como uma busca de manter e estender os cuidados maternos.

A partir do material das entrevistas, uma das grandes angústias da atualidade, a meu ver se mostra relacionada às vivências da função materna e paterna no antigo conflito ligado ao trabalho. Conflito este em que a intensidade das demandas do mundo atual, parece não permitir possibilidades de escolha e quando elas ocorrem não estão isentas de culpa, conflito e angústias, numa espécie de **desautorização** ao exercício da função materna.

7.5 Função Materna e Função Paterna Como Processo

Pude perceber que um dos fatores de fundamental importância nas funções materna e paterna é o campo do “**vir a ser**”, do “**tornar-se**” pai e mãe. Neste campo, cabe retomarmos os fatores relacionados ao desenvolvimento dos pais para o desempenho de suas funções desde os primórdios do surgimento da criança na vida do casal e, anterior a estas vivências, nas primeiras noções de maternidade e paternidade vividas por eles quando crianças, junto a

seus pais. Não se nasce pai e mãe; torna-se pai e mãe, servindo-me de uma expressão de Simone de Beauvoir. É um processo de amadurecimento profundo do ser humano e ocorre desde a infância nas trocas com os genitores e/ou figuras tutelares e posteriormente nas trocas entre os cônjuges e a criança, como mencionado anteriormente.

No material advindo das entrevistados está presente a noção do casal de que tornar-se pais, dá se por um processo, nos dizeres de aprender com as crianças, de aprenderem a detectar emoções, entre outros. Nas entrevistas, também, pude perceber nas entrelinhas que o tornar-se pais tem profundas relações com processos transmitidos transgeracionalmente. E depende da especificidade de capacidades de cada homem e mulher que se dispõe à parentalidade. “*Acontece naturalmente*” (diz uma mãe). Um pai, ao dizer sobre o sentimento de responsabilidade que tem para com a criança, diz: “*Não é logo de cara, não. A gente começa a pensar à medida que a gestação vai evoluindo, quando o nenem nasce aumenta mais*”. O pai parece nos informar que há também um trabalho consciente no tornar-se pai, na medida que vai ocorrendo gradativamente, do momento da notícia da gravidez, na preparação dos pais e do ambiente, ao processo de crescimento no ventre da mãe, no nascimento e nas interações com o bebê em crescimento. Algumas mães trazem que a vivência da maternidade é tão intensa que “tira o ar”.

Antes de ter filho a gente tem consciência de que vai mudar muita coisa. Só depois que você tem filho mesmo, que você sente mesmo a mudança. Eu imaginava que seria forte, que fosse uma coisa de muita responsabilidade, uma coisa de tirar o ar. Assim sabe em termos de responsabilidade, do medo de educar né, a responsabilidade de estar querendo sempre acertar. Que a gente tem que moldar uma pessoinha ali, que você fica tentando acertar. Dá um pouco de ansiedade.

Aspecto interessante que revela o temor diante da percepção da mãe da profunda dependência da criança. E que a vivência da função materna e paterna tem angústias relacionadas ao medo de educar, à uma necessidade de acertar e à responsabilidade inerente à função. Fato que sugere uma cobrança por parte dos pais no sentido de haver “**um jeito certo**

de ser mãe” (a expressão é minha) e que, penso, poderá interferir numa vivência mais natural da função materna e paterna onde os pais possam aprender das experiências. E ainda, que é através do processo de tornar-se pais que se dá a passagem do “conhecimento” (no sentido de deter informações) para o “saber” (decorrente da experiência vivida). Um dos casais, na entrevista, relata que a experiência de ser pai e de ser mãe foi uma experiência compartilhada com o filho. E que, por isso, têm a preocupação em ficar a maior parte do tempo possível perto do filho, de forma a se desenvolverem e se capacitarem para auxiliá-lo a se tornar cada dia mais capaz.

Um pai por sua vez traz que ser pai não é tarefa fácil, que não implica apenas em ser pai biológico, mas numa responsabilidade em cuidar educar e modelar alguém. Há também presente na idéia de modelar implicitamente, a noção da existência de um modelo de ser pai ideal. Fator relevante a se considerar no processo de tornar-se pai.

Os pais trazem uma visão de que, tanto a função materna quanto paterna, tem responsabilidades e vão além da paternidade biológica e penso que se encaixa numa paternidade adotiva e ética no sentido de cuidar do desenvolvimento integral da criança (RUDINESCO, 2003). Neste sentido penso que o processo de tornar-se pai e mãe dá-se num movimento de forças opostas ora de amor e adoção (quando acolhem o filho com suas peculiaridades) ora de sentimentos destrutivos e de rejeição (quando se deparam com aspectos dos quais não desejam que o filho possua). Nas entrevistas pude perceber nos casais uma certa persecutoriedade em admitir suas dificuldades e sentimentos destrutivos em relação aos filhos. Em um dos casais o pai é que manifesta em um dado momento que a mãe “transfere” (sic) seus sentimentos e decepção para os filhos.

Em outro casal, a mãe justifica sua irritabilidade e agressividade devido ao fato de passar mais tempo com as crianças do que o pai. E ainda, em outro casal, a mãe diz que ora o filho, ora a filha falam que ela não gosta deles. Mas em nenhum momento, parece-me

poderem admitir que há sentimentos destrutivos em relação aos filhos levando-nos a um questionamento: Estariam os sentimentos destrutivos negados nos pais? Como se dá o processo de “tornar-se pais” diante dos sentimentos tão conflitantes e contraditórios de amor e ódio, adoção rejeição? Se não podem ser pensados provavelmente serão atuados. Dolto (1996), como já mencionei, diz-nos da paternidade adotiva no sentido de que ao tornarem-se pais adotam o filho com suas características e demandas específicas. Um pai nos informa também que a função paterna vai sendo desenvolvida ao dizer: “junto com o crescimento da criança você vai se tornando pai”. E que para que a função se estabeleça é importante que o pai a assuma. Uma mãe confirma que o exercício da função de pai e de mãe é igualmente difícil, mas que é um processo que se vai adquirindo. Penso ser importante lembrar, neste aspecto do tornar-se pais, que as funções materna e paterna vão se modificando e sofrendo alterações a cada desenvolver-se da criança e que requerem dos pais irem acompanhando os desenvolvimentos e aquisições da criança, em um movimento de crescentes modificações e alterações.

Os pais trazem em seus relatos as mudanças culturais relacionadas ao modelo de seus pais e o ser pai atualmente. Um pai nos diz que uma das atribuições da função materna e paterna é ensinar a criança a pensar, a ter juízo crítico. Em seu dizer, a educação que recebeu foi útil, mas teve características próprias de uma época e que deve ser atualizada em relação a aspectos culturais no que se refere a horários, riscos e perigos da atualidade, etc. Parece informar-nos de que, embora a função paterna seja a mesma, no sentido de desenvolvimento do ego da criança, no ensinar a pensar e discriminar, podemos dizer necessária na formação de parâmetros, de leis internas (formação do superego) e no processo de introduzir o filho na cultura, seu exercício sofre as influências do tempo e das modificações culturais. Por estas influências da época os pais denominam a maior participação dos filhos nas decisões do lar, sua capacidade de expressão, uma escuta e compreensão maior por parte dos pais nas distintas

fases de desenvolvimento da criança, uma maior liberdade de expressão em relação a assuntos relacionados à sexualidade, antes consideradas tabus, etc. Por esta grande quantidade de fatores a influenciar o tornar-se mãe e pai, é a meu ver um processo de profundas transformações e crescimento e fazem parte da constituição identidade de homens e mulheres. Passar por estas etapas de **tornar-se verdadeiramente pais e mãe de seus filhos** é a meu ver um **aprendizado contínuo e uma arte a se desenvolver**. Suas **dores angústias e alegrias** são registros muito difíceis de serem **traduzidos**. Por isso encerro este mapeamento e estas considerações das vivências dos pais com uma frase que uma das mães lembra-me: “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

8.1 As apreensões sobre o ser mãe e ser pai na atualidade

Como o leitor já pode perceber ser mãe e ser pai é um processo a constituir-se em mulheres e homens que se dispõem à viver a parentalidade. A **experiência emocional** advinda das **trocas** entre os pais, entre eles a criança e o mundo que os rodeia, é que lhes possibilita **tornarem-se** pais. Todo este processo é vivido com muitas angústias, transformações e conflitos devido à enorme quantidade de **exigências do mundo atual**, e do **mundo interno dos pais** com suas **subjetividades**. Os pais parecem estar vivendo o exercício de suas funções em uma espécie de **parceria “co-parentalidade”** que rompe com a idéia de papéis sistemática e rigidamente definidos. Com isso, os homens parecem estar **mais participantes** dos primórdios de desenvolvimento dos filhos, em funções antes consideradas unicamente da mulher, sentindo-se **potentes ao cuidar**. As funções materna e paterna parecem também estar sendo exercidas **não mais por papéis definidos entre homem e mulher** mas de acordo com as **condições psicoemocionais** dos pais, nas quais, a continência, o “rêverie” e o “holding” são exercidos, ora pelo pai, ora pela mãe; assim como, também, certas funções de interdição e discriminação.

Outro fator significativo, foi a observação de que as mulheres têm vivido o contato inicial mãe-bebê com **turbulência e interrupção**, cada vez mais cedo, devido a gama de demandas e **facetas de realização da mulher**, como, entre outras, o trabalho. Com isso solicitam dos homens-pais, das famílias parentais e da escola, o exercício da função de holding, numa modalidade de **família extensa**.

Estas observações levam-nos a pensar sobre as conseqüências destas modificações nas vivências dos vínculos iniciais com o bebê. Que repercussões tais modificações tem deixado na estruturação do psiquismo das crianças é um dado atual necessário para a melhor compreensão dos novos sintomas que têm surgido na clínica?

No interjogo entre estes vários conflitos e angústias, dores e alegrias das vivências do ser mãe e do ser pai é que tem se instalado ambas as funções, materna e paterna. **Criar um espaço para acolher estas angústias**, parece ser neste momento de grandes turbulências, fator colaborador para que este processo se dê de forma mais **tranqüila** permitindo aos pais **desfazerem** certos **mitos** e **confusões** e entrarem em contato com suas **capacidades** e **dificuldades**, tornando-se assim, verdadeiramente pais de cada um dos filhos. Este espaço pode se dar tanto num trabalho de clínica extensa, através do acolhimento às dúvidas dos pais em suas buscas por palestras, e outros campos onde os pais possam manifestar seus interesses e buscas, como também na clínica padrão, ma abertura de uma escuta mais ampla de suas procuras por orientações e atendimentos, favorecendo um espaço interno para o “vir a ser pais”.

8.2 O Processo de Elaboração da Dissertação

Creio ser importante informar ao leitor acerca de como foi ocorrendo o processo de elaboração da dissertação, uma vez que ele se constituiu também, numa experiência que foi sendo vivenciada e pensada à luz da psicanálise. Falar deste processo e do método utilizado para esta elaboração poderá ajudar o leitor a compreender como foram ocorrendo as idéias, suas elaborações e re-elaborações.

O encaminhamento de todo o processo de leituras, levantamento teórico, escolha de instrumentos a serem utilizados para a investigação ocorreu tendo como guia o método da

Auto-Organização de inspiração Psicanalítica Bion-Kleiniana (BACCARIN, 2000). Este método já fora utilizado por mim anteriormente, na elaboração de uma monografia (BORGES, 2001). O método da auto-organização permeou o trabalho desde sua elaboração inicial, na medida que as idéias tomaram a forma de questões para a pesquisa. O método tem como inspiração a psicanálise e portanto respeita as idéias que vão surgindo, à medida que tomam corpo, pelo sentido que produzem e pelo que despertam em mim enquanto pesquisadora. Ele pressupõe uma capacidade de aguardar (capacidade negativa) (BION, 2000)¹ para que o trabalho vá tomando corpo. O trabalho não tem seu caminho definido a priori, este vai-se delineando através do processo de pensá-lo, e dos sentidos que vai tomando. O aspecto psicanalítico, Bion-Kleiniano (BACCARIN, 2000) presente no método da auto-organização, está no fato dele possibilitar que, pensamentos, sentimentos e idéias relativos ao tema, sejam acolhidos, considerados, e assim, o trabalho vai tomando forma gradualmente. O método da auto-organização inicia-se por um processo, ora de permitir-se estar em processo primário da mente, no sentido de poder permitir-se deixar surgir idéias, associações, pensamentos, podendo-se fazer uso da fantasia; ora de processo secundário, no sentido de organizar o pensamento, de fazer discriminações, de elaborar a escrita. Este método define-se pelo procedimento de ir inicialmente deixando surgir idéias, associações para depois transformá-las em algo que vai tomando sentido a partir da capacidade de pensá-los. É através da possibilidade de auto-observação, de introspecção que se tem contato com o sentido, o significado de algo que nos sensibiliza. Portanto, percebo na forma como apreendo o método da auto-organização, uma postura de auto-observação que aproxima-se da idéia de “deixar que surja tomar em consideração” de Herrmann (1991).

¹ “Com a negação, abre-se diante de mim um espaço maior, o espaço da simbolização, no qual as comparações são possíveis, sem que façamos qualquer equação simbólica” (REZENDE, 2000, p. 140). O autor refere-se aqui, ao trabalho do analista, e o utilizo referindo-me ao trabalho do pesquisador.

Nesta postura busca-se entrar em contato com o objeto de pesquisa e ao mesmo tempo com o que este objeto evoca-nos enquanto pessoas pesquisadoras, mobilizando-nos e transformando-nos. Por isso, tem como inspiração a Psicanálise no sentido de auto-observação e de análise. Neste sentido, o processo de pesquisar tem uma importância relevante tanto para o objeto pesquisado quanto para o pesquisador.

Para que isto fosse se processando ocorreram muitas conversas, discussões e orientações. O trabalho foi se organizando a partir da ressonância que as leituras por mim efetuadas, minhas experiências no trabalho clínico, as trocas ocorridas durante as orientações, foram tomando um eixo comum, a partir da possibilidade de pensá-las. Nesta postura, busquei entrar em contato com o tema objeto de minha pesquisa, e ao mesmo tempo com o que este objeto mobilizava em mim, enquanto mulher, mãe, psicóloga e pesquisadora. As experiências da clínica junto a pais e a crianças que remetem-me a função materna e função paterna fizeram parte da pauta das associações de idéias e levantamento de possibilidades de pensar o tema da pesquisa fazendo parte do processo das orientações e das reflexões sobre a dissertação. No método de auto-organização começa-se, como já mencionei, considerando-se questões, que a princípio, nos surgem por associações livres, ainda num processo primário de mente, para que se possa achar um eixo comum. A princípio íamos considerando, nas orientações, meus interesses e questões relacionadas às vivências nos três âmbitos de trabalho com os pais, para daí surgir a questão que mais se destacava. A elaboração deste trabalho foi muito significativa para meu amadurecimento enquanto profissional, como exemplo citarei dois dos vários pontos que pude perceber-me aprendendo a partir da feitura desta tese.

Levou-me a repensar no trabalho com pais através das palestras, no uso que os mesmos fazem deste contato, se as usam como espaço possibilitador de reflexão sobre suas vivências, ou tomam minhas colocações como normas superegóicas. Neste sentido comecei a repensar e modificar minha forma de abordá-los.

Permitiu-me estar mais atenta ao atendimento na clínica a pais de crianças. E fez-me refletir, ocorrendo experiências significativas, na clínica, como a procura de um casal cujo filho se vestia de mulher, de cujo material pude perceber dentre outros fatores, que o trabalho suscitava um espaço para que o pai desta criança pudesse ser acolhido de forma a ir tornando-se presente, vigoroso, afetivo e modelo para a mesma, tornando-se pai desta criança.

Senti-me mais capacitada a trabalhar com pais, na medida que a pesquisa abriu um campo para repensar a dinâmica dos mesmos, na atualidade.

Penso que para um objeto de cunho intersubjetivo como “Função materna e função paterna” o caminho Psicanalítico faz-me sentir mais adequada para a aproximação de um objeto que passa pela ordem do real, do imaginário e do simbólico². E ainda por entrar em contato com aspectos profundos das vivências das pessoas considerando suas dores e angústias. O caminho-método da psicanálise é também um caminho por mim percorrido em meus interesses de trabalho, estudo e investimentos e nele sinto-me mais segura ao caminhar. Pelo método da auto-organização de inspiração psicanalítica, pude permitir-me ir fazendo escolhas a partir de, desejo, motivações, daquilo que para mim foi mais significativo, levando em consideração minhas características pessoais e estilo.

Outro aspecto interessante que me ocorre é que o método da auto-organização de inspiração psicanalítica tem características mais voltadas para a interioridade, para a reverberação, para a capacidade de espera, de gestação de idéias. Características que se encaixam na função materna. Por outro lado tem também uma função de ir fazendo escolhas, discriminando conteúdos e adquirindo identidade, características próprias da função paterna.

As orientações também tiveram um caráter de exercer a função materna de acolhimento das angústias no processo de feitura da tese, das dores e aflições no trabalho de tornar a linguagem escrita clara e fiel à minhas idéias, das dúvidas do como proceder, no decorrer do

² Utilizado aqui como três registros da experiência de pensar Lacan (1999 apud BACCARIN, 2000, p. 179-180).

trabalho. Orientador como aquele que orienta, nos momentos da “dor” do parto de se produzir (fecundar, gestar e dar à luz a) a uma dissertação. E também aquele que acompanha, dando continência às angústias, dúvidas e incentivando o andamento do trabalho. As orientações funcionavam como um “partejar” das idéias, respeitando minhas capacidades e desenvolvimentos bem como minhas escolhas. As orientações também exerciam, como mencionado anteriormente a função paterna de ajudar-me na discriminação entre dificuldades pessoais e transferências no trabalho com as entrevistas (o que era advindo de minhas angústias e o que era de questões projetadas pelos casais nas entrevistas). Além do fato de delimitar tempo e colocar-me para andar com minhas próprias pernas no sentido de produzir, de ir em frente com o trabalho.

Cabe informar ao leitor que as orientações foram gravadas e constituíram material útil para o processo de escrita e elaboração da dissertação. O material das gravações serviu de instrumento útil na elaboração da escrita, na preparação e orientação para a execução das entrevistas. As gravações funcionavam às vezes como guia para avaliação e acompanhamento do trabalho. Através das gravações pude trabalhar no campo da elaboração, isto é, ao ouvi-las eu pensava e repensava sobre meu caminho na feitura da dissertação, o que já havia sido pensado anteriormente, o que se poderia modificar, entre outros.

8.3 Meu amadurecimento pessoal à partir da feitura da dissertação

Junto à feitura da dissertação, pude perceber-me, vivendo um processo de auto desenvolvimento e crescimento profissional e pessoal. O trabalho possibilitou-me refletir: O que é fazer uma dissertação a partir do método psicanalítico? A feitura da dissertação constitui-se numa busca. Minha dissertação está fundamentada na psicanálise, utilizei o método de inspiração psicanalítica na elaboração, a leitura do material também foi feita

utilizando o método psicanalítico. Em muitos momentos percebo, depois do caminho feito, como foi difícil e angustiante o percurso, ao lidar com uma herança de formação acadêmica mais positivista, numa passagem para o método psicanalítico.

Além destes aspectos, possibilitou perceber-me autora da dissertação, na medida em que dela participei ativamente, enquanto selecionava os temas, fazia questionamentos, refletia e buscava conceitos teóricos que mais respondiam às minhas indagações.

Fui, no decorrer de todo o processo, amadurecendo idéias, conceitos, pontos de vista, tornando minhas colocações mais claras através da linguagem escrita, enfim aprendendo a escrever uma dissertação. Todo o trabalho de pesquisa foi muito mobilizador, tanto as leituras quanto o contato com o material através das entrevistas contribuíram significativamente para meu crescimento enquanto pessoa, mãe, analista e pesquisadora, remetendo-me a lembranças afetivas de contato com meus pais, permitindo-me repensar o vínculo com meus filhos. Além disso, o contato com a turbulência emocional dos pais mobilizava em mim, em alguns momentos, reflexões sobre minha relação como mãe, e como analista de pequenos pacientes e pais.

Pude perceber a grande **importância do espaço para acolhimento das emoções** suscitadas pelo tema nos pais, fato que os levava a elaborar angústias e conflitos. No contato com os casais pude perceber a **eficácia do método psicanalítico** ao perceber-me continente, em outros momentos, nomeando e discriminando, junto aos pais, alguns de seus conflitos. O contato com o material, solicitava-me romper com o campo do **conhecer a priori**, isto é, para ouvi-los eu precisava abrir mão de teorias e conceitos, numa postura de ouvi-los “sem memória e sem desejo” (BION, 1973). Ao perceber que esta atitude e a continência das emoções dos pais, possibilitava-lhes uma maior abertura, pude fazer auto-descobertas, me senti mais **capaz**, desenvolvendo uma maior capacidade de continência. E foi gratificante

perceber-me mais **potente** como analista, ao observar, nomear e exercer uma função terapêutica, no contato das entrevistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, C. **Confidências de um recém-nascido**: psicografadas pelo pediatra. São Paulo: Scritta, 1993.

ALONSO, S.L. Interrogando o feminino. In: ALONSO, S.L.; GURFINKEL, A.C.; BREYTON, D.M. (Org.). **Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo**. São Paulo: Escuta, 2002. p. 13-29.

ARAÚJO, J.N.G. de. Função paterna e constituição dos grupos sociais. In: ARAÚJO, J.N.G. de; SOUKI, L.G.; FARIA, C.A.P. de (Org.). **Figura paterna e ordem social**: tutela, autoridade e legitimidade nas sociedades contemporâneas. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. parte 1. p. 17-28.

ARAÚJO, M. de F. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia**: ciência e profissão, Brasília, v. 22, n. 2, p. 70-77, 2002.

BACCARIN, M.I. **Aprendendo a pensar, pensando o aprender as origens afetivas do pensar**. 2000. 273p. Tese (Doutorado em Saúde Mental) – Faculdade de Ciências Médicas, UNICAMP, Campinas, 2000.

BAL, M.D. A revolta contra os pais à revolta dos pais. In: ARAÚJO, J.; SOUKI, L.; FARIA, C. (Org.). **Figura paterna e ordem social**: tutela, autoridade e legitimidade nas sociedades contemporâneas. Belo Horizonte: Autêntica; PUC Minas, 2001. cap. 3, p. 41-58.

BARRIGUETE MELENDEZ, J. A. et al. A função do pai na consulta terapêutica pais-bebês e no tratamento do transtorno alimentar na criança. In: SILVA, M.C.P. da (Org.). **Ser pai, ser mãe**: parentalidade; um desafio para o terceiro milênio. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. parte 2, cap. 5, p. 57-65.

BARRIGUETE MELENDEZ, J.A.; SOTO, F. El estudio de las interacciones precoces: función paterna, contra-transferência y enation en la consulta terapéutica con los bebés. **Rev. De Cabeza**, n. 5, p. 8-14 e 30, 1997. abr-jun.

BERENSTEIN, I. Releyendo “família y estructura famniliar”: 10 años después. In: BERENSTEIN, I. et al. **Família e inconsciente**. Buenos Aires: Paidós, 1996. p. 13-33.

BIANCHEDI, E.T. de. Critérios de curación y objetivos terapéuticos en el psicoanálisis. Melanie Klein. **Revista Psicoanálisis**: ayer y hoy, n. 2, p. 1-4, 2004.

BÍBLIA Sagrada, São Paulo: Paulus [1990]. 1631p.

BION, W.R. A theory of thinking. In: _____. **Second thoughts**: selected papers on psychoanalysis. London: Jason Aronson, 1993. cap. 9, p. 110-119.

BION, W.R. **Atenção e interpretação**: uma aproximação científica à compreensão interna na psicanálise e nos grupos. Rio de Janeiro: Imago, 1973. 142p.

_____. Cesura. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 15, p. 123-136, 1981.

_____. **Cogitações**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. **Os elementos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1966. 211p.

BLEGER, J. **A entrevista psicológica**: seu emprego no diagnóstico e na investigação. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

BORGES, M.L. **As possibilidades de desenvolvimento de uma identidade feminina adulta e suas relações com as vivências edípicas**. 2001. Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

DOLTO, F. **No jogo do desejo**: ensaios clínicos. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996. 295p.

DOR, J. **O pai e sua função em psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Caderno de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, mar. 2002.

ERTHAL, T. Técnicas e instrumentos de avaliação. In: _____. **Manual de psicometria**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987. cap. 3, p. 48.

FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976a. v. 19, p. 217-228.

_____. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976b. v. 19, p. 179-188.

_____. Análise terminável e interminável (1937). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1975a. v. 23, parte 3 (Rendimento teórico), p. 239-287.

_____. Fragmentos da análise de um caso de histeria (1905). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1975b. v. 7, p. 5-128.

FREUD, S. Moisés e monoteísmo: três ensaios (1939). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1975c. v. 23, p. 11-160.

_____. Sexualidade feminina. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1975d. v. 21, p. 259-282.

FREUD, S. Sobre a psicoterapia (1905). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1975e. v. 7, p. 267-282.

_____. Totem e tabu (1913). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 13, p. 17-194.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989. v. 2, p. 118-226.

GOMES, M.C.P. O renascimento de Édipo ou a importância da função paterna na configuração das famílias atuais. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 843-871, 2001.

GUTMAN, J.; GASPARI, R.C. Funcion paterna. Dos modalidades de circulación: renuncia y cesion. In: BERENSTEIN, I. et al. **Família e inconsciente**. Buenos Aires: Paidós, 1996. p. 128-151.

HERRMANN, F. **Clínica psicanalítica: a arte da interpretação**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. Investigação psicanalítica. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 55/56, p. 7-18, jun. 1997.

_____. Uma aventura: a tese psicanalítica. In: SILVA, M.E.L.da.(Coord.). **Investigação e psicanálise**. Campinas: Papyrus, 1993. p. 133-157. Entrevista concedida a Maria Emilia Lino da Silva.

HURSTEL, F. **As novas fronteiras da paternidade**. Campinas: Papyrus, 1999.

KATZ, G.; COSTA, G.P. O adolescente e a família pós-moderna. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 30, n. 2, p. 329-340, 1996.

KERL, M. Lugares do feminino e do masculino na família. In: COMPARATO, M.C.; MONTEIRO, D. (Org.). **A criança na contemporaneidade e a psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. cap. 2, p. 29-38.

KLEIN, M. Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê. In: KLEIN, M. et al. **Os progressos da psicanálise**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 365p. cap. 6, p. 16-255.

_____. A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego (1930). In: _____. **Contribuições à psicanálise**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981a. p. 295-314.

_____. O complexo de Édipo à luz das primeiras ansiedades (1945). In: _____. **Contribuições à psicanálise**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981b. p. 425-490.

_____. O desenvolvimento inicial da consciência na criança (1933). In: _____. **Contribuições à psicanálise**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981c. p. 335-348.

KLEIN, M. Princípios psicológicos da análise infantil (1926). In: _____. **Contribuições à psicanálise**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981d. p. 177-192.

KOSTMAN, A. Grávidas... **Veja**, São Paulo, v. 6, p. 76-82, out. 2004.

LACAN, J. Sobre o complexo de Édipo. In: _____. **O seminário**. Livro 4: a relação de objeto. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995. cap. 12, p. 203-219.

LANGER, M. **Maternidade e sexo**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. 266p.

LEBOVICI, S. Diálogo Leticia Solis-Ponton e Serge Lebovici. In: SILVA, M.C.P. da (Org.). **Ser pai, ser mãe: parentalidade; um desafio para o terceiro milênio**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. parte 1, cap. 1, p. 21-27.

LEBOVICI, S.; SOLIS-PONTON, L.; BARRIGUETE MENENDEZ, J.A. A árvore da vida ou a empatia metaforizante, o *Enactment*. In: SILVA, M.C.P. da (Org.). **Ser pai, ser mãe: parentalidade; um desafio para o terceiro milênio**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. parte 1, cap. 3, p. 41-45.

LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 339p.

MARTHE, M. A tirania adolescente. **Veja**, São Paulo, p. 70-77, fev. 2004.

MONTGOMERY, M. **O novo pai: a dimensão da paternidade**. São Paulo: Saraiva, 1992.

MORAES, M.L. A estrutura contemporânea da família. In: COMPARATO, M.C.; MONTEIRO, D. (Org.). **A criança na contemporaneidade e a psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. cap. 1, p. 17-24.

MORAES, V. de. **A arca de Noé 2**. São Paulo: Ariola, 1980. 1 CD.

OCARIZ, M.C. Feminilidade e função materna. In: ALONSO, S.L.; GURFINKEL, A.C.; BREYTON, D.M. (Org.) **Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo**. São Paulo: Escuta, 2002. 349p. cap. 8, p. 277-287.

PEREZ, M. De poeta, de médico e de louco, todos temos um pouco. In: _____. **Saber e ser: reflexões à luz da psicanálise**. Porto Alegre: Clínica Pinel, 2001. cap. 3, p. 21-56.

PICK, S.; LÓPEZ, A. Cómo se recoleta la información. In: _____. **Como investigar en ciencias sociales**. México: Editorial Trillas, 1984. cap. 4, p. 51-83.

REZENDE, A.M. de. **A identidade do psicanalista: função e fatores**. Taubaté: Cabral Ed., 2000.

RIBEIRO, M.; WIERMAN, M. Supervisão: exercício da função paterna em psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 38, n. 1, p. 59-76, 2004.

RUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. 199p.

SILVA, M.C.P da. O processo de construção da tese de doutorado: a herança psíquica na clínica psicanalítica. In: HERMANN, F.; LOWENKRON, T. (Org.). **Pesquisando com o método psicanalítico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004a. p. 287-298.

_____. Prefácio à primeira edição. In: SILVA, M.C.P. da (Org.). **Ser pai, ser mãe: parentalidade; um desafio para o terceiro milênio**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004b. p. 9-10.

SILVA, M.E.L. da. **Pensando o pensar com W.R. Bion**. São Paulo: MG Editores, 1988. 116p.

SOIFER, R. **Psicologia da gravidez, parto e puerpério**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 124p.

SOLIS-PONTON, L. A construção da parentalidade. Tradução de Maria Cecília Pereira da Silva. In: SILVA, M.C.P. da (Org.). **Ser pai, ser mãe: parentalidade; um desafio para o terceiro milênio**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. cap. 2, p. 29-40.

_____. O início da parentalidade, tornar-se mãe, tornar-se pai. As interações dos pais e da criança antes do nascimento. In: SILVA, M.C.P. da (Org.). **Ser pai, ser mãe: parentalidade; um desafio para o terceiro milênio**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. parte 3, cap. 10, p. 115-122.

WEBER, L. O que falta é afeto. **Veja**, São Paulo, v. 37, n. 22, p. 13-15, jun. 2004. Entrevista concedida a Daniela Pinheiro.

WINNICOTT, D.W. **A criança e o seu mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

_____. **A família e o desenvolvimento do indivíduo**. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.

_____. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. Teoria do relacionamento paterno-infantil (1960). In: _____. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. cap. 3, p. 38-54.

_____. **Tudo começa em casa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZAGURY, T. **Sem padecer no paraíso: em defesa dos pais ou sobre a tirania dos filhos**. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 1991.

ZIMERMAN, D.E. O grupo familiar: normalidade e patologia da função materna. In: _____. **Fundamentos psicanalíticos, teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. cap. 7, p. 103-110.

_____. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ANEXOS

ANEXO 1

CARTA INFORMATIVA À DIREÇÃO DA ESCOLA

Prezada Diretora

Estou realizando, enquanto aluna mestranda em Psicologia aplicada pela Universidade Federal de Uberlândia, uma pesquisa relacionada à “Função materna e função paterna”. Para uma maior fundamentação prática de meu trabalho de pesquisa, necessito de algumas informações através de entrevistas que serão feitas a casais de pais na faixa etária de 25 a 40 anos que possuam filhos de zero a nove anos. Para tal solicito sua colaboração na indicação de alguns pais que se disponibilizem em colaborar com a pesquisa cedendo algumas horas para uma entrevista. Além disso, gostaria que pudesse me ceder um local para que as entrevistas pudessem ser feitas na escola. Caso isto não seja possível, as mesmas serão feitas em meu consultório.

Cabe informar que os dados obtidos nas entrevistas serão analisados mantendo em sigilo o nome das pessoas e também o da escola, não implicando em risco ou ônus de qualquer natureza para as pessoas envolvidas, que terão liberdade de interromper sua colaboração caso não se sintam à vontade.

Ao final do estudo e aprovado pela pós-graduação, pais e escola interessados receberão um retorno dos resultados da pesquisa.

Contando com sua valiosa colaboração, agradeço

Maria Luiza Soares Ferreira Borges
Psicóloga - C. R. P. 9007/4
Consultório: R. Rio Preto, 599 - Fone: 3236-4099

ANEXO 2

CARTA INFORMATIVA AOS PAIS

Prezados Pais

Estou realizando, enquanto aluna mestranda em Psicologia Aplicada na Universidade Federal de Uberlândia, uma pesquisa relacionada à “Função materna e da função paterna”.

Para uma maior fundamentação da parte prática da pesquisa necessito de algumas informações, através de uma entrevista para qual sua colaboração é valiosa e imprescindível.

Devo lhes informar que os dados obtidos pela entrevista serão analisados mantendo em sigilo suas identidades, não implicando em riscos ou ônus de qualquer natureza, aos senhores enquanto entrevistados, que terão liberdade de interromper sua colaboração, caso não se sintam à vontade. A entrevista será feita na escola.

Ao final do estudo, aprovado pela pós-graduação, os senhores receberão um retorno dos resultados da pesquisa.

Contando com sua colaboração, agradeço

Maria Luiza Soares Ferreira Borges
Psicóloga - C. R. P. 9007/4
Consultório: R. Rio Preto, 599 - Fone: 3236-4099

ANEXO 3**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Nós _____ pais, por meio deste documento nos declaramos cientes dos objetivos da pesquisa sobre “função materna e paterna na atualidade” cujos objetivos na entrevista serão de coleta de dados. Estamos cientes que os dados serão analisados, mantendo nossa identidade em sigilo, não implicando em risco ou ônus de qualquer natureza para as pessoas envolvidas, que terão liberdade de interromper sua colaboração caso não se sintam à vontade.

Consentindo com tais procedimentos assinamos abaixo:

Orientadora Maria Inês Baccarin

Tel: (34) 3129-3988

Pesquisadora Maria Luiza S. F. Borges

Tel: (34) 3236-4099

Comitê de Ética

Tel: (34) 3239-4131